UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO\
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
NÚCLEO DE ESTUDOS DAS DIVERSIDADES, INTOLERÂNCIAS E CONFLITOS
DIVERSITAS/FFLCH/USP

ANA LUCIA DE CAMARGO

Retratos de uma Casa de Candomblé na cidade de São Paulo

São Paulo
2018

ANA LUCIA DE CAMARGO

Retratos de uma Casa de Candomblé na cidade de São Paulo

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades do Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos – DIVERSITAS, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Diversidades, Direitos e outras Legitimidades.

Orientadora: Profa. Dra. Margarida Maria Moura.

São Paulo
2018

CAMARGO, Ana Lucia de. **Retratos de uma Casa de Candomblé na cidade de São Paulo.** Dissertação de apresentada ao Programa de Pós-graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades do Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos – DIVERSITAS para a obtenção do título de Mestra em Diversidades, Direitos e outras Legitimidades.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Dedico em especial este trabalho ao meu filho Rafael, o maior presente que recebi na vida.

Aos Orixás pela inspiração e por existirem em minha vida!

AGRADECIMENTOS

Pelo amor e companheirismo da Bethinha.

Às minhas famílias de sangue, de santo, de dança, de política, de amigos por todo incentivo, afeto e carinho.

Ao meu querido Pai Francisco que tanta importância tem na minha vida, à Mãe Silvana e à Mãe Camila e todos meus irmãos de santo que contribuíram para que a pesquisa de campo pudesse existir.

À minha querida orientadora Margarida Maria Moura, quero deixar um carinho especial pela dedicação e delicadeza que me conduziu pelos caminhos do saber.

Aos amigos do Gaia que tanto dividiram seus conhecimentos e ao Diversitas-USP por me dar esta oportunidade.

Quero lembrar de pessoas que foram para o Orun no andamento desta pesquisa, mas que contribuíram de alguma forma para que ela se realizasse, Dona Rita de Omolu e Ebomi Leandro.

Ao ser maravilhoso que acompanhou a escrita desta dissertação, em alguns momentos ela pulava, passava na frente da tela e subia no meu colo para ronronar, vou lembrar sempre desse carinho Loli.

Enfim, só posso desejar muito Asé a todos e todas que estiveram comigo nesta jornada!

*Kiní jé kini jé odo
Iemanjá wo
A kóta de ere'se
Aoiô omí ro.*

*O que buscar, o que buscar no rio?
Iemanjá tem o segredo
O grande peixe vive no Oceano
Aoiô das águas barulhentas.*

Cantiga de Candomblé

RESUMO

CAMARGO, A. L. **Retratos de uma Casa de Candomblé na cidade de São Paulo**. 2018. 195 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades. Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos – DIVERSITAS. Faculdade de Filosofias, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2018.

Retratos de uma Casa de Candomblé na cidade de São Paulo, traz uma pesquisa que trabalha com a etnografia como forma de aferir o cotidiano de um Ilê (Casa de Candomblé) urbano, que sobrevive em São Paulo desde 1988, em uma região de classe média, cercado de edifícios, preconceitos e intolerância religiosa. Muitos registros fotográficos foram realizados e parcela deles compõe a iconografia da pesquisa, essas imagens expressam a forma de ver e de viver do povo do santo na cidade, mas que possui ligações com as casas ancestrais no Recôncavo Baiano e em Salvador, além de fazer parte de uma Família de Santo que se ramifica através de outros Ilês. A pesquisa procurou ter um olhar voltado para os Filhos de Santo e buscou escutar o que os Iyawôs, Abians, Ebomis, dirigentes do Ilê, dirigentes de casas ancestrais e pessoas públicas, tinham a falar sobre as relações vividas e como essas vivências afetavam suas vidas, como era a construção dessa Família de Santo e como solidificavam as relações de parentesco dentro do Ilê, partindo da observação participante e das imagens fotográficas, o processo segue realizando entrevistas que foram fundamentais para o entendimento desse sentimento que é “ser do santo”, ser uma pessoa iniciada ou prestes a passar pelos ritos de iniciação, tudo isso comparado com uma vasta bibliografia sobre o assunto, o texto que compõe essa dissertação foi construído. Foram entrevistadas 25 pessoas em um universo de 55 adeptos e partindo do questionamento de como o Candomblé entrou na vida deles e delas, cada um contou sua história para formar um mosaico de diversidade. As vivências, a forma de ensinar e aprender, os sentimentos antes de se iniciarem os ritos e a intolerância religiosa, foram preocupações observadas e retratadas no trabalho de campo. A pesquisa teve a oportunidade de acompanhar o processo de iniciação de duas Iyawôs desde o momento que elas se preparavam para os ritos de iniciação(2016) até o ano de 2018, onde passaram pelos primeiros rituais e na hora que estavam se “recolhendo”, na saída de santo, no final do preceito e um ano após realizarem a iniciação foram entrevistadas, pois a ideia era expressar o sentimento vivido naqueles momentos. Os trânsitos territoriais e religiosos foram detectados, e um fator recorrente na vida da maioria dos entrevistados foram suas vivências na Umbanda. Outra questão interessante que

a pesquisa aferiu foi a introdução das crianças no ambiente e nos ritos do Candomblé e por último a questão da intolerância religiosa que aparece como uma constante na vida das pessoas e na Casa de Candomblé.

Palavras-chave: Candomblé; Intolerância; Etnografia; Preconceito; Religião.

ABSTRACT

CAMARGO, A. L. **Portraits of Candomblé house in the city of São Paulo**. 2018. 195 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades. Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos – DIVERSITAS. Faculdade de Filosofias, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2018.

Portraits of a Candomblé House in the city of São Paulo brings a research which works with ethnography as a way to measure the daily life of an urban Ilê (Candomblé House), which remains in São Paulo since 1988, in a middle-class region, surrounded by buildings, prejudices and religious intolerance. Many photograph logs were realized and some of them compose the iconography of the research. This image expresses a way of seeing and living of the people of saint group in the city, which has connections with ancestral houses at Recôncavo Baiano and Salvador, besides being part of a Sant's Family, which branches through other Ilês. The research aimed to look at the Children of Saint and listen what the Iyawôs, Abians, Ebonis, respectively the leaders of Ilês, the leaders of ancestral houses and public people, had to say about the lived relations and how these livings affected their lives, how was the construction of this Sant's Family and how they solidified the family relations inside the Ilê. Beginning with participant observations and photographs, the process follows realizing interviews which were fundamental to understand this feeling which is being of the holy, being an initiated one or a person about to pass through the initiation rites, all of this compared with a wide bibliography about this subject, building this work. A total number of 25 people were interviewed inside a group of 55 people, beginning with a question about how the Candomblé entered in their lives, each one told their history to form a diversity mosaic. The livings, the way of teaching and learning, the feelings before the beginning of the rites and the religious intolerance were concerns observed and portrayed in the field work. The research had the opportunity to go along the process of initiation of two Iyawôs, since the moment they were preparing to the rites (2016) to the year of 2018, when they passed through the first rites and in the hour, they were gathering, in the saint's exit, at the end of the precept and one year after they realized the initiation. At each one of these moments, they were interviewed, since the idea was to express the feelings, they lived at each one. The territorial and religious moving were detected, and a frequent variable in the life of the subjects were their livings at the Umbanda. Other interesting question which the research measured were the introduction of children in the environment and the rites

of the Candomblé and the religious intolerance question, which appears as a constant in the people's life and at the Candomblé House.

Keywords: Candomblé; Intolerance; Ethnography; Preconception; Religion.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Ilê Ásé Iyá Nassô Oká – conhecido como Casa Branca do Engenho Velho – Salvador/ Bahia – Iyá Nitinha e Pai Francisco	23
Fotografia 2 - Ilê Àsé Ibece AlaKetu Ogum Megegê, - Sítio Portão – Muritiba/ Bahia – 19/01/2010	23
Fotografia 3 - Santeria Cubana – Regla de Ocha – Havaba/Cuba – 17/12/2012	24
Fotografia 4 - Ilê Àsé Opó Ofonjá – Salvador/Bahia – 18/10/2012.....	24
Fotografia 5 - Grupo Umbandista Cristão Younarûê – São Paulo/ SP – 25/05/2014	24
Fotografia 6 - Objetos da Religiosidade Afro-Brasileira e Afro Cubana – USP – Disciplina do Afro ao Brasileiro – 16/10/2014	25
Fotografia 7 - Oferendas - Festa de Iemanjá – Rodovia Anchieta – 06/12/2014	25
Fotografia 8 - Missa Afro - Igreja de Nossa Senhora do Rosários dos Homens Pretos – Salvador/ Bahia- 23/12/2014	25
Fotografia 9 - Iemanjá – Rio Vermelho – Salvador/ Bahia – 24/12/2014.....	26
Fotografia 10 - Igreja São Roque e São Lázaro – Salvador/Bahia – 29/12/2014.....	26
Fotografia 11 - Festa do Rosário e São Benedito – Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Penha – São Paulo/ SP – 21/06/2015	26
Fotografia 12 - Museu Afro Brasil – Parque do Ibirapuera – São Paulo/SP – 21/11/2015.....	27
Fotografia 13 - Casa das Minas – Tambor de Mina – São Luís / Maranhão – 30/12/2015	27
Fotografia 14 - Comidas Utilizadas em Ritual – Bori – janeiro/2018.....	37
Fotografia 15 - Roça de Candomblé – Ilê Ópó Afonjá – Salvador/BA – 18/10/2014	38
Fotografia 16 - Satélite – Ilê Ásé Afeemojumó – 11/08/2018	39
Fotografia 17 - Entrada do Ilê Àsé Afemojumó- 03/05/2016	41
Fotografia 18 - Casa de Esú e Assentamento das Ííyamis (Mãe Ancestrais) - 03/05/2016	41
Fotografia 19 - Assentamento de Alê – 03/05/2016.....	42
Fotografia 20 - Barracão de Candomblé – 03/05/2016	42
Fotografia 21 - Quarto das Ayabás -03/05/2016	43
Fotografia 22 - Quarto das Aiabás e assentamentos de Orixás – 03/05/2016.....	43
Fotografia 23 - Quarto de Omolu, Nanã, Oxumaré, Ossãe Ewá, conhecidos como Povo da Palha – 03/05/2016.....	44

Fotografia 24 - Sala de refeições – 03/05/2016.....	44
Fotografia 25 - Cozinha- 03/05/2016	45
Fotografia 26 - Sabagi – 03/05/2016.....	45
Fotografia 27 - Roncó (Ebomi de Osalufan e Lopin) – 21/07/2015.....	46
Fotografia 28 - Reforma – Derrubada do Roncó Antigo.....	48
Fotografia 29 - Reforma – Derrubada do Roncó e dos quartos de Santo.....	48
Fotografia 30 – Reforma - Construção do novo Roncó, Sabagi e sala de televisão.....	48
Fotografia 31 – Reforma - Construção do Novo Roncó.....	49
Fotografia 32 - Reforma - Construção do Novo Barracão	49
Fotografia 33 - Reforma – Construção do Novo Sabagi	49
Fotografia 34 - Reforma - Aterramento do Quintal para construção do Novo Barracão	50
Fotografia 35 - Reforma - Aterramento do quintal e Poço de Águas Fluviais.....	50
Fotografia 36 - Reforma – Lage da Nova Construção - 2013/2014	50
Fotografia 37 - Barracão de Candomblé – 15/04/2017	51
Fotografia 38 - Barracão de Candomblé preparado para Festa de Oxóssi – 22/09/2018	52
Fotografia 39 - Travessa Henrique Arcuri s/n – 13/08/2018.....	53
Fotografia 40 - Travessa Henrique Arcuri – 13/08/2018	53
Fotografia 41 - Portão da Casa de Candomblé – Travessa Henrique Arcuri – 13/08/2018	54
Fotografia 42 - Aniversário do Pai Francisco – Travessa Henrique Arcuri – 01/05/2018.....	55
Fotografia 43 - Aniversário do Pai Francisco – Escola de Samba Unidos dos Palmares – 01/05/2018	55
Fotografia 44 - Aniversário do Pai Francisco – Barracão de Candomblé – 01/05/2018.....	56
Fotografia 45 - Terreno na Travessa Henrique Arcuri que pode vir a sediar o projeto de Horta Comunitária do Ilê Asé Afeemojumó 22/09/2018.....	56
Fotografia 46 - Estatuto Social – 25/07/2018.....	57
Fotografia 47 - Livro de registros dos iniciados do Ilê Asé Afeemojumó 12/02/2017	58
Fotografia 48 - Todos juntos trabalhando -Iya Egbé, Ekede, Ogã, Ebomi, Iyawó e Abians – 17/09/2016	59
Fotografia 49 - Aprendendo e Ensinando – 17/09/2016.....	60

Fotografia 50 - Objetos sacralizados – 21/04/2018	61
Fotografia 51 - Quarto de Santo - 15/04/2017	61
Fotografia 52 - Padê de Esú - foto tirada na Sede do Bloco Afro Filhos de Gandhi - Salvador/ Bahia – 20/11/2016	62
Fotografia 53 - Pai Francisco e Mãe Silvana – 21/02/2006	63
Fotografia 54 - Iyawó de Oxum - 06/11/2013	64
Fotografia 55 - Orixá Iansã - 24/11/2011	65
Fotografia 56 - Filhos de Santo – 03/04/2010	66
Fotografia 57 - Filhos de Santo - 10/03/2017	66
Fotografia 58 - Festa das Aiabás – Orixás em meio a informatização – 14/11/2015	67
Fotografia 59 - Babalorixá, Iyá Egbé e Iyá Kekerê – 21/10/2016	69
Fotografia 60 - Atabaques – 27/09/2015	70
Fotografia 61 - Cantar é louvar e se comunicar com o Orixá. Festa de Omolu - 12/08/2017 ..	70
Fotografia 62 - Orixá abraçando assistência – 24/09/2011	71
Fotografia 63 - Iyawó de Oxum no Roncó – 16/06/2017	72
Fotografia 64 - Ebomis de Ogum e Iyawó de Xangô – 18/07/2009	73
Fotografia 65 - Família de Santo do Ilê Asé Afeemojmó - 26/05/2017	75
Fotografia 66 - Dona Rita, ela tinha por volta de 90 anos, era iniciada (em Sergipe) e visitava a Casa nos dias de festa, amava estar no Candomblé, era a primeira a chegar em todas as festas, conheceu o Pai Francisco ainda menino e o acompanhou desde então - 14/11/2011.	91
Fotografia 67 - Mãe Cacho - 20/09/2018	93
Fotografia 68 - Tio Jorge Amorim - 5/11/2016	94
Fotografia 69 - Mãe Juju - 05/11/2016	96
Fotografia 70 - Felipe Brito - 08/08/2018	97
Fotografia 71 - Rodrigo Gomes - 21/01/2017	98
Fotografia 72 - Chegando para a iniciação – 06/03/2016	116
Fotografia 73 - Iyawó no Roncó, já estão em transe, esperando o momento para serem encaminhadas para o Barracão de Candomblé – 17/03/2016	116

Fotografia 74 - Saída de Iyawó no Barracão de Candomblé, elas estão batendo “paó”, palmas rítmicas que acompanham todos os rituais e são uma saudação para os Orixás – 17/03/2016	117
Fotografia 75 - Oxalufan. Iaô em transe ritual – 17/03/2016	118
Fotografia 76 - Oxum, Iaô em transe ritual – 17/03/2016	118
Fotografia 77 - Osalufan, dança com seu paxorô – 17/03/2016.....	118
Fotografia 78 - Oxum, momentos antes do Orukó, onde o nome será informado a comunidade – 17/03/2016	119
Fotografia 79 – Osalufan, depois de informado o nome à comunidade, é tirado o Odosú da iniciada, é colocada uma roupa ritual no Orixá e ele dança no Barracão de Candomblé – 13/03/2016.....	119
Fotografia 80 - Pai Francisco observa Oxalufan e o Paxorô, o Babalorixá é cuidadoso ao tratar os Orixás e se comunica com eles durante a Festa – 17/03/2016.....	119
Fotografia 81 - Iyawó de Osalufan e Oxum- Ensaio Fotográfico - 26/05/2017.....	120
Fotografia 82 - Iyawó de Osaguian, pai e mãe, este momento é quando a Iaô de Osaguian está ingressando na casa de Candomblé para começar sua iniciação - 02/01/2018....	120
Fotografia 83 - Iyawó de Osaguian e Ebomi de Oxum, saída da Iaô de Osaguian, durante sua iniciação - 12/01/2018	121
Fotografia 84 - Família de Santo e Biológica da Iyawó de Osaguian, ritual da saída de santo da Iyawó de Osaguian - 12/01/2018	121
Fotografia 85 - Festa da Aiabás (Orixás se preparando para entrar no Barracão) – 14/11/2015	125
Fotografia 86 - Orixá Ogum – 18/08/2018 – Saída de Ogã	126
Fotografia 87 - Jogo de Búzios. Localizado no Sabagi uma saleta que antecede o Roncó – 01/01/2018	128
Fotografia 88 - Barco (Nome dado ao grupo de iniciação) – 12/01/2018	129
Fotografia 89 - Limpeza do Barracão – 23/11/2017.....	130
Fotografia 90 - Orukó (Ato no qual o Orixá se apresenta ao Ilê, através do nome) – 21/10/2016	131
Fotografia 91 - Orukó (Ekede de Iemanjá e Padrinho Orixá Osaguian) – 12/01/2018.....	132
Fotografia 92 - Conversa e ensinamentos durante rituais no Ilê – 17/12/2013	133
Fotografia 93 - Obrigação de sete anos – 14/01/2018.....	134
Fotografia 94 - Saída de Santo Iyawó – 12/01/2018	134

Fotografia 95 - Festa de Oxalá – 2015	134
Fotografia 96 - Festa da Aiabás – 05/11/2016.....	135
Fotografia 97 - Iyá Egbé Mãe Silvana - 18/07/2009	136
Fotografia 98 - Festa das Aiabás - Ogãs – 05/11/2016.....	137
Fotografia 99 - Ogãs – Família de Ásé – Junho/ 2018	138
Fotografia 100 - Iansã – 14/11/2015	141
Fotografia 101 - Crianças recolhem as Folhas de Oxóssi. 22/09/2018	142
Fotografia 102 - Crianças Brincando	143
Fotografia 103 - Festa de Xangô. 23/07/2016	143
Fotografia 104 - Ebomi de Osalufan, Ebomi de Osaguiã e Ogã. Festa de Oxalá 2018 – 14/01/2018	144
Fotografia 105 - Orixá Osaguiã (Padrinho) carrega o Iyawó de Osalufan na Saída dos Iyawó - 26/01/2009	146
Fotografia 106 - Iyawó de Iansã (mãe) e filhos Iyawó de Osalufan e Iyawó de Osaguiã - 06/01/2018	146
Fotografia 107 - Iyawó de Osaguiã com sua família, avó, irmão e o tio o Ebomi de Osaguiã - 12/01/2018.....	147
Fotografia 108 - Ogã de Osaguiã, Iyawó Oxum (1), Iyawó Oxum (2) - Saída de Santo 17/08/2018	147
Fotografia 109 - Iyawó de Oxum(2). festa da Aiabás 2017. 25/11/2017	148
Fotografia 110 - Iyawó de Oxum (1), participando da Festa de Erê - 27/09/2015.....	149
Fotografia 111 - Ogã de Osaguiã observando o Candomblé, ainda não era iniciado - 17/03/2016	149
Fotografia 112 - Ogã de Osaguiã e Iyawó de Oxum (1). Festa de Xangô - 17/08/2018.....	150
Fotografia 113 - Iyawó de Oxum (2). Festa de Xangô - 17/08/2018	150
Fotografia 114 - Ogã de Osaguiã e Iyawó de Oxum (1)- Saída de Santo - 17/08/2018.....	151
Fotografia 115 - Amigo secreto - 29/11/2015	152
Fotografia 116 - Apresentação de um Grupo de Dança do Ventre – 03/08/2014	152
Fotografia 117 - Ato contra a intolerância religiosa, entrega de abaixo assinado na Polícia Federal de São Paulo, ao fundo Iyalorixá e Babalorixás de várias Casas da Cidade de São Paulo, em destaque Pai Francisco - 23/03/2015	152

Fotografia 118 - Ato Contra intolerância religiosa na Câmara de Vereadores da Cidade de São Paulo	153
Fotografia 119 - Almoço coletivo no Ilê Asé Afeemojumó - 16/01/2015	153
Fotografia 120 - Momentos de descontração, a Família de Santo se reúne para conversar e se divertir - 26/03/2017	153
Fotografia 121 - Aniversário no Babalorixá - 01/05/2015	154
Fotografia 122 - As Selfies entram na nossa vida e no espaço do Ilê também. Pai Francisco tira uma selfie com Mãe Cacho em visita à Casa de Candomblé.	154
Fotografia 123 - Retratos. O cuidado com a aparência e os símbolos do Asé - 26/05/2017..	154
Fotografia 124 - Retratos- O sorriso sereno de quem sabe onde está pisando - 26/05/2017..	155
Fotografia 125 - Mãe Camila, a Iyá Kekerê da Casa - 18/07/2009	155
Fotografia 126 - Retratos. O Olhar questionador do Rapper Marcelo Gugu - 26/05/2017	155
Fotografia 127 - Pessoa carregando dois Quelês, um de Oxalá e outro de Iemanjá - 14/01/2007	156
Fotografia 128 - Mãe Silvana dança com Orixá Ogum. A dança revive os mitos que contam as histórias de cada Orixá - 24/05/2008	157
Fotografia 129 - Iyawó de Oxóssi é conduzido no ritual de iniciação por Ebomi, o Orixá está nascendo e o Iyawó também, todo cuidado ao conduzir as pessoas para esse nascimento ritual - 12/01/2018	157
Fotografia 130 - Ewá, dança e se manifesta, conta sua história através de gestos - 14/11/2012	158
Fotografia 131 - Omolu – Saída de Santo do Iyawó de Omolu, na dança ele demonstra suas chagas e diz que é o Senhor da Terr - 15/01/2015.....	158
Fotografia 132 - Transe. Oxóssi se manifesta em seu filho/ Iyawó que dança no Barracão de Candomblé - 23/07/2016	159
Fotografia 133 - Oxum dança levemente como se estivesse flutuando sobre as águas - 22/09/2018	159
Fotografia 134 - Atividade Águas de Oxalá 16 anos de luta - 08/10/2016	174
Fotografia 135 - Marcha contra intolerância religiosa, ogãs, equedes, ebomis, Iyawôs, abians, lutando pelo seu Asé - 08/08/2018	175

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esboço da divisão interna do Ilê Asé Afeemojumó, contendo os dois andares que são dedicados ao candomblé	40
Figura 2 - Respostas sobre o tempo de iniciado	164
Figura 3 - Respostas sobre o local de nascimento	165
Figura 4 - Respostas sobre a etnia	165

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
1.1 RETRATOS DE UMA BUSCA PELAS RAÍZES	22
2 PEDACINHOS AFRO-BRASILEIROS	32
2.1 A REFORMA NO ILÊ	48
3 RETRATOS DOS ENTREVISTADOS E ENTREVISTADAS	76
3.1 QUANDO O CANDOMBLÉ ENTRA NA VIDA DAS PESSOAS	76
3.2 TRANSMITINDO ASÉ – A ETNOGRAFIA DE UM IMPORTANTE RITO DE INICIAÇÃO	99
3.2.1 Março/2016 – Etnografia de uma iniciação da Iyawó de Osalufã e da Iyawó de Oxum	99
3.2.2 Março/2016 - Iyawó de Oxum	106
3.2.3 Retratos da etnografia de um rito	116
3.2.4 Algumas observações sobre as entrevistas	121
4 RECRIANDO ELOS - A FAMÍLIA DE SANTO	125
5 DO LADO DE FORA DO ILÊ - O CAOS DA INTOLERÂNCIA	160
5.1 PERFIL DO GRUPO QUE RESPONDEU AO FORMULÁRIO	164
6 CONCLUSÃO.....	176
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	188
APÊNDICE	195

1 INTRODUÇÃO

Partindo da pergunta geradora que fiz a todos os entrevistados, “Como o Candomblé entrou na sua vida?”, comecei a pensar como escrever esta dissertação e achei que deveria começar pela minha própria história.

Na minha vida o Candomblé entrou ao longo de uma trajetória que passou por várias religiões, nasci nos anos sessenta e fui diagnosticada com o vírus da paralisia infantil, meus pais não sabiam como me curar e procuraram um Centro Espírita, fui tratada espiritualmente, por vários anos e esse vírus nunca se manifestou, mas o resultado desse episódio foi que meu pai começou a frequentar o Centro Espirita Kardecista João da Silva e se desenvolver, passou pelas várias fases de estudo do Kardecismo até sua partida para o Orun. Quando eu era pequena ele me levava a várias sessões de “passes” e de “cura”, cresci conhecendo a doutrina. Quando estava com 15 anos me encantei pelo grupo de jovens da Igreja Católica, lá aprendi a tocar violão, fiz parte de Encontros de Jovens com Cristo, até que fomos expulsos pelo Padre por fazer um trabalho social na comunidade, segundo ele “... éramos comunistas”! Depois comecei a fazer trabalhos sociais e conheci a Fraternidade Espírita Ramatís, cujo dirigente é meu tio e conhecendo um pouco da doutrina, comecei a trilhar esse caminho. Lá eu encontrava coisas maravilhosas, como trabalho com homeopatia, cristais, radiestesia, desdobramento astral, cromoterapia, yoga etc. Foi um período muito rico que carrego esses ensinamentos até os dias de hoje com muito carinho, eu era muito jovem e com o passar do tempo, ingressei na Faculdade de História e a realizar diversos tipos de militância política, atuação no Diretório Acadêmico e essa militância me levou para longe das atividades religiosas.

A vida às vezes nos afasta do caminho da religiosidade, e por um grande período fiquei voltada ao meu trabalho no movimento sindical, mas quando meu filho nasceu em 1991, comecei a pensar novamente na religiosidade pois precisava levar minha criança para “benzer”, coisas que maternidade opera para ver seu filho melhor. E no ano de 1992, no dia que meu bebê faria um aninho de vida ele estava gripado, com febre alta e levei o ao pediatra, na sala de espera ele convulsionou e foi socorrido imediatamente pela médica, ela me tomou a criança dos braços e se jogou dentro do carro da minha madrinha pedindo para ir para o hospital mais próximo que era a duas quadras do consultório. Meu filho foi medicado, mas estava muito mal, ele precisou ir para outro hospital, chegando lá eles fizeram os primeiros socorros necessários e falaram que ele precisava de uma UTI, o médico me disse “... mãe, se prepara para o pior....o caso dele é muito grave, está com meningite e não sabemos se podemos salva-lo...”, nesse momento meu mundo caiu, tudo apagou, meus pés ficaram sem chão.... era como se um pedaço de mim

estivesse sendo arrancado! Peguei a ambulância e fomos para um outro Hospital, já na UTI infantil, a febre não diminuía, os remédios não faziam efeito, tiveram que colocar um bebê de um ano dentro de uma bacia de gelo para baixar a febre... foi dramático! Nesse dia aquela criança fazia um ano de vida! Eu estava descontrolada... fui a Capela rezei e chorei muito... e pensei em tudo que eu sabia até aquele momento, comecei a aplicar cromoterapia, radiestesia, passe, tudo que eu lembrava... a febre começou a ficar intermitente... fui procurar algum lugar que pudesse me ajudar... cheguei em um centro perto do hospital(até hoje não sei onde fica) que aplicavam terapia das cores... e eles começaram a tratar meu filho à distância enquanto ele estava internado, também procuramos um Centro de Umbanda na rua da casa da minha mãe, que também começou a trata-lo a distância ... Ele começou a se recuperar, ficou 14 dias na UTI e depois foi para o quarto, hoje é um homem lindo de 27 anos e mora no Japão.

Comecei a frequentar o Centro de Umbanda do Pai Severino, para fazer o tratamento espiritual em meu filho, pois lá ele era tratado por uma equipe médica liderada pelo espírito do Dr. Cícero(que até os dias atuais eu acompanho) e por alguns anos me dediquei ao desenvolvimento de trabalhos na Umbanda, mas eu nunca incorporei nenhuma entidade e sempre exerci a função de cuidar dos outros, com o fechamento desse Centro de Umbanda, eu não quis pertencer a nenhum outro, até cheguei a visitar alguns, mas nunca me identifiquei.

Conheci o Candomblé através da minha companheira que era iniciada, mas que nunca havia frequentado nenhum Ilê, nos anos noventa ela era da Umbanda e foi lá que a conheci. Estava procurando um lugar para frequentar depois que fechou o Centro de Umbanda e foi convidada por uma pessoa para conhecer a casa do Pai Francisco e eu lhe disse que fosse sozinha porque estava cansada de ir lugares estranhos, ela foi e começou a frequentar e demorei um ano para ir conhecer, até que em uma Festa resolvi ir ver como era e me apaixonei pela Casa e pelo Candomblé. Cheguei no Ilê certa de que era filha de Oxum, pois todos os lugares que eu havia ido até então tinham me dado o Orixá Oxum, mas eu nunca havia consultado o Jogo de Búzios, demorei um tempo para conhecer a Casa e depois jogar, cerca de dois anos, depois no Jogo, apareceu como meu Orixá Iemanjá, fiquei surpresa, mas o jogo me pedia a iniciação e eu me vi com muito medo de assumir esse compromisso, pois acreditava que seria para a vida toda, pedi um “tempo” para que eu procurasse conhecer mais o Orixá, e ainda disse “... quero que minha iniciação seja pelo amor... preciso aprender a ama-la !”, e foi assim, depois um ano e meio desse Jogo de Búzios, eu amava Iemanjá, Oxum, Oxalá e todos os outros Orixás, estava encantada com aquela forma de viver e sentir e realizei minha iniciação.

Depois da minha iniciação, algo mudou, eu precisava entender como aquelas vivências influenciavam a formação das pessoas e modificavam suas vidas. Várias questões foram aparecendo e comecei a buscar algumas respostas.

Para tentar entender um pouco, comecei uma trajetória de pesquisa e vivências em alguns lugares do nosso país nos quais poderia ver e sentir a força dessa ancestralidade africana. Senti a necessidade de buscar essa raiz dentro do “barracão de candomblé” e acabei descobrindo que a chave estava na forma com a qual a pedagogia acontecia naquele lugar e fora dele. Foi visitando outros templos em São Paulo e em outros Estados do Brasil, além de outras formas de culto, comecei a pensar como a África e a cultura afro-brasileira era diversa e as expressões que encontramos também eram.

Algumas dessas incursões ao campo, trouxeram imagens e experiências para começar este trabalho, mas nesse momento, ainda não pensava em realizar uma pesquisa acadêmica, era uma forma de buscar o meu entendimento. Num primeiro momento, a coleta de informações foi desordenada e depois partes de um quebra cabeça foram se juntando, essa era forma muito parecida como meu “Pai de Santo” começava a contar uma história, as vezes começava uma conversa, depois puxava outra, daí mudava o eixo e no final, acabava juntando tudo para explicar alguma coisa. Esse modo de agir e pensar dentro da Casa de Candomblé, acabou aparecendo em todo meu trabalho de campo. Uma hora parei para pensar, como essa forma de vivenciar os momentos, os ritos e os mitos acabam sendo um alicerce para uma forma de pensar e agir.

Comecei a pensar em realizar uma pós-graduação e ingressei na Universidade, ora como aluna especial, ora como ouvinte. Cursando uma disciplina, assisti um documentário que me chamou a atenção para como as formas de ser e agir da nossa cultura tem a base na cultura africana, mais que isso, como no Terreiro de Candomblé é vivenciada, no filme “Atlântico Negro. Na rota dos Orixás”¹, do diretor Renato Barbieri trouxe a seguinte reflexão: “Muitos brasileiros, sentem forte atração pela África, por esse imenso Continente, ainda pouco conhecido entre nós. A África, faz parte do imaginário brasileiro e é um dos mais ricos e misteriosos!”. Comecei a pensar nesse imaginário e em como essa atração ocorria na prática, a cultura e a religiosidade une Brasil e África e como esse imenso Continente se reflete nesse imaginário Brasileiro e isso poderia se tornar um estudo que contribuísse para o entendimento dessa forma de pensar.

¹ Ver Documentário: Atlântico Negro – Na rota dos Orixás. Direção: Renato Barbieri. Projeto e Roteiro: Victor Leonardi e Renato Barbieri. Brasília-DF: Gaya Filmes, 1998. 1 DVD (75min), NTSC, color., Worldwide, PCM stereo.

Além de começar uma trajetória como Equede² em uma Casa de Candomblé, e ter que conciliar tudo isso com a vida pessoal e o trabalho, a pesquisa começava a nascer, através da observação e das fotos que estava fazendo em todos os lugares onde passava.

Comecei a querer ver as manifestações da religião que estava praticando, vivenciando novas possibilidades e analisando sobre como elas aconteciam.

Com o foco na construção desse imaginário, comecei a pesquisar de forma aleatória, conheci diversos templos, conversei com muitas pessoas, que contaram muito sobre a trajetória delas, como era sua “vivência na religião”, mas ainda não estava pesquisando regularmente, era mais uma vontade de entender e viver aquelas experiências, essa atitude começou a gerar uma série de registros e em cada um deles poderia ter uma história para contar, algumas delas estarão neste texto.

Participei de vários momentos e conheci vários lugares buscando as raízes dessa religiosidade e vivendo toda essa diversidade. a Festa de Iemanjá, no Rio Vermelho/BA, festa de Omolu na Roça/ Muritiba/BA, A festa de Oxum no Gantois/BA, o dia de Omulu na Igreja de São Roque São Lázaro/ BA, o Ilê Àsé Opó Afonja/ BA, a Casa Branca/ BA, a Casa das Minas em São Luís/MA, o Tambor de Mina/MA, o Tambor de Mina/ SP, as Irmandades Negras – Nossa Senhora do Rosário dos Pretos – BA/SP, Festa de Iemanjá/ SP, Terreiros de Umbanda/SP, Terreiro de Candomblé Angola/SP, Santeria em Havana/ Cuba, Museu AfroBrasil/SP, Museu da Igreja de São Francisco/ BA, e muitos outros lugares onde a história de nossos ancestrais negros poderia ser encontrada, quando por fim tive a oportunidade de “pisar na África”, fui descobrindo que a diversidade que eu imaginava parecia apenas a ponta de um iceberg.

1.1 RETRATOS DE UMA BUSCA PELAS RAÍZES

Cada fotografia a seguir, foram lugares e pessoas que fizeram parte dessa busca dos caminhos e como a religiosidade se constrói na vida de uma pessoa. O campo se torna um terreno de vastas experiências.

² EQUDE/EKEDE/EKEDI – Posto hierárquico feminino que corresponde a zeladora dos Orixás, cuidadora, corresponde ao posto de Ogã dentro da hierarquia do Candomblé.

Fotografia 1 - Ilê Ásé Iyá Nassô Oká – conhecido como Casa Branca do Engenho Velho – Salvador/ Bahia – Iyá Nitinha e Pai Francisco

Fonte: A autora

(Nesse dia o Pai Francisco, nos levou para conhecer o Terreiro da Casa Branca, que fica na Avenida Vasco da Gama no bairro do Engenho Velho, foi a primeira vez que fui a Bahia e estava encantada com tanta diversidade. Dona Nitinha, conhecida como Mãe Nitinha de Oxum, faleceu com 82 anos, Areonite da Conceição Chagas ou Iyá Nitinha - (12 de setembro de 1925 - 4 de fevereiro de 2008) foi Iyakekerê, Iyatebexê, e Ojuodê da Casa Branca do Engenho Velho em Salvador e Iyalorixá em sua casa no Rio de Janeiro, Terreiro de Nossa Senhora das Candeias, em Miguel Couto na Baixada fluminense. Nesse dia ela falou sobre a Casa de Candomblé nos recebeu e pediu para as filhas de santo abrirem o “barracão” para que as “paulistas” pudessem conhecer).

Fotografia 2 - Ilê Àsé Ibece AlaKetu Ogum Megegê, - Sítio Portão – Muritiba/ Bahia – 19/01/2010

Fonte: A autora

(Em 2010, fomos junto com o Pai Francisco para Muritiba, conhecer a “Roça”, a Casa de Candomblé que é referência para a ancestralidade do Ilê Ásé Afeemojumó, foi no Ilê Ásé Ogum Megegê, conhecido também como Ásé Portão, que foi fundado por Manoel Cerqueira de Amorim e hoje a responsável é a Iyalorixá Mãe Cacho, auxiliada por sua irmã Mãe Bem, foi uma experiência muito desafiadora, pois era Festa do Omolu da Mãe Cacho, e como manda a tradição, devemos chegar cedo para o café da manhã, um ato coletivo, onde todos e todas se juntam no terreiro para fazer aquela refeição e logo em seguida começam os ritos preparatórios para a Festa que aconteceria a noite. Infelizmente não pudemos ficar na Festa, mas contribuimos nos preparativos e pudemos viver a experiência de fazer isso na nossa Casa Ancestral).

Fotografia 3 - Santeria Cubana – Regla de Ocha – Havaba/Cuba – 17/12/2012

(Regla de Ocha, é uma pequena localidade na Baía de Havana, mas também é uma das formas que a Santeria é conhecida em Cuba. A foto é um altar com a representação de vários Orishas (são a personificação de todos os aspectos da natureza) montados, cujos os objetos e cores correspondem a visão que os santeiros possuem, inclusive podemos observar que existem alturas diferenciadas e isso também é uma representação da hierarquia religiosa).

Fonte: A autora

Fotografia 4 - Ilê Àsé Opó Ofonjá – Salvador/Bahia – 18/10/2012

(O Ilê Àsé Opó Afonjá ("Casa sob o comando e o sustento do cajado de Afonjá") ou Centro Cruz Santa do Axé do Opó Afonjá é um terreiro de Candomblé fundado por Eugênia Ana dos Santos e Tio Joaquim, Obá Sanyá, em 1910, na Rua Direta de São Gonçalo do Retiro, 557, no bairro do Cabula, em Salvador, na Bahia, no Brasil. O seu tombamento ocorreu em 28 de julho de 2000 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e atualmente é dirigido pela Ialorixá Mãe Stela).

Fonte: A autora

Fotografia 5 - Grupo Umbandista Cristão Younaruê – São Paulo/ SP – 25/05/2014

(Fui levada ao Centro de Umbanda devido a dança, pois lá tem um grupo que desenvolve uma Congada na Cidade de São Paulo, participei de festas e atividades para ajudar a arrecadar donativos, nas quais a Congada sempre fazia alguma apresentação, o Centro é liderado por Mãe Márcia Pontalti).

Fonte: A autora

Fotografia 6 - Objetos da Religiosidade Afro-Brasileira e Afro Cubana – USP – Disciplina do Afro ao Brasileiro – 16/10/2014

(Em 2014, pedi ao Professor Vagner Gonçalves da Silva, a oportunidade de assistir a disciplina ministrada por ele como aluna ouvinte e foi muito importante para o entendimento de questões profundas na cultura afro brasileira).

Fonte: A autora

Fotografia 7 - Oferendas - Festa de Iemanjá – Rodovia Anchieta – 06/12/2014

(Na disciplina do Afro ao Brasileiro, realizamos alguns trabalhos de campo e um deles, foi o acompanhamento da Festa de Iemanjá na Praia Grande, e durante a viagem, paramos na Rodovia Anchieta para fazer a observação da entrega de oferendas para Esú).

Fonte: A autora

Fotografia 8 - Missa Afro - Igreja de Nossa Senhora do Rosários dos Homens Pretos – Salvador/ Bahia- 23/12/2014

(Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos é uma igreja católica de Salvador, Bahia, construída no século XVIII. Está localizada no Centro Histórico de Salvador, na ladeira do Pelourinho. É parte do centro histórico da cidade declarado Patrimônio Mundial pela UNESCO. Eles cultuam, São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Santo Antônio de Categeró, Santa Ifigênia e Santo Elesbão, são considerados parte das chamadas "devoções negras" – entre os séculos XVI a XVIII. A Missa é tocada com tambores e em determinados momentos, são cantadas músicas para louvor e realizada danças afro. Essas Missas acontecem todas as terças feiras na Igreja do Pelourinho.)

Fonte: A autora

Fotografia 9 - Iemanjá – Rio Vermelho – Salvador/ Bahia – 24/12/2014

(Rio Vermelho, bairro que concentrou as festas de devoção a Santana e, com a mística da religiosidade afrodescendente, também reuniu o culto a Iemanjá, divindade protetora dos pescadores, ambas com festejos anuais bastante populares na Capital Baiana. Nessa foto era final de ano e fomos visitar o lugar e entregar flores para Iemanjá).

Fonte: A autora

Fotografia 10 - Igreja São Roque e São Lázaro – Salvador/Bahia – 29/12/2014

(Muitos baianos ao terminar o ano vão à Igreja de São Roque e São Lázaro para tomar um banho de pipocas para deixar o corpo “limpo” preparado para chegada do Ano Novo, depois da Virada do Ano eles vão se “benzer” na Igreja do Senhor do Bonfim).

Fonte: A autora

Fotografia 11 - Festa do Rosário e São Benedito – Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Penha – São Paulo/ SP – 21/06/2015

(Era um encontro de Congadas na Festa de Nossa Senhora do Rosário, ocorreu uma Missa depois entram as Congadas se apresentando uma a uma e os Maracatus. Igreja Rosário dos Homens Pretos da Penha é uma igreja situada no bairro da Penha de França, na região leste da cidade de São Paulo. É um importante patrimônio histórico da cidade, construída pela Irmandade do Rosário dos Homens Pretos. A edificação dá nome ao Largo do Rosário).

Fonte: A autora

Fotografia 12 - Museu Afro Brasil – Parque do Ibirapuera – São Paulo/SP – 21/11/2015

(Em visita ao Museu AfroBrasil, devido a um Show do Bloco Afro Ilú Obá de Min, observando como as pessoas olham as roupas e leem sobre as características dos Orixás, é uma forma de viver muito distante para elas, mas havia muitos olhares de admiração).

Fonte: A autora

Fotografia 13 - Casa das Minas – Tambor de Mina – São Luís / Maranhão – 30/12/2015

(As duas fotos se referem a Casa da Minas, onde é tocado o Tambor de Mina, que é a denominação mais difundida das religiões Afro-Brasileiras no Maranhão, o Tambor de Mina se caracteriza por ser religião iniciática. Existem dois modelos principais de Tambor de Mina no Maranhão: o Jeje e o Nagô, no caso da casa fotografada, a raiz é Jeje. Por ser final de ano o calendário já estava fechado, mas fomos recebidas para conhecer o terreiro, tomar um café e ouvir algumas histórias).

Fonte: A autora

Essas imagens começaram a formar um acervo iconográfico de algumas experiências, que hoje vão fazer parte dos retratos e da vivência desse mundo que ainda é um mistério para grande parte das pessoas.

Nesse momento escrevo esse texto na África³, em Adis Ababa, capital da Etiópia e nessa viagem tenho observado as “várias áfricas”, observo as línguas, as formas de se vestirem, a diversidade deste imenso continente, traz uma infinidade de expressões que acredito ser humanamente impossível descrever, as sensações, olhares, modelos, cheiros, gostos. Essa é a diversidade africana que chegou no Brasil, através de um processo de diáspora.

³ Em julho fiz uma viagem para o Japão e uma escala de cinco dias na Etiópia.

Falar dessa diáspora nos remete a seres humanos que foram trazidos para uma terra outra e que foram obrigados a deixarem seus pertences, famílias, lugares do outro lado do Oceano Atlântico, e que certa forma recriou parcela daquele mundo no lugar onde chegaram.

Dentro de uma reconstrução de costumes, valores e cultura, nasce o Candomblé como espaço e religião de resistência. Pensando em como as coisas começavam a se juntar, o conhecer o Candomblé, a pesquisa aleatória, as vivências, a bibliografia, e as viagens, comecei a pensar o que era o Candomblé e como poderia desenvolver uma pesquisa sobre ele.

Segundo parte da bibliografia que conhecia, o termo “Candomblé”, segundo Lima (2003) era,

Abonado pelos modernos dicionários da língua e na vasta literatura etnográfica, é de uso corrente na área linguística da Bahia para designar os grupos religiosos caracterizados por um sistema de crenças em divindades chamados santos ou Orixás e associados ao fenômeno da possessão ou transe místico (...). O significado do termo, entretanto, deixando à parte sua discutida etimologia, estende-se ao corpus ideológico do grupo, seus mitos, rituais e ética, ao próprio local onde as cerimônias religiosas destes grupos são praticadas, quando então, candomblé é sinônimo de terreiro, casa de santo, de roça (LIMA; 2003, p. 17).

Candomblé pode ser festa, pode ser espaço, pode ser religião e religiosidade, mas a visão de mundo do “povo do santo” está muito ligada a festividade. Para Rita Amaral em seu livro *Xirê*, o modo de crer e de viver no Candomblé.

Religião é festa, santo é alegria, culto é prazer, Orixá precisa sempre de atenção, comida, bebida, roupas e muitos objetos rituais, além de música e dança. Não se pode imaginar o candomblé sem festa, que não é qualquer festa, mas a festa de um estilo, de um particular modo de ver o mundo sobrenatural e o mundo dos humanos. Além disso, a concepção iorubana de pessoa, que se mantém viva é fundamental nos Candomblés do Brasil, ensina que antes mesmo de se cultuar os Deuses é preciso cultuar o próprio ego, a cabeça, o Ori do mortal devoto (AMARAL; 2005, p. 10).

A festa, ultrapassa os muros do Barracão de Candomblé e constrói outras relações com outros grupos, o povo-de-santo vai no Candomblé, nos afoxés, nas escolas de samba, no Jongo, nas rodas de Samba, nos Pagodes, e em qualquer local onde pulse uma percussão que nasceu das expressões afro brasileiras. Nas no Candomblé a festa vem como um rito de passagem e um marco no calendário daquela Casa, segundo Rodrigues, “Chamam-se de candomblés as grandes festas públicas do culto iorubano, qualquer que seja a sua causa” (RODRIGUES, 1935, p. 141).

Agora estava no momento de pensar na metodologia a ser empregada e foi através de exemplos etnográficos, que fui buscando no contexto religioso do Candomblé Keto⁴, a nação a qual fui iniciada, a delimitação do grupo a ser estudado, representando assim um tronco específico dentro da religiosidade afro-brasileira, o projeto de pesquisa foi apresentado para um

⁴ KETU/ KETO – Cidade africana de língua Iorubá, reino de Oxóssi, subdivisão dos Nagôs, Nação de Candomblé.

estudo de caso em dois terreiros de Candomblé Keto, mas por experiência de orientação acadêmica, me foi pedido para concentrar a pesquisa em um dos Terreiros, era necessário trabalhar em campo com a devida profundidade, a pesquisa precisaria de muito tempo, detalhes e inserção, sendo que isso aconteceu realmente.

Muitos autores basearam esses estudos onde busquei a base bibliográfica para dar suporte ao pensamento, mas alguns foram utilizados como o alicerce da pesquisa e foram através de suas proposições, que o texto da dissertação foi construído, partindo dos escritos de Lima (2003), Santos (1986), Prandi (2005), Beniste (2004), Silva (2015a), Amaral (2005), Verger (2002), Luz (2002), Ortiz (2001), Lody (2002), Moura (2006), Vogel (2012), Landes (2002), Cabrera (2004), busquei os estudos sobre o Candomblé. Outras bases foram necessárias para a construção de conceitos dentro das Ciências Sociais, nos quais seus escritos foram fundamentais para a construção do pensamento, são eles: Azevedo (2002), Wehling (1994), Silva (2015b), Benjamin (1985), Arendt (1983), DaMatta (1997), Mauss (2005), Bourdieu (2012), Boas (2015). Ainda sobre os estudos iconográficos gostaria de citar, Tacca (2009), Camargo (2014), Martins (2016), Novaes (2015).

O acerto de imagens que foi gerado durante a pesquisa é grande, sendo composto por fotografias e vídeos, além de imagens das Redes Sociais.

As entrevistas foram realizadas com 25 das 55 pessoas que frequentam o Ilê, representantes das mais variadas posições dentro da hierarquia do Candomblé. Foi realizada uma enquete, através de formulário virtual, que teve a adesão de 23 pessoas.

Além dessa base, o trabalho de observação participante foi fundamental para a pesquisa, pois no Candomblé, muito se vivencia e muitas vezes aquilo que está sendo transmitido não é falado, os olhares, sorrisos, abraços, choros, dizem mais que mil palavras. Mas gostaria de frisar que tive essa observação participante, porque sou iniciada e exerço um cargo importante dentro dessa hierarquia, não entro em transe e isso já é uma diferença que me coloca em uma situação privilegiada para observação, além de ter total confiança do Babalorixá, fator importantíssimo para que essa pesquisa pudesse ser realizada.

Por tudo isso, a dissertação se propõe a falar sobre o dia a dia do povo do santo na Casa de Candomblé, a partir do estudo etnográfico do Ilê Asé Afeemojumó, do qual faço parte como iniciada e Equede, tenho um cargo na hierarquia de Iyá Agbeni, que seria uma pessoa com a responsabilidade de guardar os segredos, causando assim um certo mal-estar quanto a posição que exerço de pesquisadora, pois minha função é guardar segredos e não revelá-los, devido a isso não realizarei a descrição de rituais. A dissertação buscou verificar como se dão os ensinamentos, os pequenos detalhes das relações que as pessoas constroem nesses espaços, os

sentimentos que tiveram ao vivenciar os ritos e como a crença alimenta essas relações. Partindo de algumas entrevistas com pessoas que ocupam espaços diferenciados dentro da casa de Candomblé, e depois acompanhando uma iniciação de duas Iyawôs durante dois anos, além de alguns questionários respondidos por parte dos filhos de santo, ocorreu a observação participante, de estudar como funciona esse cotidiano e uma parte desse acervo etnográfico é colocado nesta dissertação.

A pesquisa procurou ter um olhar voltado para os Filhos de Santo e buscou escutar o que os Iyawôs, Abians e Ebomis⁵ tinham a falar sobre as relações vividas no Terreiro e como essas vivências afetavam suas vidas, como era a construção dessa Família de Santo e como solidificavam as relações de parentesco dentro do Ilê, partindo da observação participante e das imagens fotográficas, o processo segue realizando entrevistas que foram fundamentais para o entendimento desse sentimento que é “ser do santo”, ou ser uma pessoa iniciada ou prestes a passar pelos ritos de iniciação, tudo isso comparado com uma vasta bibliografia sobre o assunto o texto que compõe essa dissertação começa a ser construído.

Ouvindo as histórias de vida dos membros do Ilê⁶, algumas coisas chamaram a atenção, primeiro, que quase a totalidade dos entrevistados, excluindo-se as crianças, passaram em sua trajetória de vida pela Umbanda. Outro elemento que é constante nas falas é que em algum momento na vida eles sofreram algum tipo de preconceito ou intolerância. Apesar de todo afeto encontrado nessas relações internas do Terreiro, quando se sai “para fora” dos muros e portões do “Ilê”, o preconceito e a intolerância sempre permearam as falas das pessoas, seja nas entrevistas, questionários e no cotidiano, nos quais elas sofrem esse preconceito por professarem uma religião discriminada por vários segmentos da sociedade, por ser baseada na ancestralidade negra.

O próprio Ilê teve que se reconstruir espacialmente devido a problemas com a Intolerância Religiosa, por estar dentro de uma Cidade como São Paulo, em um bairro considerado de classe média e no seu entorno uma grande quantidade de Edifícios de grande porte, exemplifica como a Cidade expulsa as Casas de Candomblé e como é difícil resistir.

⁵ IAÔ (Iyawô) – iniciados, esposas do Orixá, filhos(as) de Santo, Filha de santo que experiência transe, ou iniciada em reclusão; o mesmo que Iyawó ou Iyawô. ABIAN – Nome dado ao iniciado no Culto dos Orixás que ainda não recebeu qualquer tipo de obrigação. EBOMI – Estágio atingido pelo Iyawó depois de sete anos de aprendizado, nome dado a quem já cumpriu suas obrigações, irmão mais velho.

⁶ ILÊ – Casa de Candomblé.

Para trabalhar todas essas ideias e questionamentos, foi realizado um processo utilizando a etnografia e esses caminhos se tornaram os “Retratos”, pois retratar algo, congela aquele momento, mas a interpretação desse retrato fica por conta de quem vê!

Durante a pesquisa realizei vários registros fotográficos no Ilê Asé Afeemojumó, da estrutura, das pessoas que frequentam a casa e de momentos rituais. Descobri que tinha muita memória para ser utilizada, de antes de 2015, que faziam parte de meu arquivo pessoal e depois de realizar conversas com o Babalorixá, pude ter autorização para capturar imagens e utilizá-las no estudo. Na qualificação do Projeto de Mestrado, fui orientada a trabalhar essa etnografia a partir da indicação de vários autores que poderiam ajudar a trilhar esse caminho da imagética e foi uma experiência incrível, já gostava de fotografia e vídeos e fui fazer cursos nessas áreas para melhorar o entendimento e abordagem, comecei a ler mais autores que trabalham com essa forma de pesquisa. E assim surge a estrada na qual estou trilhando meus caminhos, com muita observação e etnografia, mas sempre tomando cuidado para não atravessar as barreiras do segredo contidos no culto, procurei colocar imagens cuja sua maioria são das festas públicas de Candomblé e de afazeres internos, mas no caso do estudo sobre o sentimento das pessoas em suas iniciações alguns registros foram mais internos, e nos momentos cruciais que uma pessoa que vai se iniciar vive, por isso a carga emocional bem forte.

As histórias se confundem em alguns momentos, a minha com a dos membros do Ilê, algumas vezes terminamos as entrevistas chorando, outras nos abraçando, mas sempre com muito carinho, sendo esse afeto que aparece nas linhas e palavras escritas e nos registros fotográficos.

Espero que em tempos tão difíceis de desamor, esta dissertação seja um grão de areia de carinho para as pessoas que estão aqui retratadas e as que puderem ler o trabalho.

2 PEDACINHOS AFRO-BRASILEIROS

O “Pedacinho” que vamos falar neste texto, é ter a consciência que falamos de parte, de parcela de um grande Continente misterioso para nós brasileiros e como ele foi transformado e recriado no Brasil.

A formação da sociedade brasileira, a partir do século XVI, se dá de forma a agrupar elementos das culturas, indígenas, europeia e africana, segundo Wehling e Arno (1994), a formação do Brasil Colonial pode ser classificada por diversos extratos sociais e

A organização social dos negros, no Brasil Colonial, sofreu diretamente os reflexos da condição escrava, mais ainda do que em relação aos indígenas. Estes, eram simplesmente escravizados, viviam em aldeias nas quais, a despeito da influência jesuítica e da proximidade do homem branco, ainda lhes permitiam manter traços da sua organização social. Já a maioria da população negra não o conseguiu, pela diversidade dos grupos, pela quebra da organização familiar, decorrente do próprio tráfico, e pela deliberada intenção dos colonizadores, sobretudo em Minas Gerais, de misturar as etnias por motivo de segurança (WEHLING; ARNO, 1994, p. 222).

Ao longo dos séculos coloniais, ocorreram reconstituições sociais, com uma adequação da família escrava organizada em bases cristãs, principalmente nas cidades e apesar de algumas comunidades, principalmente nos Quilombos de realizarem um trabalho de tentativa de resgate à forma de organização originária na África, o alicerce da tradição oral e de ancestralidade se tornou frágil e teve que ser reconstituído a partir de novas formas organizativas.

Nossa sociedade descende dessa matriz africana, mas existe um preconceito muito grande em relação a ela. Normalmente falamos: Meu avô era Italiano da Calábria... Ah sim! Da região de Dasá, perto do Mar Mediterrâneo, e como podemos falar da parte africana da minha descendência? Minha tataravó era negra, descendentes de escravizados africanos! Sim, mas que parte da África estaria falando? Qual região, etnia, culturas, amores, valores? É nesse sentido que uso o termo pedacinhos.

No Brasil, se massificou chamar o povo negro de Africano ou Afrodescendente, e somos realmente, mas cada descendência tem uma raiz, uma cultura, uma forma de se unir a se apresentar ao outro, quem são os escravizados que vieram para o Brasil? Segundo Carlos Serrano (2010):

O processo que convertia os indivíduos à condição de escravos em vários povos africanos possuía origens diversas. Foi dinamizado por relações mantidas pelos homens em diversos níveis, seja fora do espaço territorial que constituía as formações políticas africanas, seja no seio delas mesmas. Todavia, independente da sua origem, devemos frisar que, nas diversas sociedades africanas das quais possuímos conhecimento, o escravo não se apresentava como uma propriedade no seu sentido ocidental. Antes, tratava-se de um “produto social”, envolvendo relações sociais, militares, econômicas, jurídicas e políticas, colocando frações da sociedade muito mais numa situação de servidão do que simples mercadorias (SERRANO, 2010, p. 169).

Tratados na sociedade colonial brasileira como mercadorias, com as relações ancestrais e familiares quebradas e dizimadas, nesse caldeirão social eles procuraram garantir a sobrevivência, estabelecendo relações entre outras nações e etnias africanas, construindo espaços e recriando sua cultura e influenciando a construção da nossa sociedade. Um dos elos importantes foi a religiosidade, alguns praticavam o islamismo, mas uma grande parte trazia a crença de sua etnia.

Neste momento, enquanto escrevo, estou na África, em Adis Ababa/Etiópia⁷, não podemos observar o que vemos na Casa de Candomblé, então o leitor pode falar: Claro! eles não são do Benin, da Nigéria, ou de origem Ioruba, Fon ou Jeje, e ainda do Congo, de Angola, não são bantos! Mas não é muito grande o número de pessoas que fariam observações como essas, ou são da academia, ou ligadas ao Candomblé, mas para a maioria dos brasileiros, qual a referência que existe desses povos, muitos nunca ouviram falar seus nomes, quanto mais seu jeito de ser. Volto ao começo da frase, quando falamos de cultura africana, ou afro brasileira, colocamos todos sobre a mesma lupa e na maioria das vezes generalizamos todas essas culturas, de forma a pensar essas formas de expressões a partir de nossa visão ocidental, e muitas vezes como capital cultural, como escreve Bourdieu (1987):

O mundo social pode ser concebido como um espaço multidimensional construído empiricamente pela identificação dos principais fatores de diferenciação que são responsáveis por diferenças observadas num dado universo social ou, em outras planas, pela descoberta dos poderes ou formas de capital que podem vir a atuar, como azes num jogo de cartas neste universo específico que é a luta (ou competição) pela apropriação de bens escassos... os poderes sociais fundamentais são: em primeiro lugar o capital econômico, em suas diversas formas; em segundo lugar o capital cultural, ou melhor, o capital informacional também em suas diversas formas; em terceiro lugar, duas formas de capital que estão altamente correlacionadas: o capital social, que consiste de recursos baseados em contatos e participação em grupos e o capital simbólico que é a forma que os diferentes tipos de capital toma uma vez percebidos e reconhecidos como legítimos (BOURDIEU, 1987, p. 4).

Quando falamos do “povo do santo”, estamos falando de microcosmos de uma África que não existe ou que não existiu objetivamente, mas de fragmentos que recriaram esse universo, sem usar esse olhar ocidental que não consegue explicar essas relações, as primeiras referências ao Candomblé datam do século XIX, realizadas por viajantes estrangeiros⁸ mas muito antes ocorriam manifestações da religiosidade em vários lugares e épocas, pois o culto aos ancestrais acompanham os escravizados desde que chegaram em terras estrangeiras.

⁷ “Ao ver a grande diversidade do Continente Africano quando cheguei no Aeroporto de Adis Ababa, tive a certeza que daquele momento em diante eu não seria mais a mesma, porque uma coisa é você ver nos livros, até conhecer algumas pessoas de variadas etnias, mas ao vivenciar tudo isso algo mudou”

⁸ SILVA, Vagner G. (2005) pág.12 – “A mesma visão preconceituosa também domina os relatos dos viajantes estrangeiros que estiveram no Brasil no século passado.”

A religião de matriz africana, possui características importantes, pois representam o centro dinâmico no processo civilizatório negro no nosso país, pode ser caracterizada como um dos elementos centrais na construção do coletivo e do individual (ORTIZ, 2001), dos descendentes desses escravizados e das sociedades que eles ajudaram a construir.

Partindo dos valores civilizatórios trazidos nas suas bagagens culturais, os grupos que foram trazidos para o Brasil, criaram e recriaram relações sociais, culturais e com a natureza que se perpetuam até os dias de hoje, sendo que muito que foi preservado foi através das relações mítico/religiosas.

Os valores que se desenvolveram tanto na cultura, sociedade, economia, política e nas artes em geral, estão ligados a núcleos como o estudado na pesquisa.

Existe nesse contexto a afirmação de valores civilizatórios que no Brasil, funcionam como núcleos de resistência, segundo Marco Aurélio Cruz, “nas Américas, as religiões negras se caracterizavam como bem estruturadas, comunidades que mantêm continuamente revitalizado o processo civilizatório negro, marcando substancialmente a presença da África neste continente” (LUZ, 2011, p.70).

São nessas comunidades que se mantiveram vivas as referências desse processo que se inicia em território africano, ocorre a geração de Culturas Híbridas (CANCLINI, 1998), e em um mesmo tempo convivem as antigas manifestações, as novas e as que sofreram algum tipo de redefinição. Encontramos a diversidade de etnias, culturas, lugares, etc. Podemos classificar os principais agrupamentos da seguinte forma: O povo Banto foram populações oriundas de regiões que hoje estão o Congo, Angola, Moçambique, calcula-se que seja o tronco étnico de onde mais pessoas escravizadas vieram para o nosso país, tendo uma grande influência na construção da sociedade brasileira. Processo iniciado por volta do século XVI e não cessou até o século XIX, de procedência Banto, identifica-se o Candomblé Congo, Candomblé Angola, Omoloko, Candomblé de Caboclo e Umbanda⁹. Outro tronco importante são os Iorubanos/Sudaneses¹⁰, são grupos originários da África Ocidental, territórios hoje, denominados de Nigéria, Benim (antigo Daomé), eles foram denominados de Nagôs, pelas administrações francesas em terras brasileiras no período colonial, mas entre eles também vieram pessoas de

⁹ Expressões da cultura Africana e Afro descendente de origem Banto, grupo mais numeroso, dividiam-se em dois subgrupos: angola-congoleses e moçambiques. A origem desse grupo estava ligada ao que hoje representa Angola, Zaire e Moçambique (correspondentes ao centro-sul do continente africano) e tinham como destino Maranhão, Pará, Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e São Paulo.

¹⁰ Os Sudaneses dividiam-se em três subgrupos: Iorubás, Jejês e fanti-ashantis. Esse grupo tinha origem do que hoje é representado pela Nigéria, Daomei e Costa do Ouro e seu destino geralmente era Bahia e os últimos foram para o Maranhão.

nações islamizadas, como os Haussás, Tapas, Fulas e Mandingas ¹¹, segundo o professor Vagner Gonçalves da Silva (2005):

Os Sudanese foram os grupos que predominaram no século XIX, época em que as condições urbanas, históricas e sociais de perseguição aos cultos diminuíram em relação ao período colonial, no qual os Bantos foram majoritários. Devido a essas e outras condições, a estrutura religiosa dos povos de língua ioruba forneceu ao Candomblé sua infraestrutura de organização influenciada pelas contribuições dos demais grupos étnicos (SILVA, 2005, p. 65).

As manifestações ligadas a eles são os ritos Jeje-Nagô, o Candomblé Keto, Ijexá e os Xangôs do Nordeste, e ainda, os Cultos Minas/Jeje como o Tambor de Mina.

Os escravizados africanos de origem Banto e seus descendentes foram agrupados, principalmente, em regiões como Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e algumas regiões do Norte e Nordeste, já os Sudanese foram fixados principalmente em cidades como Salvador, Recife, São Luiz, Porto Alegre e no Rio de Janeiro. Na sua grande maioria exerceriam atividades agrícolas e ligadas à mineração e foi através de seus agrupamentos devido ao caráter religioso que foram restabelecidas diversas organizações hierárquicas de diversas sociedades e etnias. Aconteceu uma reconstrução cultural e social a partir desses espaços religiosos. Podemos aproximar características básicas, comuns presentes entre Brasil e países do Continente Africano, através da religião, como por exemplo, “viver o aqui e o agora”, exaltar os grandes méritos de seus ancestrais, ligação solidária do grupo do qual se faz parte, hierarquia e ordem das coisas e das relações através dos mitos, construção de uma “força vital” através dos ritos e comunicação através da oralidade, vivenciar as relações sociais e culturais.

Esses trânsitos e intercâmbios culturais e religiosos são comuns não só entre os Continentes, mas também entre as etnias que chegaram com a diáspora. No caso das casas de culto tradicionais, apesar de cada uma delas manter sua própria dinâmica e sistemas simbólicos, existem trocas e deslocamentos entre elas, Silva (2005) reforça essa ideia quando escreve sobre a origem da religião:

Assim, se na origem as nações de candomblé guardaram algum vínculo com a etnia de seus praticantes, porque nelas se cultuavam os ancestrais divinizados das linhagens e dos clãs, com o passar do tempo, isso foi se transformando, principalmente com o ingresso na religião dos crioulos (negros nascidos no Brasil), dos mulatos e finalmente dos brancos, que nenhum vínculo de parentesco tinham com a África. A ancestralidade africana, como critério para pertencer ao culto, foi abolida, e os Orixás tornaram-se deuses adorados por toda população, que passou a incorpora-los, conhecer seus mitos e fundamentos (segredos rituais) e tê-los como suas entidades espirituais regentes, independentemente de sua cor e origem (SILVA, 2005, p. 67-68).

¹¹ Os Guineanos-sudanese muçulmanos dividiam-se em quatro subgrupos: Fula, Mandinga, Haussás e Tapas. Esse grupo tinha a mesma origem e destino dos sudanese, a diferença estava no fato de serem convertidos ao islamismo.

Para esses povos africanos, os Orixás representavam deuses e deusas antepassados de seus clãs, forças da natureza, ou ainda representavam uma atividade do fazer daquele grupo, como a agricultura, a metalurgia. Quando esses agrupamentos perdem a sua referência com a ancestralidade direta da África, as relações são recriadas e os Orixás passaram a pertencer a todos, inclusive a aquelas pessoas que não tem ancestralidade africana, ou as tem muito distante. Pode-se exemplificar que o terreiro passou a ser de todos quando observamos o CENSO 2010¹², onde na Cidade de São Paulo cerca de 57% das pessoas que se auto declararam candomblecistas são brancas e 34 % são negras, uma hipótese é esse ser um dos reflexo de uma cidade grande como São Paulo, mas também demonstra que existe um grupo de classe média que se filia a religião, pois os custos financeiros para se manterem na religião são razoavelmente altos e muitas vezes a população com menor poder aquisitivo não consegue acompanhar as formas de organização.

Talvez seja isso mesmo, porque ao olhar para a Cidade de São Paulo como um grande polo de segregação, através da cultura, religiosidade e estética, podemos observar como as relações sociais e mercadológicas dominam esse território e no lugar de uma ancestralidade negra, existe a predominância do branco, quando esse terreiro passa a ser de todos (VOGEL; MELLO; BARROS, 2012). Mas também um outro aspecto a ser analisado é a importância da universalização dos mitos e dos ritos e quando sua estética atravessa os muros do terreiro, existe uma aproximação entre os povos, mas que ressalta que tudo está mudando continuamente. No texto:

Cidade de Muros-crime, segregação e Cidadania em São Paulo a autora Teresa Pires do Rio Caldeira cita um fato interessante que ao olhar para a cidade que vivemos, queremos intervir de alguma forma nessa realidade, segundo ela: "Cidades nas quais somos cidadãos são cidades nas quais queremos intervir, que queremos construir, reformar, criticar e transformar. Elas não podem ser deixadas intocadas, implícitas, ignoradas. Manter intocado o imaginário da sua própria cidade é incomparável com o estudo (ou um projeto) de transformação social... as cidades (sociedades, culturas) em que vivemos estão, como nós mesmos, mudando continuamente (CALDEIRA, 2003, p. 14).

Então como falar de um "pedacinho afro descendente", que é mantido pela tradição oral, mas com diversas influências tecnológicas e de escrita, composto por uma grande parte de brancos, nem sempre identificados com sua ancestralidade negra? Essas relações são frenéticas, pois o rito não é congelado, observamos uma série de modificações nesse organismo vivo que são totalmente relacionais.

¹² Ver <https://censo2010.ibge.gov.br/>

A Casa de Candomblé, funciona da sua forma particular nas manifestações religiosas e sociais, carrega grandes marcas do passado do Continente Africano que foram transformadas (BARTH, 1998). Esses vínculos podem ser ressaltados na formação do povo brasileiro e na sua cultura que mesmo sem se filiar ao Candomblé, tem características intrínsecas no seu modo de ser.

Os cinco sentidos são provas disso, a comida, a bebida, a forma de falar e ser, a música, a dança, somos o que somos e como somos temos essas Áfricas e afro descendências dentro de nós. E os terreiros de Candomblé, foram um dos lugares onde eram realizadas formas alternativas para diminuir um pouco a violência da escravidão, formas de resistências.

Fotografia 14 - Comidas Utilizadas em Ritual – Bori – janeiro/2018

(O ritual do Bori ou Ebori, significa “Dar comida à cabeça” (em Iorubá – Ebo Ori), que consiste em assentar, sacralizar, reverenciar e ofertar o Oriṣà Orí, portanto, cultuar e louvar Orí e assim estabelecer o elo entre a cabeça material (orí) do neófito e sua cabeça espiritual, ou seja, criar a harmonia e equilíbrio necessários à vida, as comidas são oferecidas para que esse equilíbrio seja alcançado, e partilhadas com todos os filhos de santo).

Fonte: A autora

Através da linguagem, da dança, dos ritos, do lúdico, da alimentação, existiu a possibilidade de se refazer manifestações culturais que remetiam a essa ancestralidade da qual foram arrancados. Com a recriação dos cultos existentes na terra de origem, todo um panteão de divindades ganhou uma dimensão simbólica, desenvolvendo uma identidade, na qual é baseada numa memória comum que é recriada através de vivências que ligam os membros e torna-se elos para um coletivo.

A Casa de Candomblé, também chamada de Ilê, de Roça, de Terreiro, são comunidades religiosas com vida social, atividades sócio econômicas, políticas e culturais, que normalmente representam um polo de serviços para a comunidade interna e externa, identificando-se como referência local. Essa referência se dá de forma muito importante nas comunidades mais distanciadas do centro das cidades, sendo o lugar onde as pessoas se encontram, cultuam, mas também celebram, onde o sagrado e o profano se integram (CAMARGO, 2014, p. 37).

Fotografia 15 - Roça de Candomblé – Ilê Ópó Afonjá – Salvador/BA – 18/10/2014

(A imagem demonstra como a “roça” pode ser no sentido de estar mais afastada dos grandes centros urbanos e ter suas casinhas (de Orixás e das pessoas) dentro do “terreiro”, nesse caso do Ilê Asé Opó Afonjá, apesar do bairro do cabula em Salvador estar todo a sua volta, eles conseguiram manter um grande terreno com árvores, terra, fonte e espaço para todas as representações necessárias para o culto).

Fonte: A autora

Na maioria das vezes, estão nas periferias e localizados à margem dos centros urbanos, onde o processo de urbanização das nossas cidades, buscou afastar os negros e pobres do centro das cidades e as manifestações religiosas precisavam de espaço e um lugar com uma certa liberdade para tocar seus tambores e realizar seus ritos.

Ao eleger esse objeto de estudo, a ideia foi exemplificar as rotinas, as vivências e a inserção social do terreiro em uma cidade como São Paulo, além de analisá-lo como o lugar sagrado e estudar como o simbolismo atua nesse núcleo, para Clifford Geertz (1989, p. 143) “todo lugar sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca. Ele não apenas encoraja a devoção, como a exige, não apenas induz a aceitação intelectual, como reforça o compromisso emocional do devoto”. Os grupos sociais constroem um lugar sagrado dentro do fenômeno religioso, mas esse tempo e lugar sofre transformações através das relações sociais, econômicas, políticas e culturais, o estudo será voltado principalmente para essas mudanças e seus reflexos na religião.

Para conseguir desenvolver esta análise, eu tinha que ser desse meio, para vivenciar o dia a dia com as pessoas no núcleo, tenho acesso as mais diversas experiências e momentos rituais, mas a dificuldade é que não poderia falar dos segredos rituais. Os ensinamentos se dão das mais variadas formas, através da repetição de vivências e da oralidade, são nos momentos de confraternização que as pessoas conversam e ensinam uns aos outros. Ser iniciada abre portas para a observação e discussão de vários temas, mas também gera algumas expectativas em relação ao que se está sendo estudado e como será essa forma de analisar, em alguns momentos causa um certo mal-estar, onde as pessoas se sentem observadas, por tudo isso procurei realizar mais observações do que inserções diretas, sem menosprezar as entrevistas e o questionário que foi aplicado. Ao longo da pesquisa realizei 25 entrevistas e apliquei um

questionário que 23 pessoas responderam. Mas um fator preponderante deste estudo é a observação e a coleta de imagens, como forma de análise.

Fotografia 16 - Satélite – Ilê Ásé Afeemojumó – 11/08/2018

(O Ilê Ásé Afeemojumó, aparece na sombra entre os dois edifícios, seu terreno é grande e tem entrada pela Rua Ramalho Ortigão e também pela Travessa Henrique Arcuri).

Fonte: A autora

O estudo de caso desta pesquisa se dá em um Ilê (Casa) denominado Ilê Àsé Afeemojumó, ela iniciou seus trabalhos por volta do ano de 1988. Esse lugar de culto fica próximo ao centro expandido da cidade de São Paulo, em uma região considerada de classe média e que está em constante crescimento, onde a especulação imobiliária promove a construção de vários edifícios de classe média, com valores por metro quadrado R\$ 6.767,00¹³ no bairro da Vila Gumercindo. Este lugar está localizado na subprefeitura do Ipiranga, situado perto de três estações de metrô, Imigrantes, Santa Cruz e Alto do Ipiranga.

Cada Casa de Candomblé é um espaço diferenciado entre si, tem suas peculiaridades. Com suas convicções, formas de culto, calendários, divindades que são cultuadas, etc. No caso de uma Casa de Candomblé Keto, segue as linhas mestras dessa ancestralidade, que é o Ilê Ásé Ibecê Alaketu Ogum Megegê¹⁴, conhecido também como Ásé Portão, em Muritiba/Recôncavo Baiano e o Ilê Íyá Omin Ásé Iyámasse¹⁵, conhecido como Terreiro do Gantois, em Salvador, mas possui suas características próprias no seu dia a dia.

¹³ Consulta realizada em outubro de 2018 pelo site: <https://www.terra.com.br/economia/infograficos/preco-metro-quadrado-sp/>

¹⁴ Àsé Ibecê Ala Ketu Ogum Megegê cujo fundador e patrono Manoel Cerqueira de Amorim mais conhecido como Pai Nezinho da Muritiba, iniciado para o Orisa Ogum na nação Ketu. seu Ásé continua sendo levado pelo suas filhas carnisais, Mãe Juju, em São Paulo e Mãe Cacho, no Recôncavo Baiano em Muritiba.

¹⁵ A Sociedade São Jorge do Gantois, Terreiro do Gantois ou Ilê Iyá Omin Ásé Iyá Massê, é um terreiro de Candomblé em Salvador, especificamente no bairro da Federação, conhecido por ter uma linhagem matrilinear e

Na Casa estudada, um fator que chama muito a atenção é por ela estar localizada no meio de diversos edifícios, em uma zona considerada de classe média na cidade de São Paulo, conforme Figura 1.

Figura 1 - Esboço da divisão interna do Ilê Asé Afeemojumó, contendo os dois andares que são dedicados ao candomblé

O Ilê, possui quatro pavimentos, que se estendem da Rua Ramalho Ortigão até a Travessa Henrique Arcuri, ocupando cerca de 620m² de área construída. Desses pavimentos, dois são totalmente dedicados ao Candomblé (cerca 320m²) e estão dispostos da seguinte forma:

seguida até os dias atuais, teve a sua frente entre outras a Ialorixá Mãe Menininha e hoje é liderado por Mãe Carmem, filha carnal de Mãe Menininha.

Fotografia 17 - Entrada do Ilê Àsé Afemojumó- 03/05/2016

(Na imagem aparece o portão visto pelo lado interno e a divisão que foi feita para ser colocada uma porta de vidro que ajude a diminuir o volume dos tambores e que deixe a Casa de Esú, Assentamento de Alê de Íyamis, separados do espaço do Barracão. Podemos ver uma pequena cortina composta por folhas vegetais, são feitas de folhas de coqueiros ou dendezeiro, Mariô ou Mariwô, chamado de (igi ôpê) pelo povo do santo, desfiado, utilizado nas portas e janelas dos terreiros de candomblé. O Mariô é consagrado a Ogum, assim, é muito comum vê-lo nos assentamentos e nas vestes deste Orixá).

Fonte: A autora

No primeiro pavimento onde hoje é a entrada do Ilê, pela travessa Henrique Arcuri, existem alguns espaços de culto que são a Casa de Esú, O assentamento de Alê de um lado e das Íyamis do outro. Atravessando um arco, abre-se o salão, local onde se realizam as festas públicas e internas, além de ser um lugar onde as grandes atividades de culto também acontecem, esse espaço também é chamado de “Barracão”, um nome que remonta da época que os candomblés eram realizados nas “roças” e o grande pavimento das atividades era esse.

Fotografia 18 - Casa de Esú e Assentamento das Íyamis (Mãe Ancestrais) - 03/05/2016

(A Casa de Esú fica sempre na entrada dos Terreiros, onde ficam os assentamentos da Casa de Candomblé e dos filhos de santo. Ao lado encontramos o espaço dedicado as Íyamis, “as Grandes mães Ancestrais”, elas são tidas como as feiticeiras em yoruba recebem o nome de Ìyà̀mì Ajé (minha mãe a feiticeira). O medo e respeito acerca dessa divindade são tão significativos que, o seu principal nome (Osorongá), quase nunca é pronunciado nas Casas de Candomblé. Quando isso ocorre, a pessoa que está sentada se levanta, cruzando a barriga e a nuca em sinal de respeito e reverência).

Fonte: A autora

Fotografia 19 - Assentamento de Alê – 03/05/2016

(Alê é o Esú que acompanha Obaluwaye e Omolú é ele quem detém o poder sobre as varíolas, pestes, pragas e demais doenças que assolam a humanidade. Esse Orisá é assentado direto no chão, na terra, o Babalorixá montou esse assentamento a poucos anos e o colocou perto da Casa de Esú, mas mantém seu lugar específico e seu culto também).

Fonte: A autora

Fotografia 20 - Barracão de Candomblé – 03/05/2016

(Vista do Barracão de Candomblé a partir do olhar de quem entrou pela porta principal).

Fonte: A autora

O segundo pavimento, está localizado acima do Barracão, do qual saímos e subimos uma escada para alcançá-lo, ele está em uma escala intermediária, pois fica entre o Barracão e a Casa (pessoal) do Babalorixá. Nesse espaço, situam-se as “Casas dos Orixás”, que são quartos especialmente reservados para se guardar os assentamentos da Casa e dos iniciados, em “Roças” do interior e da Bahia, são pequenas Casas que são usadas para esse fim, mas numa Cidade como São Paulo e em um Ilê dentro da Cidade, foram adaptados esses quartos para a mesma forma de utilização. Temos nesse espaço o quarto do Povo da Palha (Nanã, Omolu, Ossãe,

Osumaré e Ewa), logo em seguida vem o quarto das Aiabás (Oxum, Iansã, Iemanjá) e ainda nesse local ficam os assentamentos de Logum Edé. Depois subindo uma pequena escada temos o quarto dos Orixás masculinos (Ogum, Xangô e Oxóssi) e em frente o Quarto dos Orixás Fun Fun (Oxalufan e Osaguian).

Fotografia 21 - Quarto das Aiabás -03/05/2016

(Os quartos de santo são cômodos simples, com tamanhos variados de acordo com as dimensões e do número de adeptos da Casa. Nos quartos de santo são agrupados os assentamentos de todos os Orixás similares que existam naquele Ilê, no caso dessa imagem é um quarto de Aiabás, estão Oxum, Iemanjá, Iansã).

Fonte: A autora

Fotografia 22 - Quarto das Aiabás e assentamentos de Orixás – 03/05/2016

(Cada assentamento, e constituído por ferros, louças, cabaças, ou moldes de barro, repletos de elementos que compõem sua energia, sua história e suas características, tais como conchas, chifres, espelhos, pedras, cristais, moedas, búzios, favas etc.)

Fonte: A autora

Fotografia 23 - Quarto de Omolu, Nanã, Oxumaré, Ossãe Ewá, conhecidos como Povo da Palha – 03/05/2016

Fonte: A autora

Ainda nesse pavimento que é muito extenso, encontramos uma grande sala de refeições, uma pequena despensa e um banheiro e mais adiante a Cozinha e uma área de serviço.

Fotografia 24 - Sala de refeições – 03/05/2016

(Sala de refeições em dias de festa ou de “funções” (atividades) é muito utilizada como espaço não só para alimentação, mas para todo tipo de serviço que precise ser feito em espaços maiores, é sala de descanso, de conversa e quando necessário muitas pessoas dormirem no Barracão, ali também coloca-se colchões para o repouso)

Fonte: A autora

Fotografia 25 - Cozinha- 03/05/2016

(Considerada o coração da Casa de Candomblé,” é aí onde as coisas acontecem, o Ásé, as grandes conversas e brincadeiras e boa parte do aprendizado” explica a Ebomi de Ogum).

Fonte: A autora

Fotografia 26 - Sabagi – 03/05/2016

(Este é o lugar onde o Babalorixá Joga Búzios, o Oráculo fica em cima da mesa, ele se senta na cadeira atrás da mesa e o consulente ou cliente na frente, aí ele Joga os Búzios, e descobre os Odus de cada um que se consulta, para melhor orientar o cliente ou filho de santo. Nesta sala ele colocou uma fonte que movimenta água, tem imagem de Orixás, mas acima de sua cadeira tem uma Gravura de Jesus Cristo, cujo o Pai de Santo se declara devoto).

Fonte: A autora

Fotografia 27 – Roncó- quarto onde ocorrem as iniciações e obrigações, espaço ritual para os atos religiosos e onde as pessoas ficam habitando durante o período de recolhimento.(Ebomi de Osalufan e Lopin¹⁶) – 21/07/2015

Fonte: A autora

Voltando para trás e seguindo em frente a” casa do povo da palha”, temos um outro tipo de construção, que é uma sala de recepção, com sofá, televisão e banheiro e mais adiante em um corredor encontramos um local que chamamos de Sabagi, que é lugar onde o Babalorixá atende com seu Jogo de Búzios e depois abre-se a porta para um quarto o mais guardado e protegido da casa que é o Roncó. (espaço sagrado onde ficam recolhidos os iniciados no candomblé, quarto ritual).

Subindo mais um andar temos a casa do Babalorixá e um grande quintal e subindo mais um pavimento, um local que chamam de “rancho”, pois é um espaço para confraternizações e possui um fogão à lenha, uma churrasqueira e uma mesa de bilhar.

Mas nem sempre foi assim... no ano 2013 o Babalorixá e os membros do Ilê tiveram que tomar uma drástica decisão, de realizar uma reorganização geral da disposição do lugar, devido ao aumento de edifícios que foram construídos em sua volta, parte do quintal, onde aconteciam alguns rituais, ficaram expostos a curiosidade da vizinhança e o “segredo” que faz parte de todo processo iniciático poderia ser observado. Além disso, ocorreram alguns episódios de intolerância religiosa com ataques de ovos, tomates e pedras vindos dos prédios vizinhos, pessoas que ficavam observando e tentando filmar os ritos, a vizinhança chamou a polícia diversas vezes devido ao som dos tambores e das festas, ameaças escritas e apócrifas deixadas na caixa do correio, enfim, o Babalorixá avaliou que era o momento de se reestruturar e a ideia

¹⁶ O nome Lopin foi dado pelo Pai Francisco, relaciona o nome à Sociedade dos Alopás, uma confraria masculina encontrada no antigo Continente Africano, representada por máscaras de felinos.

foi de mudar a disposição do “Barracão” e proteger assim o Ilê. Chamou os filhos de santo e discutiu como cada um poderia ajudar e todos toparam, pois havia realmente essa necessidade, a cidade e seu crescimento impunham mudanças para que ocorresse a salvaguarda do segredo e da intimidade da Casa de Candomblé.

Foi derrubado metade da área construída do Ilê e feito um aterro mais de cinco metros para igualar o fundo e poder subir a construção. O “Barracão” que tinha entrada na Rua Ramalho Ortigão foi totalmente invertido para a Travessa Henrique Arcuri onde passou a ser a entrada, agora desvencilhada da casa (pessoal) do Babalorixá. No Ilê tem um poço de águas fluviais, local onde são realizados alguns ritos, esse poço era alto e no meio do quintal, onde as pessoas dos prédios podiam ver tudo que acontecia, com a nova disposição o poço foi para dentro do “Barracão” e passou a ser baixo, com sua abertura no chão. As casinhas dos Orixás, foram modificadas e reformadas, a cozinha que era grande diminuiu, mas foi criada uma grande sala de refeições, espaço esse usado para os filhos de santo e os convidados ficarem juntos. O Roncó que antes era próximo da cozinha, passou a ser o cômodo mais distante das agitações e a ter seu próprio banheiro, pois antes as pessoas que estavam em processo de iniciação tinham que atravessar a cozinha para chegar ao banheiro, e muitas vezes não podiam ir pois a Casa estava recebendo alguma visita de pessoa não iniciada, ou de parentes do próprio iniciante, e durante esse processo, no “período de recolhimento”¹⁷, existe o afastamento total das relações com os não iniciados.

A seguir veremos as imagens da grande reforma realizada na Casa de Candomblé, que foi desde a derrubada de quartos e paredes, passando pela construção de cômodos novos e do aterramento de uma grande parcela do quintal, essa sequência de fotos, foram tiradas por uma Ebomi da Casa que se preocupou em fazer todos esses registros, mas essas fotos foram colocadas no grupo secreto de Facebook, devido a isso não temos a data correta que as elas foram feitas, não possuímos datas específicas, mas as obras foram realizadas entre os anos de 2013 e 2014. Os filhos de santo ajudaram bastante no mudar as coisas de lugar e derrubar as paredes, mas toda a parte de alvenaria e reconstrução do lugar, ficou por conta de um pedreiro e seus ajudantes que cobraram um valor acessível e dividiram os pagamentos em muitas prestações, pois o Babalorixá teve que assumir empréstimos grandes para compra de material e esses pagamentos da mão de obra, até hoje alguns filhos do Ilê ajudam a pagar esses empréstimos.

¹⁷ No Ilê Asé Afeemojumó o período de recolhimento é de 16 dias.

2.1 A REFORMA NO ILÊ

Fotografia 28 - Reforma – Derrubada do Roncó Antigo

Fonte: Thais Chiarelli

Fotografia 29 - Reforma – Derrubada do Roncó e dos quartos de Santo

Fonte: Thais Chiarelli

Fotografia 30 – Reforma - Construção do novo Roncó, Sabagi e sala de televisão

Fonte: Thais Chiarelli

Fotografia 31 – Reforma - Construção do Novo Roncô

Fonte: Thais Chiarelli

Fotografia 32 - Reforma - Construção do Novo Barracão

Fonte: Thais Chiarelli

Fotografia 33 - Reforma – Construção do Novo Sabagi

Fonte: Thais Chiarelli

Fotografia 34 - Reforma - Aterramento do Quintal para construção do Novo Barracão

Fonte: Thais Chiarelli

Fotografia 35 - Reforma - Aterramento do quintal e Poço de Águas Fluviais

Fonte: Thais Chiarelli

Fotografia 36 - Reforma – Lage da Nova Construção - 2013/2014

Fonte: Thais Chiarelli

Faço toda essa descrição para analisar como a cidade pode mudar o lugar, pois se o Ilê fosse em lugar afastado sem Edifícios e longe de uma região de classe média com tanta especulação imobiliária, provavelmente uma reforma nessa proporção não seria necessária. Para se proteger o lugar e as pessoas que o frequentam, a comunidade precisou se juntar e achar uma solução. Eles avaliam que foi a melhor coisa que podiam fazer, pois hoje a Casa de Candomblé tem uma estrutura muito melhor que antes, e tem maior capacidade de acolher os filhos de santo e as pessoas que ali procuram. O outro fator de análise para essas alterações na Casa de Candomblé, é a questão da intolerância religiosa, pois dois quarteirões abaixo existe uma Igreja Católica (Igreja de São Francisco de Sales) que não precisa esconder seus ritos e sua forma de cultuar seu Deus, inclusive eles realizam bingos, no mês de junho uma grande festa junina que fecha algumas ruas do entorno e saem em procissão pelas ruas do bairro, a Igreja não paga IPTU para prefeitura e a Casa de Candomblé reivindica o não pagamento deste que criou a associação em 2016. Existe também na mesma rua sem saída, uma Grande Loja Maçônica, que funciona todas as semanas, mas nenhum dos dois sofrem atos de preconceito, não sofrem agressões de objetos jogados dos prédios.

A reforma ainda não terminou, segundo eles ainda precisa ser realizado um tratamento acústico para diminuir o impacto do som e realizar o acabamento fino em todos os compartimentos.

Fotografia 37 - Barracão de Candomblé – 15/04/2017

(No dia anterior a essa foto, tinha ocorrido a Festa de Ogum, e parte da decoração ainda não havia sido retirada, mas o espaço estava lavado e limpo, como sempre acontece no Ilê, para que possa ser usado das mais variadas formas).

Fonte: A autora

Fotografia 38 - Barracão de Candomblé preparado para Festa de Oxóssi – 22/09/2018

(O Barracão de Candomblé está preparado para a Festa de Oxóssi, mas dentro da perspectiva da reforma, já tem acabamento no chão e no teto, a cada fase das reformas terminadas, outra é iniciada)

Fonte: A autora

No Ilê, as festas de Orixás começam em torno das 18h e terminam por volta das 23h como uma forma de não arrumar brigas com a vizinhança.

Por falar em vizinhança, o lugar estudado tem algumas peculiaridades, como já disse não é uma “roça” no sentido mais tradicional da palavra e sim uma Casa de Candomblé, que fica em um bairro de classe média na Cidade de São Paulo, com um entorno totalmente urbanizado, como diz o Babalorixá, “...uma casa exprimida pelos prédios”. A entrada do Ilê, fica em uma rua sem saída que possui características interessantes, foi uma área ocupada por moradores há muito tempo, onde existe todo um sistema de “minas d’água” de vertentes que ajudam a formar o Riacho do Ipiranga, ao final da rua sem saída, funciona uma Grande Loja Maçônica e um depósito de uma rede de supermercados, além disso essa mesma rua termina em um quintal onde foi uma antiga e importante Casa de Candomblé Angola, de uma conhecida Mãe de Santo, chamada N’Bo Zazi, que depois de seu falecimento os filhos fecharam o Ilê.

É interessante observar que essas expressões religiosas e associativas em alguns momentos se unem quando o assunto é segurança, melhoramento de ruas, enchentes e em ritos transversais também, como batismos, missas de sétimo dia e casamentos. Esses trânsitos que acontecem localmente são importantes para a vida dessas comunidades e acontecem de forma natural, sempre que se fazem necessários.

Mas esses trânsitos não acontecem apenas territorialmente, existem algumas histórias contadas pelo Pai Francisco de pessoas de outras religiões que procuram o Ilê para consultas e chegou até o fato de um Padre ser iniciado, diz ele, “... um dia veio um Pastor de uma Igreja Evangélica para Jogar Búzios, ele veio de chapéu e pediu para entrar rapidamente com receio de alguém da Igreja vê-lo, mas o mais curioso foi quando um Padre, veio jogar e acabou se iniciando em Oxóssi, mas ele não segue o Candomblé...”

Fotografia 39 - Travessa Henrique Arcuri s/n – 13/08/2018

(A travessa Henrique Arcuri é sem saída e pequena, mas tem um grande movimento de carros, pois no final dela existe uma saída de garagem de um condomínio, a Loja Maçônica e o depósito de um supermercado)

Fonte: A autora

Fotografia 40 - Travessa Henrique Arcuri – 13/08/2018

(Olhando do ângulo da foto, podemos observar o portão azul da Casa de Candomblé, com uma árvore plantada ao seu lado, essa árvore faz parte dos fundamentos do Ilê, e faz parte do Ritual do Padê de Esú, que ocorre antes de se iniciar qualquer festa. Observa-se também a altura do prédio ao lado do quintal que possibilita uma visão direta para Casa de Candomblé).

Fonte: A autora

Fotografia 41 - Portão da Casa de Candomblé – Travessa Henrique Arcuri – 13/08/2018

Fonte: A autora

A Casa de Candomblé representa bem mais do que um lugar de culto, é um polo aglutinador de resistências, pois trata-se de um espaço comunitário e de uso coletivo, seja para cultivar o Orixá ou fazer “um samba de roda”. Nesse espaço social que o terreiro representa, podem existir discussões para fortalecer a negritude naquele espaço e no entorno. Segundo Raul Lody (2006), nesse espaço é representado o “Ethos Africano”: “sabe-se, entretanto, que a ênfase nas questões religiosas está no processo da representação de uma generalização da cultura africana, concordando-se também sobre os espaços dos terreiros como templo e oficinas de defensores de um não menos geral patrimônio africano no Brasil” (LODY, 2006, p. 36),

Os Terreiros ou Casas de Candomblé são comunidades religiosas com vida social, atividades sócio econômicas, políticas e culturais e normalmente representam um polo de prestação de serviços para a comunidade interna e externa, identificando-se uma referência local. Localizados nas periferias e próximos a grandes centros urbanos, segundo Reginaldo Prandi (2004):

São religiões de pequenos grupos que congregam em torno de uma mãe ou pai de santo, denominado terreiro. Cada um desses grupos, embora se cultivem relações protocolares de parentesco iniciático dentre terreiros, cada um deles é autônomo e autossuficiente, e não há nenhuma organização institucional eficaz que os unifique ou permita uma ordenação mínima capaz de estabelecer planos e estratégias comuns na relação da religião afro brasileira com as religiões e o resto da sociedade (PRANDI, 2004, p. 229).

Mas, a Comunidade em alguns momentos, ocupam as ruas com expressões artísticas ou religiosas, chamando a atenção dessa vizinhança que na maioria das vezes, entende que essas

expressões incomodam a “paz” daquele lugar, segundo o Pai Francisco, “... a vizinhança mais antiga era mais acostumada, mas agora com a quantidade de edifícios que cresceram em volta da Casa, problemas novos terão que ser enfrentados, mas nossa vida religiosa e social é muito intensa, nossa família gosta de candomblé, mas também gosta de festejar a vida”. Foi isso que a pesquisa observou quando foi comemorado os 58 anos de Pai Francisco, rua fechada, muita gente compareceu, as pessoas dos prédios iam para suas janelas, observar e filmar a chegada de uma Escola de Samba, a Unido dos Palmares, com seus ritmistas e passistas.

Fotografia 42 - Aniversário do Pai Francisco – Travessa Henrique Arcuri – 01/05/2018

(No aniversário do Babalorixá no ano de 2018, foi feita uma surpresa com muitos fogos e a chegada de uma bateria da Escola de Samba Unidos dos Palmares, cujo a vice-presidente é irmã de um dos Filhos de Santo, mas que também frequenta o Ilê como cliente, é ela que abraça o pai de Santo na foto).

Fonte: A autora

Fotografia 43 - Aniversário do Pai Francisco – Escola de Samba Unidos dos Palmares – 01/05/2018

(Com a chegada da bateria, todos se animaram, e as pessoas dos prédios saíram à janela para ver o que estava acontecendo, muitos filmavam, outros sorriam, foi um tremendo barulho, com direito a passistas e tudo mais).

Fonte: A autora

Fotografia 44 - Aniversário do Pai Francisco – Barracão de Candomblé – 01/05/2018

(A bateria adentrou o barracão de Candomblé a animou a festa por algum tempo)

Fonte: A autora

Na atualidade existe um grupo de pessoas dentro do Ilê, que tem uma vontade de fazer alguns projetos voltados para a comunidade do em torno, a ideia que vem permeando as discussões é a criação de uma horta comunitária em um terreno na esquina da Rua Henrique Arcuri, para o plantio de temperos e ervas medicinais e mágicas do Candomblé, aberto para toda comunidade. A Prefeitura já foi procurada e o processo começou a correr no ano de 2018.

Fotografia 45 - Terreno na Travessa Henrique Arcuri que pode vir a sediar o projeto de Horta Comunitária do Ilê Asé Afeemojumó 22/092018

(Pessoas do Ilê foram procurar a subprefeitura para ver se o terreno era de alguém, mas não foi encontrado nenhum documento de posse, isso animou os filhos de santo que querem montar uma horta comunitária, com folhas rituais e temperos).

Fonte: A autora

A Casa fundou uma Organização não Governamental no dia 19 de maio de 2016, a Associação Religiosa e Cultural – Ilê Asé Afeemojumó, tendo o Pai Francisco como presidente à frente da Instituição e uma diretoria que conta com uma vice-presidente, uma secretária e um tesoureiro, os demais membros são considerados como associados e podem participar de todas

as atividades da ONG. Essa foi mais uma forma de proteger o Ilê das intolerâncias, pois em caso de denúncia ou algo parecido, eles podem apresentar o Estatuto e o CNPJ que é o caráter jurídico da organização.

Fotografia 46 - Estatuto Social – 25/07/2018

Fonte: A autora

Fotografia 47 - Livro de registros dos iniciados do Ilê Asê Afeemojumó 12/02/2017

(Este livro possui os registros das pessoas que são iniciadas no Ilê, para ter esse registro a pessoa deve ser iniciada na Casa ou então “ter tomado obrigação” para se tornar filho legítimo. Este livro também controla os filiados à Associação Religiosa, Beneficente e Cultural Ilê Asê Afeemojumó).

Fonte: A autora

Essas comunidades religiosas, não movimentam somente a organização social, mas também a economia local, um exemplo disso é que no Ilê estudado um dos filhos montou um comércio para venda de artigos de Umbanda e Candomblé e também de roupas para os rituais e fornece os artigos para maioria dos adeptos da casa, mas esse mercado vai além, pois os serviços mágicos também são valorizados, é o Jogo de Búzios ou um ebó, que segundo Reginaldo Prandi (2004, p. 229) “(...) a umbanda e o Candomblé, cada qual a seu modo, são bastante valorizados no mercado de serviços mágicos e sempre foi grande – e não necessariamente religiosa”. E, em muitos casos, são esses serviços que mantêm a Casa de Candomblé e as famílias que vivem nesse espaço, “(...) a magia é quase uma atividade profissional paralela aos pais e mães de santo, voltada a uma clientela religiosamente alheia à religião africana” (PRANDI, 2004, p. 228). A convivência dessas pessoas dentro do mesmo espaço, normalmente é pacífica e as posturas quanto à religião são muito diferenciadas, soma-se a esse universo as pessoas que apenas frequentam as festas “abertas” (à comunidade) do calendário litúrgico do Terreiro ou casa de Candomblé.

No Ilê Áse Afeemojumó, a utilização desse mercado mágico¹⁸, também se faz através do conhecimento das pessoas de lojas especializadas em produtos religiosos, nas quais os dirigentes da Casa e os filhos mais velhos, acompanham os mais novos e prestes a se iniciar nas compras, isso ocorre na compra dos tecidos para as vestimentas, dos artigos utilizados para a iniciação e produtos que são usados no dia a dia.

¹⁸ Ver (VOGEL; MELLO; BARROS, 2012).

Existe uma carga de ensinamentos que ocorre desde que a pessoa começa a frequentar aquele espaço, pois segundo uma das entrevistadas, as pessoas precisam de roupas básicas para se apresentar nos ritos internos, e isso ocorre na fase onde elas começam a conhecer o Ilê, muitas delas tomam emprestadas saias e outros tipos de adereços em um primeiro momento e isso é muito comum, pois as pessoas acolhem os “novatos” para que eles iniciem seu período de “namoro”(conhecimento e experimentação) com o Asé. Mas isso se dá de uma forma muito natural, pois é comum no meio atitudes de acolhimento. Quando questionamos como era essa forma de receber os novos adeptos, foi dito o seguinte, “as pessoas vêm aqui buscar conforto e quando encontram mais que isso... começam a ver que existe um elo grande entre as pessoas e uma energia forte, ficam e aprendem em todos os momentos novas formas de se relacionar, um jeito diferente de viver em comunidade”, afirma a Ebomi de Oxóssi.

Fotografia 48 - Todos juntos trabalhando -Iya Egbé, Ekede, Ogã, Ebomi, Iyawó e Abians – 17/09/2016

(No Ilê, as pessoas trabalham coletivamente, independentemente de seu cargo na hierarquia. Todos lavam um salão ou um banheiro, ajudam a picar legumes, depenam uma galinha e quando “um precisa do outro” sempre há disponibilidade para ajudar).

Fonte: A autora

Ao longo do tempo a pesquisa pode observar as relações, esse modo de viver foi ficando cada dia mais claro, a lógica que rege essas relações é diferente quando se ultrapassa os muros e portões. A educação para essas práticas se dá através de vivência, repetição, observação, oralidade, corporeidade, onde o sagrado e o profano se encontram de maneira natural na vida daquelas pessoas e dentro daquele lugar, na construção do “Asé” daquela Casa.

Fotografia 49 - Aprendendo e Ensinando – 17/09/2016

(Os Ebomis sentam-se em cadeiras, mas os Iyawôs utilizam banquinhos que são conhecidos por Apotis, ninguém se senta em lugares que fiquem acima do Ori (cabeça) do Babalorixá).

Fonte: A autora

Considerando que um dos eixos centrais do estudo proposto seja a Cultura e Educação nesse lugar, podemos observar como o sagrado e o profano são encontrados na Casa, mas esses conceitos não são separados dentro do Ilê e nem precisam ser, pois no mesmo local aonde acabou de acontecer uma Festa de Candomblé de Ogum, podemos ter uma Roda de Samba que segue o evento, e as mesmas pessoas que estavam no primeiro estarão também no segundo, essa vivência reforça que o lugar é para acolher todos e todas, mas também as mais diversas manifestações, alguns autores acreditam que essa mistura normalmente não ocorre, como escreve Emile Durkheim (1978, p. XX):

Toda religião tem como característica separar o mundo em coisas profanas e coisas sagradas. Nas coisas profanas os indivíduos têm atitudes utilitárias, ou seja, objetos, ideias e coisas que, quando não servem mais podem ser descartadas, pois só tem valor na medida que são úteis. Nas coisas sagradas ocorre o contrário, objetos, ideias e coisas assumem um valor superior ao dos indivíduos. O sagrado é objeto de adoração, é superior ao homem, é reverenciado.

No caso da Casa de Candomblé, o sagrado¹⁹ está contido... guardado e multiplicado para os adeptos iniciados, está dentro dos portões, dos muros, das portas, das quartinhas, enfim dos elementos que dizem respeito “aos de dentro”, existindo a multiplicação desse sagrado através do “Àse” nas suas mais variadas formas, seja no convívio dos iniciados e em alguns momentos de forma aberta aos frequentadores e comunidade do em torno, nas festas no terreiro ou quando o povo do santo sai às ruas em manifestações públicas, afoxés, lundus, sambas de roda, etc, momentos onde sagrados e profano²⁰ se encontram.

¹⁹ Ver Sagrado e Profano em Emile Durkheim (1996).

²⁰ Ver Sagrado e Profano em Mircea Eliade (2001).

Fotografia 50 - Objetos sacralizados – 21/04/2018

(Uma esteira, Eni em Iorubá e uma quartinha que guarda a água que será usada em algum rito).

Fonte: A autora

Fotografia 51 - Quarto de Santo - 15/04/2017

(Os quartos de santo ficam fechados e só os iniciados podem entrar em seu interior, lá são guardados os Ibás de todos os Filhos de Santo e dos Orixás do Ilê. Os Filhos de Santo, normalmente acendem velas, trocam as águas das quartinhas, dão Osé (limpeza) e cuidam cada um de seus Orixás individuais, os Orixás da Casa são cuidados principalmente pelos Ogãs e Equedes).

Fonte: A autora

Esse “Asé” que é a essência das atividades e considerado o princípio e o poder de realização, pode ser definido da seguinte maneira, segundo Juana Elbein dos Santos (1986) “... é a força que assegura a existência dinâmica, que permite o acontecer e o devir. Sem o “Asé” a existência estaria paralisada e desprovida de toda possibilidade de realização. É o princípio que torna possível o processo vital. Como toda força, o “Asé é transmissível: é conduzido por meios materiais e simbólicos e acumulável, é a força que só pode ser adquirida pela introjeção ou por contato. Pode ser transmitida a objetos ou a seres vivos” (SANTOS, 1986, p. 39).

Fotografia 52 - Padê de Esú - foto tirada na Sede do Bloco Afro Filhos de Gandhi - Salvador/ Bahia – 20/11/2016

(O Padê é um rito onde são louvados Esú, os Ancestrais, as Mães Ancestrais e utiliza a farinha, a água, a cachaça, o dendê. Não fotografei no Ilê Asé Afeemojumó, pois faz parte dos segredos, e nesse ritual não se levanta a cabeça em respeito a todos, não se pode olhar o que está sendo realizado e as pessoas ficam ajoelhadas em esteiras, a participação desse ritual é apenas para os iniciados).

Fonte: A autora

Asé no Candomblé tem vários significados, energia, força vital, vida, força sagrada, parte dos animais que foram imolados e contém força de natureza viva, pedras, folhas, sementes, frutos. O Asé é palavra que abençoa e que agradece, são votos de boa sorte e a falta dele representa má presságios. Asé é o conjunto de materiais usados na confecção dos Orixás e usados por eles, são os objetos usados também nos altares rituais, enfim Asé é poder!

Asé é sabedoria, senioridade, origem, raiz dos antepassados. O Asé, pode ser transmitido, usado, repostado e acumulado, através da imposição de mãos, saliva, palavras, cânticos, histórias, suores, olhares, abraços e até sorrisos.

O Asé é uma forte energia, uma dádiva dos Deuses, mas tem suas formulas corretas de uso, existe “Segredo” para mexer com ele, e muito cuidado porque pode ser adquirido e perdido.

Uma Casa de Candomblé tem Asé, quando tem equilíbrio, filhos, clientes e fartura entre seus membros. Tem Asé, quando tem tradição, descendência e ascendência, linhagem e legitimidade junto ao povo do santo.

Segundo o Pai Francisco, “O Asé não aparece do dia para noite, vem da nossa ancestralidade e de como os ensinamentos foram passados para vocês, eu e Silvana fomos em muitas festas, muitos ôros, muitas iniciações para aprender com as mais velhas o que era o Asé, e isso não é como agora que tem muita coisa na internet não, a gente passava dias e noites nas roças para acompanhar tudo que acontecia, as vezes saía para tomar uma cervejinha com uma “tia” mais velha para ela contar causos e esses causos estavam carregados de Asé, muito aprendizado, por isso que eu falo que quem quer aprender o mundo taí basta querer!”, explica Pai Francisco, “(...) na minha Casa só não aprende quem não quer, porque eu ensino tudo que precisa ser ensinado, se um filho tem interesse e pergunta eu não escondo não, vou falar porque assim os ensinamentos não morrem (...)”.

Fotografia 53 - Pai Francisco e Mãe Silvana – 21/02/2006

(Babalorixá e Iyá Egbé do Ilê Asé Afeemojumó, essa foi uma das primeiras fotos que tirei deles, assim que comecei a conhecer o Ilê e fomos a uma Festa de Oxalá em uma casa irmã, era tudo muito novidade e deslumbramento).

Fonte: A autora

As rotinas internas nesses núcleos baseiam-se em mitos e ritos através de sua multiplicação pela oralidade e pela vivência, cuja essência é ligada às forças da natureza, para Mauss (2005, p. 176) “(...) a religião, por seus elementos intelectuais, tende para a metafísica, a magia que descrevemos mais apaixonada pelo concreto, dedica-se a conhecer a natureza.” O aprendizado é realizado no dia a dia e das mais variadas formas, viver e reviver mitos através de ritos, repetindo atitudes. Existe uma intimidade com o sagrado, que é vivida em um lugar atemporal e mágico, no qual tudo acontece no momento que deve acontecer, ou seja, não são as horas marcadas que ditam o rito, mas a necessidade de determinado rito naquele momento sacralizado.

Nessa organização religiosa, social, espacial e temporal, já temos uma grande complexidade de relações que apontam para um estudo sobre como esse núcleo professa sua religiosidade, forma seus adeptos e convive com os demais segmentos e como o saber religioso é multiplicado na atualidade, pois muitas mudanças ocorreram ao longo do tempo e principalmente nas últimas décadas do século XX. Reginaldo Prandi (2004) em seu artigo sobre as religiões afro brasileiras e seus seguidores, afirma que:

Uma das mais profundas mudanças observadas no Candomblé, nas últimas décadas do século XX, foi sua universalização, quando passou de religião étnica a religião de todos, com a incorporação, entre seus seguidores, de novos adeptos de classe média e de origem não africana... A base social do candomblé mudou, e mudou muito. Grande parte, talvez a maioria ainda, é de gente pobre, com muitas dificuldades para arcar com os gastos financeiros impostos pela exuberância e complexidade dos ritos (...). Mas a classe média, branca e escolarizada, já está no terreiro, muitas vezes competindo com os negros pobres, que evidentemente, pela sua condição de afro descendentes, se sentem com frequência legítimos donos das tradições dos Orixás (PRANDI, 2004, p, 234).

Isso causa no interior do terreiro uma forte disputa por cargos, discussões de senioridade e hierarquia e acaba afetando profundamente os laços de solidariedade do grupo, que passa a trazer a lógica da acumulação de riquezas e de poder para o lugar sagrado. Prandi (2003) afirma ainda que, “(...) os segredos que antes eram considerados parte dos ritos, da base litúrgica e da magia, passam a ser comercializados como mercadorias e o tempo iniciático e de aprendizado também começa a ser alterado, pois todos têm pressa.” Mas para o Pai Francisco, “(...) o aprendizado é feito no dia a dia da Casa de Candomblé, não adianta só ler livros ou procurar na internet, tem que viver o Asé.”

As relações sociais e de etnia que existem dentro desse cenário, quando se fala que o “candomblé está virando religião de branco e rico” principalmente nos grandes centros urbanos do sudeste do Brasil, será que podemos apontar esse fator como uma degradação ou uma consequência se tornar uma religião universal? Segundo Renato Ortiz (2001, p. 43):

(...) à medida que a sociedade se apropria das manifestações de cor e as integra no discurso unívoco do nacional, tem-se que elas perdem sua especificidade. Tem-se insistido muito sobre a dificuldade de se definir o que é negro no Brasil. O impasse não é a meu ver simplesmente teórico, ele reflete as ambiguidades da própria sociedade brasileira.

Fotografia 54 - Iyawó de Oxum - 06/11/2013

Fonte: A autora

Na Casa de Candomblé estudada, a pesquisa observou um outro movimento, pois a partir de observação e de fotografias dos grupos que frequentam o Ilê Àsé Afeemojumó, ocorreu o aumento de pessoas negras que ingressaram nos últimos cinco anos e isso é citado em uma das entrevistas, segundo a Ebomi de Oxóssi, “(...) no início a Casa era mais um núcleo familiar, éramos poucos, sempre os mesmos que faziam tudo, agora... tem um mundão de gente que precisa aprender e ter educação, respeitar o pai de santo e os mais velhos. Aqui também tinha

bastante gente da cidade que nunca tinha cozinhado, limpado um chão e isso se aprende porque ninguém, nasce sabendo, precisa ensinar. O Orixá também aprende (...) quando o Iyawô passa pelo Roncó, os Orixás também vão aprendendo como chegar na Terra (...) é tão bonito ver aquela Iansã ou Xangô, negro, lindo no meio do barracão dançando!”.

Com a entrada maior de pessoas negras, o Ilê, passou a ter mais discussões sobre a resistência e luta pela cultura ancestral, sendo isso um reflexo também do momento vivido e dos ataques sofridos por intolerância religiosa, segundo o Iyawô de Oxóssi, “(...) eu procurei o Candomblé porque queria me aproximar da religião de meus avós e entender como era viver uma vida diferente da nossa, parecida com que meus ancestrais viveram, sou negro e encontro no Candomblé essa força!”. Mas essa discussão sobre etnicidade se revela distante da casa, pois nas entrevistas fica claro que as pessoas querem viver em comunidade e não separadas por essa ou aquela etnia, mas todos lembram quem são os ancestrais que carregaram o Candomblé até a atualidade.

Fotografia 55 - Orixá Iansã - 24/11/2011

(Orixá feminino, Iansã é a senhora dos ventos e das tempestades. Ela é valente, tem um temperamento forte e independente).

Fonte: A autora

No Ilê, a forma de discutir e entender o lugar é diferenciada pelas pessoas, para a Iyawô de Oxum a afirmação que ao passar o portão tudo fica diferente e que ela sente que entra em um outro tempo, pode trazer outras experiências, diz ela, “... quando eu entro pelo portão, passo a água na minha cabeça, parece que aquilo limpa tudo, eu caminho para dentro do barracão com a firmeza de meus ancestrais, parece que o tempo deixa de ser o tempo e muda tudo até a temperatura, são sensações muito legais que só conheci quando comecei a vir para o Candomblé. Eu tinha lido muita coisa pela internet, mas nada explica o que realmente acontece aqui!”, já o Iyawô de Oxóssi, descreve assim “... eu quando estou na Casa de Candomblé, esqueço do mundo aí fora, esqueço meus problemas e venho só para me dedicar aos Orixás”.

Cada um está na sua vivência coletiva e tem suas sensações e experiências individuais é isso que torna o lugar tão interessante.

Fotografia 56 - Filhos de Santo – 03/04/2010

Fonte: Luciana Braga

Fotografia 57 - Filhos de Santo - 10/03/2017

Fonte: Rubens Trovo

As descobertas da mitologia, dos ritos e da vivência em um tempo diferente e sagrado, ordenam todos os processos que ocorrem dentro da Casa de Candomblé, que passam a sofrer influências do tempo futuro, aquele que não pode esperar, onde o sagrado e o profano são influenciados por internet e redes sociais e muitas vezes, os bens culturais são remetidos a

banalização (PRANDI, 2001). Quando a pesquisa analisa as relações internas do Terreiro na cidade de São Paulo, pode observar como acontece a vivência e o aprendizado e leva em conta que existe uma recriação simbólica de relações religiosas, sociais e comunitárias, mas que elas são altamente influenciadas pelo avanço da urbanização.

Fotografia 58 - Festa das Aiabás – Orixás em meio a informatização – 14/11/2015

(Essa foto foi tirada de uma forma inusitada, sou Equede, não entro em transe e tenho como parte das minhas funções vestir os Orixás, pois quando o iniciado “vira no santo”, ele precisa ser cuidado o tempo todo, seus sapatos são tirados e ficam de pés no chão, lhe são retirados todos os objetos eletrônicos, caso haja algum sob sua posse, normalmente quando o Orixá é masculino dobramos a barra das calças para facilitar o movimento e se é feminino colocamos laços e panos da costa, mas se é uma festa, os Orixás que estão sendo festejados, sobem para o Roncô para serem vestidos, paramentados e preparados para adentrarem novamente no Barracão. No caso da foto os Orixás já estão prontos e esperam sentados em Apotis (pequenos bancos de madeira) a chegada da hora de irem para o Barracão, mas enquanto o tempo deles é ritual, o do garoto que está entre eles, é o aqui e agora e seu entretenimento são os jogos em um celular).

Fonte: A autora

Como exemplificado nas fotos anteriores, podemos ver os Orixás, a expressão desse sagrado no meio de tecnologias, momento esse que só poderia acontecer nos dias atuais. A pesquisa também pôde observar o quanto as pessoas, principalmente as crianças são apegadas a essas tecnologias, o que mais sentiam necessidade nos períodos que estão “recolhidos”²¹ no

²¹ RECOLHER/RECOLHIMENTO – Momento de iniciação, dias que as pessoas ficam dentro da Casa de candomblé para iniciação ou obrigação.

Terreiro, são os jogos e redes sociais, como nos aponta o Ebomi de Oxalufan, em sua obrigação de sete anos quando lhe é perguntado se faria tudo de novo ele responde, “(...) ah não, é cansativo ficar sem meus joguinhos, meu sofá, mas depois que terminar eu posso mexer no celular, eu trouxe um livro, mas o que eu acho mais difícil é ficar sem o joguinho, desse jeito a gente fica o dia todo dormindo (...)”

Essas influências também são sentidas de uma forma mais global, segundo Prandi (2004, p. 224):

Ao longo do processo de mudanças mais geral que orientou a constituição das religiões dos deuses africanos no Brasil, o culto aos Orixás primeiro misturou-se ao culto dos santos católicos para ser brasileiro, forjando-se o sincretismo; depois apagou elementos negros para ser universal e se inserir na sociedade geral, gestando-se a umbanda; finalmente, retomou origens negras para transformar também o candomblé em religião para todos, iniciando um processo de africanização e dessincretização para alcançar sua autonomia em relação ao catolicismo. Nos tempos atuais, as mudanças pelas quais passam essas religiões são devidas, entre outros motivos, à necessidade da religião se expandir e se enfrentar de modo competitivo com as demais religiões. A maior parte dos atuais seguidores das religiões afro-brasileiras nasceu católica e adotou a religião que professa hoje em idade adulta.

Esse movimento dentro da religião que se propõe a resgatar sua origem, com uma proposta de Africanização, contra a degradação dos pilares da religião, aparece também sob o olhar de Bourdieu (1983) nos campos de produção de bens culturais, religião, literatura, artes, a subversão herética reivindica o retorno às fontes, à origem, à verdade, ao jogo, contra a banalização e degradação que sofreu.

Na pesquisa, aparece uma forte tendência de reafirmar valores ancestrais, várias alusões a querer aprender o idioma Iorubá, aulas de percussão para os Ogãs, conversas com a “contação de histórias dos Orixás”, explicação dos ritos com detalhes para o entendimento de todos. Todos esses fatores buscam fortalecer os alicerces do Ilê e uma observação que se faz necessária, os membros da Casa procuram expor a diferenciação entre Candomblé e Umbanda.

Fotografia 59 - Babalorixá, Iyá Egbé e Iyá Kekerê – 21/10/2016

Fonte: A autora

Em relação as formas de participação no Candomblé, existem diversas possibilidades de inserção individual, desde pessoas que esporadicamente vão a uma festa, outros que são clientes da Casa, jogam búzios e fazem Ebós, mas não vão além disso, os abians, que estão almejando uma iniciação e podem ajudar na Casa, os Iyawô que estão em processo de iniciação, O Ebomis irmãos mais velhos(com mais de sete ano de iniciados e com as obrigações realizadas); Ogãs e Ekedes que no Ilê referido passam pelos ritos de iniciação como os os demais adeptos, a Iyá Kekerê, A Iyá Egbé e o Babalorixá, pois existe uma hierarquia a ser seguida e cada um exerce um papel dentro dos rito.

No caso dos clientes assistidos pelo Babalorixá e seu Jogo de Búzios, Prandi (2004) afirma que o Terreiro pode ser considerado uma Agência de Serviços Mágicos e a pesquisa pôde apurar que existem pessoas que apenas querem esse contato com a casa e na maioria das vezes prefere manter seu anonimato, não frequentando sequer as festas, segundo ele,

Como agência de serviços mágicos, que também é, oferece ao não-devoto a possibilidade de encontrar solução para problema não resolvido por outros meios, sem maiores envolvimento com a religião. Sua magia passou a atender a uma larga clientela, o jogo de búzios e os ebós do candomblé rapidamente se popularizaram, concorrendo com a consulta a caboclos e pretos-velhos da umbanda (PRANDI 2004, p. 224).

Mas outros, nunca sequer jogaram búzios, mas frequentam todas as Festas de Orixás, segundo eles, pela beleza, ritmo, comida e Asé que recebem, uma visitante afirmou que se sente muito mais forte quando assiste uma Festa e que pretende acompanhar todo calendário anual daquela Casa.

Esse é o momento mais público que podemos citar, pois são festas abertas, onde os Orixás dançam e abraçam as pessoas que vão acompanhar o evento e homenageá-los. Normalmente esses encontros são muito animados com a música dos instrumentos de percussão (atabaques, agogôs, xequerês) e danças realizadas por pessoas e Orixás, pois o fundamental nesses momentos é quando os deuses descem ou “baixam” em seus filhos iniciados e estes dançam pelo salão com poesia e revivendo mitos através de seu gestual.

Fotografia 60 - Atabaques – 27/09/2015

(Nos terreiros de candomblé, os três atabaques utilizados são chamados de "rum", "rumpi" e "le". O rum, o maior de todos, possui o registro grave; o do meio, rumpi, tem o registro médio; o lé, o menor, possui o registro agudo podendo ser usado o aquidavi para a percussão. O trio de atabaques executa, ao longo do xirê, uma série de toques que devem estar de acordo com os Orixás que vão sendo evocados em cada momento da festa. Para auxiliar os tambores, utiliza-se um agogô; em algumas casas tocam-se também Xequerês, para se tocar esses atabaques a pessoa deve ser Ogã).

Fonte: A autora

Fotografia 61 - Cantar é louvar e se comunicar com o Orixá. Festa de Omolu - 12/08/2017

(As cantigas cantadas em Iorubá dão o toque a este cenário com uma pessoa cantando e todas as demais respondendo aquela cantiga, ocorrendo assim um diálogo em um idioma vindo do continente africano no qual a maioria das pessoas que cantam e repetem e não dominam o que estão pronunciando, normalmente o Babalorixá ou Iyalorixá entendem o que está acontecendo, além dos filhos mais velhos, mas aquela pessoa que vai assistir ou a pouco se iniciou, ainda tem bastante dificuldade de entendimento).

Fonte: A autora

A Iyawô de Iansã, nos conta as primeiras impressões sobre esses momentos, “quando comecei a frequentar o Candomblé, eu tinha saído da Umbanda, onde a gente podia pedir conselhos, conversar com os caboclos, mas na primeira vez que fui a uma festa de Candomblé achei que aquilo nunca mais ia terminar, eu não estava entendendo nada do que estava acontecendo e quando achava que iam parar de cantar, entrava outro Orixá (...) com o tempo comecei a entender o que era cada cantiga e porque ocorriam as mais diversas mudanças de Orixás e de rituais, hoje penso que quando a pessoa ignora o que está acontecendo fica muito difícil entender, mas demora muito tempo para começar entender e isso só se dá quando a gente começa a trilhar o caminho da iniciação... não é uma religião fácil... temos que perseverar muito e amar os Orixás para continuar, para passar pelos ritos e chegar a entender um pouco esse caminho do mistério”.

Fotografia 62 - Orixá abraçando assistência – 24/09/2011

Fonte: Júlia Santos

Nas festas é comum os Orixás irem abraçar as pessoas que participam da festa, sendo assim, uma das formas que transmitem o Asé, pois diferente da Umbanda, eles não falam e não dão consultas, eles dançam, abraçam e deixam sua energia através de pequenos gestos.

Na prática religiosa existem muitos rituais, alguns simples e outros altamente complexos, os filhos de santo são preparados através de ritual iniciático que representa o renascimento. Segundo a Iyawô de Oxalufan, “quando entrei no roncó me deu um medo danado, uma emoção que eu não conseguia explicar, mas ao mesmo tempo que eu queria estar lá, pensei no que deixei lá fora, meus filhos, meu marido e tudo que eu vivia no mundo exterior, com o passar dos dias, fui entendendo que eu estava no útero, como diziam meus irmãos mais velhos, eles falavam que tudo que acontecia ali era uma preparação para um renascimento e

isso acabou acontecendo mesmo. Deixamos de ter contato com tecnologias, pessoas, coisas simples como metais e vivenciamos um outro momento gestacional que culmina com o nascimento do Orixá em nós... acho muito lindo tudo isso e me emociono toda vez que vejo uma “saída de santo” e o nascimento de mais um Orixá na casa!’. Segundo Verger (2002) “existe a morte do sujeito anterior, e o período de reclusão está preparando o nascimento religioso”, no qual a pessoa que está se iniciando, abre mão das suas roupas comuns, usando o branco e simples conhecido como “roupa de razão” e principalmente raspando seus cabelos, emergindo para “uma nova vida”.

Fotografia 63 - Iyawós de Oxum no Roncô – 16/06/2017

(As Iyawôs estão se preparando para saírem no barracão para “dar o nome”, que significa o renascimento da pessoa e o nascimento do Orixá para a Comunidade, é um momento tenso, segundo elas, pois vão se apresentar em público depois de vários dias recolhidas no interior do terreiro, nesse momento já passaram por uma série de ritos e estão dentro do Roncô aguardando a finalização dos preparativos).

Fonte: A autora

Esse renascimento mágico se dá através de rituais que utilizam, os ebós, banhos de folha, dança, música, comidas, sacrifício de animais, possibilitando assim uma experiência transcendental, uma das marcas desse processo, são as vivências sensoriais e coletivas que muitas vezes assustam alguns ingressantes. O Pai Francisco aborda o tema da seguinte forma, “as pessoas quando precisam se iniciar, precisam “namorar” a Casa de Candomblé, precisam viver, depenar uma galinha e ver se é isso mesmo que elas querem”.

Segundo (PRANDI, 1991), embora seja enfatizado o aspecto ritualístico, existem outros elementos na atração que a religião exerce sobre os clientes e fiéis, para ele a noção de “asé” como “carisma”, é uma qualidade excepcional que se traduz em força e poder. No geral, as pessoas falam que Orixá escolheu aquela Casa, ou que direcionou a pessoa para aquele lugar, é muito comum nas histórias contadas por eles, dizerem “(...) que andaram por muitas casas e conheceram muitos lugares, mas foi ali que seu Orixá quis ficar.” Uma das entrevistadas Ebomi de Ogum, “(...) acompanha seu Pai de Santo, que seu pai te ensina, não vai atrás dos outros (...) não fique pulando de galho em galho, participa mais da casa de seu pai de santo, porque

é ali que a gente tem que participar, não é pra ficar em um canto e no outro, você não sabe o que tá acontecendo lá dentro! Eu não ia pra casa dos outros quando era novinha, imagina agora que estou velhinha rsrs (...) Meu Orixá me dá pique, mas para dar ele (Orixá) em outro lugar... não vou não. Vou me enfiar em qualquer lugar... não sou flor que se cheire, eu não levo desaforo pra casa, sou de Ogum!''.

Fotografia 64 - Ebomis de Ogum e Iyawô de Xangô – 18/07/2009

Fonte: A autora

“Falo mesmo! (...) Fui criada aqui e não vou desviar meu caminho, mas tem gente hoje em dia... que onde a vaca toca, o boi vai atrás, eu não! É na casa de meu Pai Francisco que eu vou ficar!”

Essa sensação de pertencimento faz com os elos dentro da Família de Santo se fortaleçam, quando uma Ebomi, “velha de santo”, fala com os mais novos, ela exprime o que realmente acredita em relação a Casa de Candomblé e isso influência muito no aprendizado.

Pai Francisco, explica que a Família de Santo funciona da seguinte forma,

(...) aqui é igual a todas as casas, funciona obedecendo a hierarquia dos mais velhos, primeiro vem eu, minha esposa e minha filha, pois essa hierarquia passa de pai pra filho, assim como na Roça e no Gantois, passa pelo sangue é hereditário, o dia que eu me for tem a minha esposa e filha para cuidar, tem meus netos e assim sucessivamente. Em caso de algum deles não querer assumir, sempre terá um filho que vai levar o Asé adiante, eu assim espero, porque a gente não escolhe essa missão, nós somos escolhidos. Quanto ao funcionamento, a primeira regra da casa é o respeito, em segundo lugar o respeito de novo. Os Orixás dão as condições necessárias para a gente conduzir algo tão importante, pois são várias vidas que convivem aqui, a casa funciona sob as regras da família e respeito, independentemente de qualquer posição social, sexual ou racial, aqui todos devem ser respeitados, somos uma família (...) mas um líder tem que ter a capacidade de liderar então exerço essa função da melhor forma possível.

Segundo Lima (2003, p. 72-73) quando fala do líder do terreiro,

(...) o líder do terreiro exerce toda a autoridade sobre os membros do grupo, em qualquer nível de hierarquia, dos quais recebe obediência e respeito absolutos”. Sobre a definição de Filhos de Santo ele define da seguinte forma,” ... nesse estágio da iniciação, a se delinear sob a terminologia do parentesco de santo, para além dos termos pai e mãe, e os neófitos de barco passam a ser referidos com dois termos genéricos, correspondente ao novo status adquirido com o ingresso formal no grupo do Candomblé...nessa fase do ritual que os noviços recebem o nome de iaô e passam igualmente a empregar um outro referencial de parentesco na forma de três variáveis terminológicas: irmão de asé, irmão de barco e irmão de esteira. Iaô é o primeiro grau, por assim dizer, de um longo caminho de promoções e cargos, de responsabilidade, de conhecimento e de poder.

Com esses pensamentos essa Família se forma, e a pesquisa verificou que essa ideia de parentesco é aceita e assumida pelos membros do Ilê. Pai Francisco explica, *“A Família de Santo é a mesma coisa da Família de Sangue, você se importa, briga, as vezes fica com raiva, sente todas as emoções, com os Filhos de Santo é a mesma coisa, tem muito amor... os sentimentos são os mesmo, porque na realidade, às vezes, a gente acaba convivendo mais com o Filho de Santo, do que com algumas pessoas da sua Família Biológica, então você acaba desenvolvendo muito amor, tem Filho de Santo que a gente faz questão de ter por perto, mais que algumas pessoas da outra Família, porque esses Filhos ficam do nosso lado por coração, por vontade e as vezes na biológica a coisa funciona por obrigação. Os Filhos de Santo, vem para Casa de Candomblé por uma vela, trocar uma água de quartinha, mas vem ver como a gente está, trocar ideias, tomar um café, então isso desenvolve uma relação, a gente quer estar do lado de quem aprendeu e ensinou a amar!”*

Fotografia 65 - Família de Santo do Ilê Asé Afeemojmó - 26/05/2017

Fonte: Thiago Capelle

3 RETRATOS DOS ENTREVISTADOS E ENTREVISTADAS

3.1 QUANDO O CANDOMBLÉ ENTRA NA VIDA DAS PESSOAS

Saindo da construção da “Família de Santo”²² e do Cenário no qual foi realizada a pesquisa, convém apresentar as pessoas que participaram das entrevistas e depoimentos realizados, mas procurando valorizar todos e todas que de alguma forma, seja com um gesto, uma palavra ou um olhar também ajudaram neste caminho.

Todos os filhos e filhas do Pai Francisco, sem nenhuma exceção, participaram desse processo, até os simpatizantes e frequentadores da Casa ajudaram de alguma forma, principalmente com conversas informais e longe de gravadores.

No primeiro semestre de 2018, o Ilê Ásé Afeemojumó conta com 55 participantes, sendo sete Abians, aspirantes a iniciação e os demais todos e todas iniciados, quando a pesquisa foi iniciada, a casa contava com cerca de quarenta pessoas, digo cerca pois existe um núcleo de pessoas que flutuam dentro desse Universo, as vezes estão dentro, outras saem e outros diferentes entram, não existe uma filiação na qual o adepto é obrigado a ficar em determinada Casa de Candomblé e não pode ir para outra, muitos frequentam duas ou três casas simultaneamente, até se decidir em qual irá ficar e outros as vezes nunca se decidem.

Tecendo algumas observações sobre o grupo das pessoas que foram entrevistadas, posso dizer que a grande parte das pessoas entrevistadas, fizeram sua iniciação entre os anos de 2016 até 2018, com exceções de algumas Ebomis que deram “obrigações” e das duas lideranças: Pai Francisco e Mãe Camila. As idades variam de 05 anos a cerca de 90 anos, mas esta divisão equitativa foi totalmente aleatória, não contendo a intenção de uma distribuição de faixa etária, assim também segue a questão de gênero, pois entrevistei 25 pessoas, sendo 8 homens e 17 mulheres, o que proporcionalmente se repete na Casa, sendo que a maioria dos filhos de santo e abians são mulheres. Dos entrevistados um deles é uma criança que se iniciou aos cinco anos e hoje já ebomi (irmão mais velho) com 11 anos de idade, o Ilê Ásé Afeemojumó, possui sete crianças iniciadas, pois no mês de agosto mais três crianças foram iniciadas, sendo dois deles netos do Pai Francisco e da Mãe Silvana, filhos da Iyá Kekerê a Mãe Camila.

Outra singularidade é que o Ilê iniciou duas Equedes num curto período de quatro meses, pois a Casa tinha apenas uma Equede “feita” pelo Pai Francisco durante dez anos, além da Mãe Silvana que é Iyá Egbé e também Equede. Iniciou também um Ogã, o Ilê possui nove Ogãs. Entrevistei também duas abians, que se preparam para fazer suas iniciações.

²² Ver o conceito de família de santo no Candomblé (LIMA, 2003).

Para a seleção dos entrevistados a ideia foi ter um pouco da representação de pessoas que ocupam as mais diversas colocações dentro da hierarquia do Candomblé e que passaram pelo processo de feitura ou de obrigação no período que foi realizada a pesquisa (2016-2018), alguns casos estão fora desse critério pois quando o assunto está ligado a intolerância religiosa, procuramos falar com um Vereador da Cidade de São Paulo ligado ao “Povo do Axé”, com uma liderança de Movimento Social que é irmão de Santo de Pai Francisco, com um Ogã do Gantois que é “Tio de Santo” da Casa e as duas principais lideranças dos Terreiros dos quais a casa descende, Mãe Cacho de Omolu e Mãe Juju, todos e todas que foram entrevistados ou deram um depoimento são ligados a ancestralidade do Ilê Asé Afeemojumó e que para isso temos as seguintes entrevistas e depoimentos:

- Babalorixá Pai Francisco de Osaguiã
- Iyá Kekerê Mãe Camila
- Equedes (duas)
- Ogã (Um)
- Ebomis (quatro)
- Ebomi criança
- Iyawó (sete)
- Abians (duas)
- Dona Rita - Frequentadora (mais antiga) da Casa
- Ogã Jorge Amorin – Ilê Asé Ibecê Alaketu Ogum Megegê e Ilê Ìyá Àsé Iyamasse (Terreiro do Gantois)
- Felipe Brito - Ebomi irmão de Santo do Pai Francisco – Articulador de Movimentos de Resistência – Àguas de Oxalá
- Rodrigo Gomes - Vereador da Cidade de São Paulo
- Mãe Juju – Iyalorixá do Ilê Maroketu Asé Oxum
- Mãe Cacho – Iyalorixá do Ilê Asé Ibecê Alaketu Ogum Megegê

Os perfis das pessoas entrevistadas, serão apresentados através de suas próprias histórias e palavras, para permitir que os elementos de análise na pesquisa fiquem claros perante as citações das entrevistas. A pesquisa está mantendo o sigilo frente a manutenção de suas privacidades, não serão colocados também detalhes que levem a suas identificações, apesar de todos não ocultarem seu pertencimento à religião. Dessa forma, serão utilizadas as referências de hierarquia das pessoas dentro do Candomblé e não seus nomes, excetuando-se as pessoas

públicas, cujas as identidades fazem parte desse mundo público e dos dirigentes do Ilê. Na segunda parte deste capítulo, será feita a etnografia de um processo de iniciação, no qual foram acompanhadas duas Iyawôs desde o seu momento de preparação para o ingresso nos rituais e durante os dois primeiros anos de sua vida de iniciadas. As entrevistas aconteceram nos momentos que antecedem os ritos e depois deles, sempre tomando o cuidado de não invadir o momento vivenciado por elas, mas também procurando captar a emoção desses momentos. Toda pesquisa foi montada a partir de uma pergunta geradora que serviu de base para iniciar a conversa com os entrevistados e a partir desse questionamento base todas as conversas aconteceram.

a) Como o Candomblé entrou na sua vida?

- **Francisco Vilela Dantas**, Babalorixá do Ilê Asé Afeemojumó, nascido em São Paulo.

O Candomblé entra na sua vida através do espiritismo, nos anos 60 a sua mãe estava para amputar uma perna e uma vizinha a levou para procurar um espírita conhecido como José Arigó²³, que fazia operações espirituais, mesmo contra as convicções da família, sua mãe fugiu e procurou a ajuda desse médium. Chamaram a polícia, fizeram de tudo para encontrá-la, mas depois de alguns dias ela voltou curada e sem necessidade de fazer a cirurgia, ninguém podia comentar o episódio, mas isso fez com que o preconceito com espiritismo começasse a ser questionado dentro da família tradicional de descendentes de espanhóis. Outros episódios familiares aconteceram e foram relatados pelo Pai Francisco, sua mãe casa-se com um pernambucano (seu pai) e continua a frequentar vários centros espíritas, levando seu filho consigo. Um dia sua mãe adoece e segundo Pai Francisco seu pai, “... toma outros rumos”, e ele menino começa a conhecer a rua e conhece uma Casa de Candomblé, pergunto quantos anos ele tinha, mas não sabe, imagina que isso acontece no começo dos anos 70, e ele devia ter mais ou menos onze ou doze anos. Nessa casa ele passava os dias e brincava com a molecada, a dona da casa “cismou” de iniciá-lo, era um Candomblé de Angola, ele participava dos ritos, um tempo depois ele conheceu a Umbanda e começou a frequentar. Lá conheceu a Mãe Silvana e ficou por uns dois anos, casou-se e se afastou da religião, com o aparecimento de um problema de saúde na Mãe Silvana, eles começam a voltar para Umbanda, mas lá tinha um pai de Santo que jogou Búzios e deu que ela precisava “fazer o Santo”, fizeram a iniciação, mas também deu no Jogo de Búzios que ele precisava fazer a iniciação novamente para entrar na Nação Keto, para fazer essa iniciação chamaram o Pai Atologi, para não ser o mesmo Pai de Santo da Mãe

²³ José Pedro de Freitas foi um médium brasileiro. Era conhecido como José Arigó ou simplesmente Zé Arig, que realizava cirurgias espirituais utilizando instrumentos cirúrgicos e através do espírito do Dr. Fritz, médico que viveu na Alemanha, durante a Primeira Guerra Mundial.

Silvana, realizaram os atos e mantiveram o “tempo de santo”, isso era comum na mudança de uma Casa para outra e as vezes de uma Nação para outra também. A partir daí muitos problemas começaram a surgir, a família tinha uma vida estável, e perdeu tudo, cargo, dinheiro, carro, a casa de moradia começou a ter vários problemas. Nesse momento ele procura Mãe Juju, Iyalorixá do Ilê Maroketu Asé Oxum, que lhe diz que o “Santo” estava cobrando, isso queria dizer que ele precisava arrumar algo entre sua feitura e o momento atual, e ela fez isso, e sua vida voltou ao normal e prosperou. Ele está até os dias atuais como Filho de Santo dela. Construiu o Ilê Asé Afeemojumó que também já teve várias fases. A Casa começa a funcionar por volta de 1988. Como o Pai Francisco veio da Nação Angola ele sempre “deu Caboclo”, ou seja, recebe a incorporação de um espírito que se apresenta como Caboclo e atende pessoas e ele conta que essa entidade não tinha lugar para atender e muitas pessoas procuravam seus conselhos, mas o Pai Francisco era muito jovem e tinha uma casa(moradia) muito pequena, ele atendia os consulentes na cozinha, foi quando o Caboclo fez um “acordo” com a Mãe Silvana e disse que ele daria uma casa (moradia) para a família mas ela teria duas partes, a parte de cima que seria para família morar e a debaixo que seria para ele (caboclo) e os Orixás Segundo as palavras do Pai Francisco a história da Casa de Candomblé foi assim, “... aí quando o homem vendeu a Casa, foi arrumando aos pouquinhos e aí quando nós vimos, a casa foi acontecendo, ela tinha um salão embaixo e nem sabíamos, igual ao que o Caboclo falou para Silvana, parecia um porão, mas quando tiramos as coisas era um salão grande, como se existisse uma casa embaixo, e acabou se tornando o Barracão de Candomblé. Acabou virando o salão da Casa de Candomblé... ficamos muitos anos usando esse salão até que a casa cresceu e tivemos que mudar tudo para atender a demanda... o roncó... o sabagi é onde o Caboclo atende até hoje, ele nunca mudou de lugar, ele só fica lá, nunca subiu na minha moradia, está atendendo no mesmo lugar a mais de 30 anos”.

Para finalizar pedi um recado para os que virão...e ele respondeu, “... para os que virão para o Candomblé, os que vão nascer agora... nascer para ser! Deixe que seu Orixá te diga se realmente você nasceu para aquilo, não force nenhuma situação, porque cada um tem sua hora, seu momento. Com eu falei, eu acredito que alguns são escolhidos, o Orixá escolhe, então para os que vem futuramente, se realmente ele for escolhido, eles vão te dar um sinal, o Orixá vai tocar seu coração, sua vida, eles vão mostrar realmente se a pessoa nasceu pra Orixá, não queira ser uma coisa que não é... e quando nascer para aquilo, seja por inteiro, com força, com alegria. Os antigos viveram felizes, eu acompanhei um pouco alguns, eram alegres, com bastante tempo para a vida e rodeados de bons amigos, foi como Mãe Menininha, tinha grandes amigos e grandes Filhos de Santo, tinha alegria de ensinar. Acredite realmente naquilo que você se

propõe e carrega, acredite de verdade no seu Orixá. Acredito também em outras forças do Universo, eu acredito muito em Jesus Cristo e nunca escondi isso de ninguém, porque foram as primeiras coisas que eu aprendi, e minha Mãe Menininha também acreditava. Acreditar sem confundir com o Orixá, porque eles são os nossos deuses, são da natureza, do Planeta Terra, Ossãe, cuida das folhas, Iansã do vento, Ogum do ferro, Xangô do fogo, Iemanjá e Oxum das águas e por aí vai... são todos componentes da natureza de um Planeta que se chama Terra, são elementos que nós cultuamos, que faz parte de nossa cultura, da nossa crença. Acredito nesses Orixás e em Jesus Cristo, nesse Jesus que está dentro de mim, que eu aprendi a amar quando era criança, pois passei por muitas coisas difíceis e eu naquela época não sabia chamar Ogunhê... ou Epa Babá... eu chamava Jesus me ajuda! E quando eu via... tinha me atendido. Então eu tenho também essa crença... e você pode ter e manter suas crenças e cultuar os Orixás, mas seja verdadeiro, não faça nada de mentira, não misture as coisas, pois cada qual tem o seu lugar no Planeta, cada qual habita sua fé, e seu Orixá! Ninguém é mais que o outro, como não existe mais que Orixá e menos que Orixá, somos todos iguais, nós precisamos de todos eles, assim como você precisa dos olhos, do ouvido, de respirar, Qual Orixá é mais importante... todos! A sua fé, dentro de cada um sabendo conduzir e ser conduzida, isso faz a gente crescer e ajuda a crescer quem está do nosso lado, porque o Candomblé é passado oralmente, tem gente que precisa ver coisa mais concreta para acreditar, mas nem todo mundo nasceu para o Candomblé!

- **Mãe Camila** – Iyá Kekerê (Mãe Pequena) da Casa – Filha biológica de Pai Francisco e Mãe Silvana nascida em São Paulo, casada e tem dois filhos.

Para ela o Candomblé não entrou na vida dela, mas ela entrou no Candomblé, quando nasceu seu pai já era “feito e tinha muitos anos de Santo”, ela nasceu no Candomblé e quando fez sua iniciação tinha sete anos de idade, quando o pai resolveu iniciar seus três filhos juntos. Segunda ela, o pai esperou o momento certo, pois eles dançavam, cantavam, tocavam, participavam da vida do Candomblé, mas não eram iniciados e essa vivência tinha seus segredos, foram iniciados pela Mãe Juju e continuam com ela até hoje. Quando eram pequenos, ela e os irmãos, sofreram muita discriminação por serem uma família do Candomblé, segundo ela, era “Bulling total”, pois ela era conhecida como a “filha do macumbeiro” e isso era muito pesado para uma criança, ela explica que desde antes do seu nascimento seu pai “já tocava os atabaques” e eles soavam forte no bairro, então não tinha como amenizar, era assumir e conviver com várias formas de discriminação. Na época da escola existiam coleguinhas que os pais não permitiam entrar na casa dela e as vezes nem podiam chegar na calçada. Ela conta,

“estudei com uma menina que era evangélica e não podia fazer trabalho aqui em casa porque a mãe falava que era a Casa do Diabo... A Casa do Demônio, então eu sofri bastante com tudo isso.”, ainda segundo ela, seus irmãos sofreram um pouco menos pois não levavam desaforo para casa e o fato dela ser mulher aprofundava a discriminação.

Mãe Camila tem o cargo de Iyá Kekerê, que significa que será a pessoa que irá assumir a Casa de Candomblé quando o Pai Francisco se afastar, mas não gosta de falar nisso, ela assume com muita humildade a condição na hierarquia da casa, aprende e ensina e diz, “... para mim como filha carnal é muito pesado, eu não gosto de ouvir esse tipo de coisa, eu só estou abaixo do meu pai e da minha mãe”. Mas sabe que é uma grande responsabilidade ser a terceira pessoa de um Ilê que possui tantos filhos de santo, e que deve ser exemplo para o que é certo ser feito dentro dos preceitos do Candomblé, entende que tem de pensar para agir e tomar atitudes, pois isso reflete no andamento da Casa de Candomblé. Casou-se e seu esposo também se iniciou no Candomblé, os dois tem dois filhos, que “brincam” de Candomblé, cantam, tocam e dançam, imitando os mais velhos. Quando esta entrevista foi realizada eles não eram iniciados, mas agora no momento que escrevo os dois passaram pela iniciação e já são Iyawó. Mãe Camila deixa o seguinte recado, “... o Candomblé é uma religião de amor, de respeito e de hierarquia. O Candomblé é vida, é força, se a pessoa está no Terreiro, dando o seu tempo, o seu momento, as vezes a gente deixa de fazer uma viagem pelo Orixá, deixa de fazer muita coisa pelo Orixá... é isso que o Orixá precisa, não precisa de luxo, de nada disso, o Orixá precisa de básico da natureza, do respeito... é só amar e amar!

- **Equede de Ogum** - nascida em Bernardino de Campos, interior de São Paulo.

O Candomblé entrou na sua vida depois que estava a uns dois anos passando uma situação muito ruim e frequentava a Umbanda, mas existiam algumas coisas que a estavam incomodando e ela pediu para o Pai Pequeno da Umbanda uma ajuda, que ele a levasse para algum lugar que realmente a ajudasse. Ele respondeu que ali ela não poderia ser ajudada, mas que ele a levaria para o Pai de Santo dele. Foi marcado o Jogo de Búzios e segundo ela, “... ele jogou para mim foi assim, como uma coisa que eu não sei explicar até hoje, foi muito bom, muita coisa boa, fui embora feliz!” Ela foi para a casa de pais biológicos que moram no interior e ficou lá por uns oito meses cuidando deles, inclusive esse retorno foi previsto pelo Oráculo, mas ainda a situação estava difícil, voltou fez ebós e arrumou emprego em três ou quatro dias, conquistou suas coisas aos poucos de volta e está na Casa de Candomblé, foi iniciada em 28/05/2017.

- **Ekede de Iemanjá** – nascida em São Paulo.

Foi criada dentro do Kardecismo, que gosta muito, mas para ela faltava alguma coisa, foi quando conheceu a Umbanda, que também gosta, mas queria conhecer algo mais profundo e como tudo era segredo, isso chamou sua atenção para o Candomblé e em uma conversa com uma amiga que também é Ebomi do Ilê Asé Afeemojumó, pediu para conhecer a religião e veio em uma festa, que para ela foi mágico. Marcou o Jogo de Búzios e naquele momento aderiu a religião, segundo ela “... marcamos o jogo e ali eu tive certeza de que era isso que eu estava procurando!”. Realizou sua iniciação em 02/01/2018, e atua como Ekede da Casa desde então.

- **Ogã de Jagum** – nascido em São Paulo.

Através da avó que foi da Umbanda por 40 ou 50 anos, ele sempre teve uma relação próxima e a ideia de Orixá sempre foi muito presente na sua vida, foi batizado na Umbanda e sempre teve uma visão de religião ligada a natureza. Conviveu com Erês, Exus e Caboclos. Com nove anos começou a frequentar a Casa do Pai Francisco, acompanhando sua mãe que é atendida pelo Caboclo do Pai a muitos anos. Cresceu com os filhos do Pai Francisco e depois de 21 anos foi iniciado no Candomblé. Ele sempre soube que um dia iria “ ter que fazer o Santo”, mas quando foi para o Jogo de Búzios e Jagum pediu a iniciação, ficou claro que era a hora certa, segundo ele “... eu sabia que seria feito uma hora ou outra...é aquela lei, pelo ou pela dor, eu tinha que lembrar que meu lugar era aqui, que eu tinha um caminho a seguir, então sempre que vinha para cá eu era acolhido, e aí resolvi... dá última vez que joguei, perguntei como estava a relação com meu Orixá, e foi falado que meu prazo estava expirado e foi pedida minha iniciação, e então hoje estou aqui, antes da minha feitura, tenho possibilidade de ser Ogã, mas tem 1% de chance... aquele 1% de não ser (risos) e nesse 1% tudo pode acontecer, agora quem tá ouvindo a entrevista eu não sei se sou ou não Ogã ou vou dar Santo.” E foi iniciado como Ogã no dia 10/10/2016.

- **Ebomi de Ogum** – nascida em São Paulo, 37 anos de iniciada.

O Candomblé entrou em sua vida por necessidade, segundo ela, por questões de saúde, ela teve uma doença nos pulmões mas não sabiam se era tuberculose, até hoje não sabem o que era, nessa época morava em Guarulhos e foram os próprios médicos que pediram para ela procurar alguma ajuda espiritual, porque eles já tinham esgotado as possibilidades da medicina, conta ela, “dentro do hospital não dava nada, mas do lado de fora eu cuspi sangue, catarro com sangue, aí eles pediram para ir ver isso, fui numa Casa de Candomblé lá no bairro do Limão, eu conversei com o Pai de Santo, mas não entendia nada de Candomblé, porque eu era de outro

mundo, eu vinha da Umbanda. Nessa época tinha 22 anos e não tinha a menor noção de nada do Candomblé, era da Umbanda, mas tive que me iniciar, fiquei 21 dias recolhida, e sem nenhum problema de pulmão, sem problema de catarro, ganhei alguns quilos, porque tinha emagrecido muito. Nessa época, tomava uma Bezetacil por dia, mas lá no quarto de santo, sei lá... não deu nada, me recuperei e não tive mais esse problema. Mas não continuei no Candomblé, sei lá porque, eu acho que não tive nenhuma orientação exata sobre o que eu vivenciei, como minha vivência era na Umbanda continuei lá.”

Percebendo a grande influência da Umbanda na vida da Ebomi, perguntei sobre como ela começou na Umbanda e ela contou, “... eu tinha uns sete para oito anos, minha mãe carnal teve um problema muito sério de saúde, aí veio uma Iyalorixá de Santos para atender, foi uma época que meu pai estava em Minas Gerais, ele era católico e apostólico demais, servia hóstia na igreja... mas era benzedor... e não aceitava nada que fosse outra coisa, aproveitaram e trouxeram essa senhora para ver minha mãe, mas no fundo no fundo fui eu que acabei ficando com a responsabilidade de tirar as coisas, mas eu não sabia de nada. Veio um espírito lá, que eu não sei quem era e fez o trabalho, limpou e salvou minha mãe, mas eu acabei quinze dias internada no Hospital Emilio Ribas, lembro de tudo foi muito difícil, eu estava com muitas feridas na boca e na garganta, ninguém sabia o que eu tinha, mas acho que foi por causa do trabalho, aí eu melhorei voltei pra casa e vida normal, só quando tinha de 16 para 17, a Dona Alzira, uma vizinha me levou no centro da Dona Helena e eu comecei a desenvolver o espiritismo, escondido da minha família... eu...abri um Centro de Umbanda que atendeu por 14 anos e só fechei porque entendi que precisa me desenvolver no Candomblé, minhas obrigações estavam todas atrasadas e isso estava atrapalhando minha vida, eu doava muita energia, mas não repunha nada, fui ficando doente e também precisava cuidar mais da minha filha que estava dando trabalho, foi aí que conheci o senhor Francisco, apresentado pela Marina, hoje meu Pai Francisco...dei minhas obrigações todas, um, três, sete, quatorze e vinte um.”

A Ebomi continua no Ilê e é a Filha de Santo mais velha do Ilê.

- **Ebomi de Ogum 2** – Nascida no interior da Bahia.

Ela nos conta que veio da Bahia e não sabia nada de Candomblé, veio trabalhar na casa do Pai Francisco, e foi convivendo e gostando de tudo que aprendia, quando participou da entrevista tinha em torno de 22 ou 23 anos de iniciação. Explica que ama os Orixás e faz tudo por eles. Na Bahia, ela não conhecia o Candomblé, tinha muita discriminação, “(...) para mim era samba, era a cachaça, eram aqueles pretos que corriam pela rua (...)”. O irmão dela participava do culto, mas ela nunca foi. Ele foi “feito de santo” muito pequeno, conta ela, “(...)

ele foi feito pequenininho, morrendo, levado para hospital, trazia e botava em cima da mesa, queimava vela, botava uma mortalha, e ele voltava, mas eu nunca acreditei, mesmo vendo o exemplo do meu irmão! Mesmo vendo o exemplo de toda família. Eu tinha medo, nunca quis participar, mas um dia uma mulher passou e falou (...) – Você... você... não escapa!!! Eu disse: - Escapo sim... eu vou escapar de que? Eu não devo nada pra ninguém, não ando, não bebo cachaça para cair na rua??? Era o que eu achava. Mas eu era menina pequena... via todo o povo de Richelieu (roupa bordada) e andando descalço pela rua, andando pela lama, nunca gostei! Mas quando vim pra cá, aconteceu isso na casa do Senhor Francisco de Osaguian, que é hoje meu pai de Santo. Já vim pronta e pronto... ele pegou... fez meu Santo e estou muito feliz com tudo que ele fez comigo, graças a Deus nunca deu problema... está tudo feito como eu queria.” Hoje ela exerce o cargo de Iyamoro da Casa.

- **Ebomi de Oxóssi** – Nascida em São Paulo, na época da entrevista (2016) tinha 21 de iniciação.

Contou que já estava muito tempo na casa do Pai Francisco, conhece a família desde adolescência, mas não foi iniciada no Ilê Asé Afeemojumó, na verdade a casa que ela foi iniciada era ligada também a Mãe Juju, a pessoa que fez sua iniciação era um dos filhos de santo de Mãe Juju, mas ainda não havia tomado obrigação com ela, explica a Ebomi, que os filhos de santo da casa do primeiro pai de Santo dela, eram feitos com a ajuda e supervisão da Mãe Juju que naquele “barco” foi auxiliada pelo Pai Francisco que de alguma forma participou da iniciação dela no dia 15/01/1995. Ela conta que Oxóssi levou ela para Casa de Pai Francisco e ela já está com essa família por volta de 13 anos. Ela saiu da outra Casa por divergências dentro do Asé, foi iniciada em 1995, mas cresceu dentro do Candomblé, conhecendo muitos lugares diferentes. Conta ela, “... eu tava percebendo que as coisas não estavam certas e saí de lá de umbigueira... peguei meus ibás e fui embora...”, ela levou seus objetos sacralizados de iniciação para própria casa(moradia) e disse, “... eu não vou pra lugar nenhum... meu Orixá que vai me mostrar aonde eu vou ficar, então os ibás ficaram na minha casa e eu procurei o Pai Francisco, foi ele que tirou minha umbigueira, assim de um jeito ou de outro, o Orixá mostrava que eu tinha que ir para Casa dele, Oxóssi me levou para Osaguian. Ele acompanhou o meu preceito e tudo, foi muito difícil, porque você estava nascendo para o Orixá e já começando a viver uma vida totalmente conturbada para o Asé e teve que sair da sua casa... eu me vi sozinha no mundo. Esse Ibá ficou muito tempo na minha casa. Fiquei muito decepcionada com o Candomblé e por uns oito ou nove anos não quis saber de nada. As vezes ia assistir o Candomblé na Casa da Mãe Juju ou do Pai Francisco, mas não queria ser filha de santo por causa da

decepção, não queria ir para Casa de ninguém, acreditava que chegaria o momento que meu Orixá me levaria para o lugar certo, cheguei a pensar em sair da religião, voltei para assistir a Umbanda, fui ver culto na Igreja Evangélica, fui na Seicho-no-Ie, em vários lugares assistir mas não me prendi a nenhum. Mas acho que o Orixá estava me dando um tempo, até que chegou o momento que realmente eu fui e conversei com o Pai Francisco e com a Mãe Silvana, joguei búzios e Oxóssi estava pedindo ... tinha me dado um tempo grande, e eu nem tinha dado obrigação de um ano, estava tudo muito atrasado, faltando coisa, né? Então estava na hora de correr atrás, O Orixá em casa só ficou guardado, não foi cuidado, até que fui voltando aos poucos. No jogo deu que Oxóssi queria que a feitura se completasse com a montagem de outro Orixá, montei Ogum, eu carreguei dois Quelês, Ogum também estava pedindo coisas na minha vida... os caminhos não abriam mais, era o Orixá cobrando! Eu tinha que tomar uma decisão de vez, ou entrava de cabeça ou saía de vez. Então o Orixá falou mais alto e eu fui, voltei a frequentar o Candomblé e logo depois marcamos minha obrigação de um e três anos, aí a gente percebe que as coisas começam a melhorar.” E depois disso ela está no Ilê Asé Afeemojumó.

- **Ebomi de Oxóssi 2** – nascida em São Paulo.

Filha de mineiros, era da Umbanda, foi através de um acidente com a mãe que entrou na Umbanda, tinha adoração pelos Caboclos, e com o tempo foi conhecendo o Candomblé e se iniciou, segundo ela, “...cheguei na Casa de Candomblé devagarinho, já era iniciada em Keto, mas não entendia muito de Candomblé, o Pai foi muito compreensivo comigo e a Mãe também, dar obrigação de sete anos foi uma grande emoção, eu pensava que não ia conseguir mas graças a Deus consegui, eu tô começando tudo do zero praticamente, porque fiquei afastada por muito tempo, então eu tenho muito que aprender, muito mesmo, mas aqui eu tô na Casa certa, sou meio confusa, ainda bem que o Pai coloca tudo no Família de Asé e a gente vai lendo, perguntando, gosto desse grupo do Facebook, pra conversar, pra estudo, é um grupo secreto, só da nossa família, só coisas o Asé, mas o pessoal aqui da Casa ajuda muito também”. Perguntei para ela sobre intolerância religiosa, se ela já havia sentido ou presenciado algum episódio, ela responde, “... Ah... já perguntaram se eu tenho câncer, porque estou sem cabelo e eu respondi, Não eu sou espírita, sou do Candomblé, aí a pessoa não gostou muito, olhou estranho, os vizinhos são curiosos, eles saem lá fora para olhar como eu estou e o que estou fazendo... preta de branco o dia todo, chama a tenção!... Eles ficam curiosos, mas eu não vou mentir pra ninguém, o que eu fiz, qual minha religião, eu não tenho vergonha não, e por enquanto tô assim, porque eu tô de preceito e quando eu sair, vou sair carecona mesmo, coloco uns brincos grandes

bem bonitos... é minha religião e eu assumo ela com muito amor e carinho!”. A Ebomi deu obrigação de sete anos em novembro de 2016.

- **Ebomi de Osalufã** – nascido em São Paulo.

Ele começa no Candomblé por causa de seus pais e da sua saúde, conta sua história brincando em entrevista no dia 11/10/2016, “... eu fiz o santo quando tinha cinco anos, agora estou com 10 e tenho cinco anos de santo, ano que vem eu vou fazer sete anos e vou ser Ebomi... é bem legal ser a única criança que é feita na casa do Pai Chico, meu santo é Oxalá e ele vem de vez em quando, só que não é toda vez, porque tipo... eu sou criança e as vezes posso assustar com isso, acho a casa legal, gosto daqui... eu ainda tô aprendendo coisas sobre o Candomblé, acho que é isso !”. Novamente entrevistado quando foi realizar a obrigação de sete anos no ano de 2018, ele diz, “... estou feliz, vou ser Ebomi sim...!”. No capítulo sobre a iniciação das crianças, teremos mais detalhes desta entrevista.

- **Iyawô de Osalufan** – nascida em São Paulo.

O Candomblé, entrou na sua vida através de uma sobrinha que começou a frequentar e a levou para uma festa, ela frequentou a Umbanda por muito tempo e sua mãe também era da Umbanda, uma vez jogou búzios mas não levou adiante, as vezes o Orixá se manifestava e começou se encantar e identificar por aquela energia. Conheceu várias Casas em torno de quatro ou cinco e foi sua filha que a trouxe para o Ilê Asé Afeemojumó, uns quatro ou cinco anos antes de sua iniciação. Mas falaremos dela na segunda parte desse capítulo.

- **Iyawô de Oxum** – nascida em São Paulo.

Começa desde pequena a ouvir histórias que sua mãe contava, isso marcou sua vida e quando estava com 13 anos aconteceu um acidente, ela estava indo para o trabalho e fazia um trajeto a pé para casa, ela conhecia algumas pessoas no trajeto, e assim ela conta, “ ... eu conhecia algumas pessoas, num determinado dia um rapaz passou por mim e fez o sinal da cruz, fiquei pensando... nossa o que será que aconteceu? Fui almoçar e voltei para o serviço e encontrei esse rapaz na volta que se benzeu de novo, olhei para os lados e pensei nossa! Fui embora... na hora que eu estava andando, senti alguma coisa me puxando, tentei atravessar a rua, mas tinha aquela coisa me puxando, mas na avenida vinha vindo uma moça de carro e ela estava buzinando e eu não saia, não conseguia chegar na calçada, ela começou a frear e bateu em mim, eu cai e minha chefe aí passando, me levou para casa, daquele dia em diante eu pensei, tem alguma coisa errada... nunca mais vi aquele rapaz e minha mãe me levou em um Centro de Umbanda, a moça que nos atendeu falou que tinham feito trabalho, que era para eu morrer ou

ficar aleijada, foi triste, todo mundo chorou, mas minha mãe continuou cuidando de mim naquele centro, até o momento que eu abandonei e nunca mais se falou nisso. O tempo passou e quando eu tinha em torno de 26 anos, conheci o pai dos meus filhos e a gente começou a namorar, os pais dele eram umbandistas, e aos poucos fui voltando para Umbanda. Meu irmão era do Candomblé e acabei conhecendo a Casa do Pai Francisco através dele e aqui estou esperando minha iniciação que vai acontecer daqui a pouco!”. Sua iniciação aconteceu em 17/03/2016, a entrevista completa está na segunda parte deste capítulo, em Etnografia de um Rito.

- **Iyawô Oxum 2** – nascida em São Paulo.

O Candomblé aparece primeiro como curiosidade na vida dela depois virou encanto, veio da Umbanda onde já frequentava a sete anos e o Pai de Santo da Umbanda fazia alguns cursos de formação e colocava alguns aspectos do Candomblé e isso foi chamando a atenção dela até que conheceu uma pessoa no seu local de trabalho que era filho da casa do Pai Francisco que a convidou para uma festa, depois veio o jogo de búzios, um “namoro” com a Casa e a iniciação, ela descreve assim, “... acabei conhecendo uma pessoa aqui da casa em meu trabalho e essa pessoa começou a explicar um pouco sobre o Candomblé, explicar como funcionava, mas falei que eu quero ir, eu quero saber como é isso daí, já vinha com curiosidade do passado na Umbanda e eu peguei e vim numa festa, numa saída de Oxóssi e acabei me encantando, falei... Nossa !!! como funciona esse processo? Aí eu vim conhecer como funcionava a função da casa, aí eu vim e fiquei na Casa, e minha irmã estava passando por algumas dificuldades ela veio e jogou búzios com o Pai, fez Ebó e começou a retomar a vida dela, na verdade ela tinha perdido tudo, pronto... é aqui que eu quero ficar, se as coisas estão dando certo para ela, para mim também vão funcionar. Não que fosse uma troca, eu falei... poxa! Tava tanto tempo em uma situação tão difícil e aqui a gente encontrou algo que pudesse fazer ela sorrir de novo e então claro que pelo bem que foi feito estamos aqui.” Iniciação realizada em novembro de 2017.

- **Iyawô Oxóssi** – nascido em São Paulo.

Ele tinha muito medo da religião, apesar de seu irmão ser da Umbanda e quando cantava as cantigas na sua casa ele pedia para parar, e falava que não queria ouvir, segundo ele “...morria de medo porque eu cresci numa família inteira católica, aprendendo que macumba é coisa do mal, aí comecei a fazer um programa artístico chamado Vocacional, um Projeto Social, que tem teatro, tem dança, música, bem legal! E os colegas falaram... vai ter uma festa lá em Casa, Vamos? Vamos ! um monte de gente falou que ia e eu não sabia que ia ser num terreiro, mas

elas sabiam que eu tinha medo, mas não falaram nada... a gente foi, chegamos perto do Terreiro, só eu e um amigo, chegamos para essa festa, umas onze ou doze pessoas haviam confirmado, ele olha e diz que ninguém vai vir, quando chegamos era uma casa no quintal e as meninas saíram com uma saia enorme para nos receber, uma roupa enorme e linda, aí entramos, quando entrei vi as máscaras, as carrancas da casa e um monte de flor, era festa das Aiabás, eu não sabia... vi os atabaques e aí começou a dar uma tremedeira, eu falei... – Meu deus... eu quero ir embora!... minha amiga falou, calma, olha como a gente tá bonita, a festa está bonita, aí eu comecei a pensar por esse lado, sentei na cadeira da assistência lá no fundo, porque eu não queria chegar perto, acabei sentando perto do Roncó e não sei se tinha gente recolhida, só sei que tudo estava acontecendo atrás daquela porta. Começou a festa, os atabaques, comecei a achar aquilo lindo, porque era tudo muito colorido, todo mundo cantava com fervor e alegria, aí eu falei... isso é muito mais legal que numa igreja, que todo mundo fica sentado ouvindo o padre falar, eu estava num processo de ir na missa e sentir muito sono, e sentir tudo muito monótono... aí gente... toda vez era isso, todo domingo é isso, o padre fica dando sermão, não que seja ruim, mas não tava me situando mais. Eu comecei a ver que era tudo mais bonito, mas porem eu ainda tinha medo, aí começaram a virar no santo do meu lado e aquilo me dava mais desespero, ainda porque eu estava no fundo e tinha medo de acontecer algo. Acabei dormindo na casa delas e aquilo ficou martelando a noite inteira na minha cabeça.” Começou a quebrar paradigmas e veio para religião pelo amor, segundo ele, “... a decisão não foi por necessidade, nem por doença, foi por amor a religião, por amor a mim mesmo e porque é uma religião antiga, de raiz, de tradição, tem a negritude, é religião de preto, eu estava num processo de empoderamento porque eu não me reconhecia como negro, até minha adolescência eu me intitulava moreno, eu estava num processo de saber o que era ser negro, o que era a raiz do negro, o cabelo, a roupa. Foi vir para religião por amor acima de tudo, aquilo tava me fazendo muito feliz.” Ele foi feito em outra casa, mas deu obrigação de um ano de 2017 com o Pai Francisco e está no Ilê Asé Afeemojumó.

- **Iyawô de Iansã** – nascida em São Paulo.

No ano de 1989 uma Mãe de Santo da Umbanda jogou e disse que ela precisava se iniciar, mas essa Iyalorixá não tinha o preparo necessário e a levou para um outro terreiro na grande São Paulo, foi feito o processo de iniciação, mas por motivos que ela até hoje não sabe, a Iyalorixá aparece ao final da primeira parte da iniciação e a retira daquela casa de Candomblé, ela só tinha 22 anos e não entendia o que estava acontecendo, aceitou o que estava ocorrendo e foi para o Terreiro de Umbanda, cumpriu os preceitos, e ainda ficou alguns anos com essa mãe

de santo. Através de uma amiga conheceu outro terreiro de candomblé e aquilo acendeu sua vontade de conhecer mais e poder completar o processo de iniciação. Nesse momento ela explica, “...que hoje o sentimento foi de felicidade de estar completando uma coisa que eu queria ter completado, ter feito da maneira correta e infelizmente não consegui fazer onde eu estava. Medo eu não tive, eu não sabia o que ia acontecer, até porque a gente sabe que faz parte da ritualística, mas independentemente do que for acontecer, eu sabia que tinha que estar preparada, então, medo eu não senti, curiosidade também não, foram só esses dois sentimentos com os meus, o mundo lá fora e conseguir completar, deu um sentimento de alívio, poxa ! demorou 28 anos, mas agora a gente vai fazer direito !. Ela deu obrigação na casa em 01/04/2017.

- **Iyawô Oxóssi 2-** nascido em São Paulo.

Para ele o Candomblé entrou na sua vida através da Dança, foi pela dança que ele teve uma forte relação com o Orixá Iemanjá. Teve uma fase da sua vida que frequentou a Umbanda junto com seus familiares, mas fez uma aula de dança dos Orixás e depois disso não queria mais dançar outra coisa. Acabou virando professor de Dança dos Orixás. Pesquisou a religião para o teatro e conheceu várias Casas de Candomblé, mas chega no Ilê Asé Afeemojumó da seguinte forma, “... chegar aqui começa com um acaso, fui fazer um curso de Danças Brasileiras e na primeira aula, atrapalhado que sou, fui para aula errada era aula de Dança Contemporânea, só que nessa aula outra pessoa estava na sala errada e também era das Danças Brasileiras, nós nos conhecemos fizemos o curso juntos e um dia ela foi com uma camiseta com o Orixá Osumaré, e eu tinha jogado búzios e um pai de santo havia me dado esse Orixá no jogo. Começamos a conversar sobre isso e ela me convidou para conhecer a Casa, depois disso joguei búzios com o Pai Francisco e não queria mais saber de outra casa, fui iniciado para Oxóssi!” Ele foi iniciado em janeiro de 2018 e essa amiga que o trouxe para Casa de Candomblé é sua Madrinha de Orukó.

- **Iyawô de Iansã 2** – nascida em São Paulo em 06/08/80.

Ela também veio da Umbanda e pessoa de poucas palavras, mas de muita emoção relata o seguinte, “... o Orixá me levou a conhecer o Candomblé e me deixou lá, foi a melhor escolha que eu fiz na vida. Cheguei precisada de um apoio de uma palavra amiga de conhecimento e o Orixá leva a gente praticamente leigo e a gente aprende o que significa a religião e om por que da feitura... isso é uma herança que a gente tem que dar continuidade ao processo. Eu fui recebida na Casa com muito amor, carinho e de braços abertos, sem nenhuma diferença e eu

me senti muito bem. Para mim o rito de iniciação é a mesma emoção quando você está tendo um filho!”. Ela foi iniciada em 06/07/2017.

- **Abian de Iansã**- nascida em São Paulo – Capital, nascimento 10/09/1979, 38 anos.

O Candomblé entrou na vida dela a doze ou treze anos atrás quando foi convidada para um “toque de Caboclo” e começou a participar de “giras de desenvolvimento” na Umbanda e a dar consultas. Sobre o Ilê ela diz, “... eu nunca tinha ido numa Casa de Candomblé, depois de um tempo fui numa festa de Orixá na Casa do pai, ele convidou a gente para participar da Roda de Sirê, eu não me lembro agora qual era a festa, acredito que era festa de Oxóssi, mas no primeiro momento o que me chamou a atenção foi o toque o Adjá e quando as pessoas foram entrando em fila, o Sirê me hipnotizou, pela primeira vez eu estava numa Roda de Sirê, mas achei lindo, foi tipo...uma coisa meio mágica, assim e me apaixonei, mas devido as circunstâncias e algumas coisas que aconteceram eu me afastei, tanto da Casa de Candomblé e da religião espírita da Umbanda, fiquei um tempo fora e aí quis voltar, fui procurar umas outras casas, fui visitar, fui em vários toques de candomblé, conheci várias casas, mas nada me tocou... nada tocou meu coração para que eu pudesse ficar na Casa. Foi fim de ano, eu já tinha até cansado de procurar uma Casa, eu falei ah... eu acho que não é a minha praia o candomblé, tô meio fora! Todo mundo falava, que eu estava na Umbanda, mas que era de Candomblé e foi no final do ano quando a gente faz aqueles pedidos coisa e tal... e pensei, quer saber de uma coisa? Vou cuidar da minha vida pessoal, da minha vida profissional... vou deixar para esse lado espiritual, não deve fazer mais parte da minha vida, mas passado uns dois ou três meses eu tive um sonho era Iansã, num salão que estava sendo construído e estava todo no cimento, eu só via as pessoas do tórax para baixo, mas estavam todas vestidas de branco, foi quando fui bater a cabeça e na hora que levantei, senti um vento e dei de cara com Babalorixá, Pai Francisco, pois lá foi a primeira Casa de eu fui. Esperei amanhecer e entrei em contato com ele, que me disse se eu queria vir, a Casa estava aberta, fui jogar e estou lá a dois anos como Abian.

- **Abian de Iansã 2** – nascida em Guarujá – SP 22/03/97.

Ela se aproximou do Candomblé através de um sonho com sua Orixá e a partir daí saiu em busca de respostas e conhecimento, segundo ela, “... fui atrás de pessoas que conheciam para saber se tinha alguma coisa a ver com o Candomblé, o que era aquilo e uma amiga me disse que era Iansã, eu fui atrás para ver quem era Iansã e eu tenho um amigo que é Ogã no Ilê e ele me levou para conhecer a Casa de Candomblé, cheguei e me encontrei, fui muito bem recebida logo no dia que cheguei, era aniversário de outra pessoa e meu também, aí cantaram

parabéns para mim e foi muito bacana, me senti muito acolhida, realmente dentro de uma família.”

Fotografia 66 - Dona Rita, ela tinha por volta de 90 anos, era iniciada (em Sergipe) e visitava a Casa nos dias de festa, amava estar no Candomblé, era a primeira a chegar em todas as festas, conheceu o Pai Francisco ainda menino e o acompanhou desde então - 14/11/2011.

Dona Rita – visitante, cliente, admiradora, admirada, um momento especial nas entrevistas, pois ela era a pessoa mais antiga que conheceu o Pai Francisco quando era “menino” e acompanhou sua trajetória desde o Terreiro de Angola até uma Festa de Xangô no dia 24 de junho de 2017, que ela veio participou e faleceu naquela madrugada dia 25 de junho de 2017.

Fonte: A autora

O Ilê acordou mais triste, se foi... Dona Rita que era a primeira pessoa a chegar em todas as festas da Casa de Candomblé, ela não esquecia e ligava durante a semana para confirmar a festa e dizer que iria participar. Por muitos anos, ela morava pertinho e voltava a pé para sua moradia, mas depois mudou-se e sua filha normalmente a trazia, mas alguém do Ilê sempre ia leva-la, uma Ebomi começou a fazer isso, e depois com a multiplicação dos aplicativos de celulares, as pessoas do Ilê chamavam um “Uber” para leva-la de volta. Não foi diferente nessa noite da Festa de Xangô, ela estava feliz e levando comidinhas e bebidinhas para sua moradia, como sempre fazia, mas o Uber demorou e não achava a rua da entrada do Candomblé, eu mesma fiquei com ela lá embaixo esperando o carro, sai no meio da rua para chamar o motorista que estava com medo de entrar na rua sem saída, falamos que era para levar uma senhora idosa que não andava direito e ele veio, ela embarcou com dificuldade e se foi... se foi para o Orun! Entrevistei Dona Rita em 27/09/2016 em uma Festa de Erê, enquanto arrumavam o Barracão de Candomblé, ela já estava lá esperando a hora de começar a festa, escrevi o seguinte em meu caderno de anotações, “ Dona Rita, é a pessoa que conhece a mais tempo o Pai Francisco, fora

de sua família, ela acompanha toda a trajetória do Babalorixá e gosta muito da Casa, é a primeira a chegar em dia de Candomblé, mesmo com sua dificuldade de andar, bate no portão e chega. Nessa hora todos no Barracão sabem que está na hora de terminar os preparativos e se arrumar, - Dona Rita chegou !”, ainda escrevi no dia 27/06/2017, após seu falecimento, “No dia 24 de junho tivemos a Festa de Xangô e lá estava ela Dona Rita, ela cantou, bebeu, comeu, louvou o Orixá e nessa madrugada voltou feliz para sua moradia, teve problemas respiratórios e faleceu dia 25/06/2017. Voltou para o Orun nos Braços dos Orixás.

No próximo Candomblé ela não será a primeira a chegar...sentiremos sua falta!” Mulher de poucas palavras, não sabia sua idade certa e não quis falar isso, ficou super intimidada comigo filmando sua entrevista, mas segue suas declarações, “...nome: Maria Rita dos Santos, nascida em Aracaju, era de Conceição, mas meu marido morreu, fiquei viúva. Comecei com sete ano lá em Aracaju, minha mãe era lavadeira de roupa e eu estava assim, debaixo do coqueiro esperando-a, aí um senhor que era amigo dela falou assim... Maria Rita num tá desmaiada não... Maria Rita pegou Santo... Que negócio é esse?... ele explicou para minha mãe, eu sou do velho Omolu, veio meu santo com sete ano, aí eu fiz o Santo. Era um terreiro grande, Casa Grande, diferente daqui de São Paulo, lá tinha uns negócios assim... aí a gente se baixa assim... se quiser entra, senão não entra, mas dava pra ver abaixado, e a gente via o Candomblé, lá era Keto Nagô. Mas eu vim pra São Paulo com minha madrinha, devia ter uns dezessete anos, cheguei na cidade, muito frio né? Cheguei em janeiro na década de 60, mas não conheci terreiro nessa época, demorei ainda pra achar aqui, conheci o Pai Francisco naquela outra Casa que ele tinha, conheci ele primeiro, eu venho só aqui e em outro terreiro na Cantareira quando tem festa, só vou nas festas do Pai Francisco, Pai Rode de Oxóssi e Pai Cido de Oxum, só essas casas eu vou, ia também na casa do Pai Bobó de Iansã, mas ele cofou (morreu)!” Perguntei sobre as diferenças entre o candomblé de antigamente e o de agora, ela responde que tem pouca diferença naquela Casa e nas casas que ela frequenta. Pergunto como era seu Orixá, seu Omolu, ela responde, “...naquele tempo não tirava foto, né? Nem filmava... mas minha mãe dizia que era bonito, os outros também falavam que era.” Sobre o Pai Francisco ela começou a falar, “Eu amo esse pai, amo a Mãe, quando conheci ele não era nem casado ainda, tinha 16 anos e eu passava muito com o caboclo dele, quando ele tava lá na Umbanda, só passava com ele, meu marido era vivo e me levava lá, isso tem pra mais de 30 anos, encontrei a irmã dele agora pouco, eu gosto muito dessa Casa. Pedi um copinho de água, morrendo de sede!” Dona Rita recebe o copo d’água da mão da Iyawó de Ewá, dá um beijinho e pergunta se ela estava bem, “...você está cansadinha? Eu adoro essa casa aqui, todo mundo me trata bem...ninguém faz conta de ninguém. É uma benção aquela pessoa que cai na mão do Pai Francisco, da mulher dele, é uma

bença. É uma pessoa de bem, não é marmoteiro, faz tudo as coisas direito, com amor. Prá fazê um Santo tem que respeita e anda direito!” E assim Dona Rita deixa a marca da sua presença no Ilê Asé Afeemojumó.

b) Os depoimentos da raiz à intolerância!

Os depoimentos foram realizados com pessoas que de alguma forma tinham alguma ligação com o Ilê Asé Afeemojumó, principalmente quanto a ancestralidade da Casa, eles também tinham alguma ligação com movimentos sociais que atuam em lutas contra a discriminação e o preconceito religioso. Devido a ser um foco diferenciado das entrevistas realizadas até o momento, a pergunta base também foi outra. O ponto de partida foi em alguns casos a Cidade de São Paulo, o Candomblé na atualidade, como o preconceito e a intolerância atinge o Candomblé na Cidade de São Paulo.

Na dissertação a questão da intolerância religiosa, permeia a maioria dos depoimentos, porque depois de saber como o Candomblé entrou na vida dos entrevistados, todos falam um pouco sobre o que acham, ou o que enfrentaram em relação a esse assunto, e tudo isso aparece ao longo da dissertação, como parte das entrevistas ou como base de discussões e observações, além disso o questionário que foi respondido por parcela dos membros do Ilê Asé Afeemojumó, versa sobre esse tema e este será abordado adiante. A própria reestruturação da Casa de Candomblé, se deve muito aos efeitos dessa intolerância e ataques vividos por estar em uma cidade como São Paulo e no meio de vários prédios, em um lugar onde o metro quadrado é muito valorizado etc.

Portanto, considero de extrema importância trazer essa discussão a partir de vozes que de alguma forma atuam na cidade para lutar contra essa forma de preconceito.

Fotografia 67 - Mãe Cacho - 20/09/2018

Genildes Cerqueira de Amorin, Mãe Cacho, Iyalorixá do Ilê Asé Ibecê Alaketu Ogum Megegê, Sítio do Portão/ Muritiba, nascida na Bahia e Filha Biológica de Pai Nezinho, iniciada no Candomblé por Mãe Menininha do Gantois e hoje matriarca do Asé ao qual pertence a Casa de Candomblé estudada.

Fonte: A autora

Pergunta: A Senhora pode falar um pouco sobre a raiz do Asé dessa Casa?

“Sou filha de Manoel Cerqueira de Amorim, Pai Nezinho e minha mãe, que me pariu, meu sangue foi a primeira Yalaxé do nosso Asé, o primeiro Dabá foi meu irmão Neo, que mora em São Pedro da Aldeia, depois veio o neto de Mãe Menininha, daí pra frente expandiu... O posto da minha mãe, antes de morrer ela deu para neta dela. A Iyá Kekerê da Casa, do Ibecê era minha tia de sangue, Tia Vivi, irmã de meu Pai, o posto dela depois que ela morreu, eu passei para minha neta, hoje a Iyá Kekerê da Casa. Meu pai falava que ele tinha uns cinco anos de idade e já estava dentro do Asé, convivendo com as mais velhas, elas prepararam ele, ele nasceu pro Santo no Gantois, era vidrado por Mãe Menininha, adorava Mãe Menininha, ela dizia que ele era o filho que saiu da entrinha dela, por mais que ela gostava dele, então ficou essa História e Papai falava que desde o tempo dos Bisavô dele, ele tinha o posto de Babá Ebé, que o Bisavô dele deu pra ele, o Babá Ebé, que naquele tempo antigo passou pro papai, a nossa raiz está em Capivari, foi nas margens do Rio Capivari, em São Félix do Capivari, chama-se Ilê Oyó Omim Ibecê, é a Casa dos meus Bisavós, aí o Papai criou o Ibecê Alaketu...

Mãe Menininha dizia assim... “Só saio da minha Casa para ir na Casa de Manoel, que meu filho me merece, então todo sábado depois do carnaval ela estava presente no Ibecê Alaketu, chegava as 8 horas da noite e aí Papai tinha uma turma raspado e pintado lá dentro... aí botava os netos e os filhos que tavam sem fazer o santo ainda, e assim todos nós filhos e netos de papai, somos filhos de Mãe Menininha, Papai nunca raspou nem filho nem neto. A primeira pessoa raspada e pintada por Papai, chamava-se Deusuita de Ogum, foi feita na Casa de Muritiba, lá tinha Festa de Orixá Ocô, ele dava comida pra Santo na Muritiba, depois Tia Bida, Tia Albertina e Julia compraram aquele terreno, aí ele abriu a Roça dele o Asé Portão.

Foi assim minha filha! Que Ogum e Obaluaiê abençoe vocês!”

Fotografia 68 - Tio Jorge Amorim - 5/11/2016

Jorge Amorim - conhecido no Ilê Asé Afeemojumó, como Tio Jorge, Ogã do Terreiro do Gantois e irmão biológico de Mãe Juju e Mãe Cacho, filho de Manoel Cerqueira de Amorim, Pai Nezinho. Realizada no Ilê Asé Afeemojumó em novembro/2016.

Fonte: A autora

Pergunta: O que o senhor acha do Candomblé nos dias de hoje?

“A nossa religião foi trazida pelas pessoas da África de várias nações, Abeokutá, que foi de Mãe Menininha... tudo começou na religião de Oyó, nós somos descendentes de Oyó, foi trazido pro Brasil, desembarcaram no Brasil, sem registro, sem nome... se registraram no Brasil, casaram no Brasil que na Bahia... Cachoeira onde começou tudo, batizaram seus Omadei... omadei quer dizer filho e criança e fundaram quatro religiões de Candomblé no Brasil, que foi o Keto, o Jeje, a Angola e o Caboclo que é a Umbanda hoje, mas todas essas religiões, todas as quatro, pertenciam a nossa religião, todas se uniram, porque as pessoas antiga...tiveram o QI mais forte... e superava o nosso hoje, sem estudo, sem registro e sem nome, souberam aproveitar o que receberam nas suas mãos e deram valor... ! Hoje as pessoas de cores brancas não tão sabendo valorizar a nossa religião, não estão sabendo cultuar a nossa religião... Isso é muito triste! Uma coisa tão linda...tão maravilhosa...que trouxeram... Hoje nós somos hoje que nós estamos agradecendo a pessoas como Bamboxe Ebitico, Yami Ono ssó, Yami Odé um lê, Yami Ono Só Ká, Yami Odé Tundê, Yami Oxum (Mãe Menininha), Babá Ogum Tobé (Manoel Cerqueira de Amorim – Pai Nezinho). Oque nós precisamos hoje é se unir, cada vez mais...prá nos fortalecermos a nossa religião... Não existe Casa maior do que a de ninguém...! Meu pai dizia...todas as casas são do mesmo tamanho, todas as Casas têm seu próprio Asé... respeite o seu Asé, para as pessoas respeitarem seu Asé !!! maior do que nós só Olorum que é Deus!!! Eu não sou maior do que você e você não é menor que eu... é isso que os Babalorixás, Ialoriás, Ogãs, Alabês, Ekedis, tem que colocar no Ori...que ninguém é maior do que ninguém... maior do que nós só Deus e depois os Orixás... Muito Asé !!!

É uma história muito bonita que não termina e não tem fim, não tem começo, não tem fim... só depende de nós se unir... se abraçar uns aos outros, participar de ajocô, como nós tamo aqui hoje na Casa de pai Chiquinho, nas Aiabás... é isso é que se faz... Oxalá canta ... Ah.. Ojoci Ah...Ojoci, Odu! Vamos se reunir! Vamos começar o nosso Odu!

É isso que muitas pessoas, hoje as pessoas não querem ter humildade de perguntar aos mais velhos! Meu pai dizia: - Meu filho...daqui a uns anos não surpreenda não...os brancos vão tomar conta da nossa religião...! E realmente a palavra sábia... de um dos maiores Babalorixás que foi Manoel Cerqueira de Amorim, braço direito da nossa saudosa Iyalorixá, Mãe Menininha do Gantois.

Então vamos ouvir a palavra do mais velho... e tem uma frase que sempre digo: - Se não quer saber o seu passado... mate seus antigos que ainda tem ... antigo ainda, com força e que acredita na nossa religião, no nosso Candomblé, minha filha!

Eu quero que todos os irmãos nosso... todas as pessoas do Asé, preste bem atenção nessas palavras! Não sou professor... não dei tapa na bunda da sereia... mas aprendi... fui uma pessoa humilde e nagô sempre dizia... Talo birê! Olo bi mi! Quem me pariu teve gosto!!!”

Fotografia 69 - Mãe Juju - 05/11/2016

Juvelgina Batista Amorim - 80 anos, Mãe Juju, Iyalorixá do Ilê Maroketu Asé Oxum, nascida na Bahia e filha biológica de Pai Nezinho, Manoel Cerqueira de Amorim, iniciada no Candomblé com quatro anos por Mãe Menininha do Gantois, Mãe de Santo de Pai Francisco de Osaguian. Depoimento realizado em 05/11/2016.

Fonte: A autora

Pergunta: Para a senhora qual a importância do Candomblé na Cidade de São Paulo?

“Eu nasci na Bahia, no Candomblé e cresci dentro do Candomblé, a moradia de meu pai era dentro do Candomblé, me criei ai, respeito minha religião e respeito a dos outros, São Paulo é uma terra muito boa pra mim, cheguei aqui a vinte e três anos quando casei, porque não queria viver no Candomblé, tava cansada era muito menina e hoje estou dentro de São Paulo, sou uma pessoa respeitada e respeito os outros, amo a minha religião, aprendi muito com meu pai Manoel Cerqueira de Amorim, fui seu braço direito enquanto estava lá, tenho minha casa em São Paulo o Ilê Moroketu Asé Oxum e levamos o nosso Candomblé pra frente, hoje tenho mais de 1.600 filhos de santo e isso é o que contribui para o Candomblé de São Paulo. Amo essa cidade que me recebeu! E que Oxum abençoe a todos vocês. Um Asé e muita felicidade para todos!”

Fotografia 70 - Felipe Brito - 08/08/2018

Felipe Brito - filho de Santo de Mãe Juju irmão de Santo do Pai Francisco e um dos coordenadores do Movimento Águas de São Paulo 2016. Depoimento realizado em janeiro/2016.

Fonte: A autora

Pergunta: Em relação a intolerância religiosa, qual a importância desse evento para a Cidade de São Paulo?

“As Águas de São Paulo, marcam a ocupação dos espaços de visibilidade de poder na cidade. Tomar o espaço como a Vale do Anhangabaú é provocar o olhar do intolerante, é provocar o olhar dos outros segmentos para que as pessoas entendam e comecem a conviver com a possibilidade da diversidade. Quando nós colocamos nossos religiosos de matrizes africanas no centro da Cidade, no coração da cidade, nós estamos mostrando não só nossa existência, mas que também nós fazemos parte da formação dessa sociedade brasileira e que ela precisa ser respeitada, não apenas tolerada, até porque nós sabemos que a construção da Intolerância, perpassa primeiro o racismo, porque nossos Deuses e Deusas são negros. São 10 anos, a nossa primeira década, a década de luta, é o ano que nós conseguimos fazer com que o dia das religiões de matriz africana se tornasse estadual e trouxesse para o calendário do Estado de São Paulo.

Estamos ainda na luta por um processo de conscientização da nossa população é um processo duro e difícil, mas em nenhum momento o nosso povo deixou de lutar, muito pelo contrário, nós trabalhamos muito para reconstruir nossa identidade negra que foi retirada e é esse um trabalho importante porque essa identidade foi ameaçada durante séculos e a gente não consegue reconstruir isso em dias. Isso leva tempo! Estamos na Luta! Asé!!!”

Fotografia 71 - Rodrigo Gomes - 21/01/2017

Rodrigo Gomes - vereador da Cidade de São Paulo, filho de Clélia Gomes (Deputada Estadual SP) e filha de Santo de Mãe Juju, irmã de Santo de Pai Francisco. Depoimento realizado em 21/01/2017.

Fonte: A autora

Pergunta: Como o senhor vê o preconceito e a intolerância religiosa na cidade de São Paulo?

“O preconceito é muito latente na nossa cidade! Nós que somos do Asé, as pessoas que vestem branco, que usam fio de conta dentro do metrô ou do ônibus, caminhando pelas ruas, tem gente que “olha torto”, mas não é só com a gente... veja por exemplo os evangélicos que entram no trem e acabam por cantar, as pessoas também acham estranho existe um estranhamento... a religião é uma coisa pessoal, eles estão fazendo o que eles se sentem bem, mas as pessoas não aceitam, assim se eles tem essa possibilidade de dar visibilidade a religião, porque não temos? Porque sofrer preconceito? Pense no contrário, nós todos de branco entrando num trem, com nossas roupas brancas e cantando nossas cantigas para Exu, imagine a reação das pessoas? Dentro do Poder Público, a gente tem que pensar sempre que tem uma saída e tentar busca-la, temos que dialogar com a população, nós precisamos dizer para todos, dar visibilidade que a intolerância e o preconceito só faz mal para a sociedade como um todo, sempre que são desrespeitadas pessoas, fé, estabelecimentos, existe intolerância. Temos que lutar pelo respeito de uns pelos outros. O principal problema da Intolerância é o desrespeito! Deus é aquele que mora no coração de cada um e cada um procura o seu, seja dentro de uma Casa de Candomblé, dentro do terreiro de Umbanda, de uma Igreja Católica, Evangélica ou Centro Espirita, dentro de qualquer lugar, mas antes de tudo tem que procurar dentro de si, o respeito ao outro ser humano, a sua fé.

Como pessoa pública, podemos incentivar várias frentes parlamentares a favor da diversidade humana que pode discutir muitos desses temas, entre eles a intolerância e é isso que precisamos fazer, existem muitas leis que favorecem uma ou outra religião e isso fere a

máxima do Estado Laico, o Estado não deve favorecer religiões, não tem religião, tem que respeitar todos, percebemos que são leis que muitas vezes são realizadas por grupos e ferem a laicidade desse Estado. Mas difícil pensar em um estado onde o primeiro ato realizado foi uma missa... enfim continuamos lutando contra esse preconceito e pelo respeito! Asé!”

3.2 TRANSMITINDO ASÉ – A ETNOGRAFIA DE UM IMPORTANTE RITO DE INICIAÇÃO

3.2.1 Março/2016 – Etnografia de uma iniciação da Iyawô de Osalufã e da Iyawô de Oxum

Esse momento é individual e coletivo, para quem passa pela iniciação no Candomblé é um momento único, que não poderá mais ser vivido, é coletivo também porque se tem o “barco”, no qual as pessoas vivenciam juntos a experiência de ficar “recolhida” juntas no Roncó, e esse coletivo se expande, quando todos no Ilê, participam dessa iniciação, trabalhando, cuidando, doando, contando histórias, vivenciando a iniciação do outro.

Para poder acompanhar essa iniciação, foi pedido ao Babalorixá a licença para se fazer isso, porque tinha que observar, entrevistar, fotografar e filmar as pessoas durante o processo iniciatório. A outra autorização era em relação aos iniciantes, as duas deveriam estar de acordo com participação na pesquisa, pois são momentos de muita intimidade, e devido a essa grande confiança, foi acompanhado todo o processo por dois anos.

Assim, comecei a observação a partir dos preparativos delas para o recolhimento e procurei entender quais foram suas trajetórias até chegar na Casa de Candomblé.

A Iyawô de Oxum veio para o Ilê através de seu irmão biológico Ebomi de Osaguian, que começou a frequentar a Casa, ele foi trazido por uma Ebomi de Ogum e já era iniciado em outro Ilê, mas sua Mãe de Santo havia morrido e ele não quis continuar na casa anterior. Veio até o Ilê em um aniversário de uma amiga que é Eque de Casa, conheceu a Família de Santo de depois veio jogar com o Pai Francisco, preparou sua obrigação e até hoje está na Casa de Candomblé. Sua irmã a Iyawô de Oxum passou a vir de vez em quando para as Festas de Candomblé e Festas Familiares, mas ela frequentava a Umbanda e resolveu que deveria se iniciar no candomblé também, pois já havia deixado a Umbanda a algum tempo.

O caminho trilhado pela Iyawô de Osalufã, não é muito diferente, chega na Casa de Candomblé através de membros da sua família biológica, seu genro que passava por diversos problemas é trazido para o Ilê através da mesma Ebomi de Ogum, citada anteriormente, de foi diretamente para o Jogo de Búzios, onde o Orixá Xangô respondeu e pediu sua iniciação como Ogã, e nesse caso deveria ser uma iniciação rápida, o que foi realizado. Sua esposa, logo em

seguida vem pelos mesmos caminhos, vai para o Jogo de Búzios e se inicia para Orixá Oxum e com ela a família inteira começou a frequentar a casa.

A Iyawô de Osalufan quando chegou para o jogo de búzios já havia frequentado algumas outras casas, não se iniciou, jogou búzios nesses outros lugares e deram o Orixá Omolu, mas no jogo do Pai Francisco, quem respondeu foi Oxalufan, aliás em algumas festas que aconteceram no Ilê, o Orixá já havia se manifestado, arrumaram as coisas e era chegada a hora de se pensar na iniciação.

Alguns irmãos mais velhos se habilitaram a ajudar nas compras dos objetos, dos grãos e comidas, dos tecidos para as roupas.

Um outro costume é ajudar com alguma coisa para que essa iniciação seja mais suave nos gastos do Iyawô, e isso também é uma tradição para transmissão de Asé, segundo um Ebomi de Oxóssi, “... damos o que podemos, força de trabalho, carinho, um bode, uma galinha, uma quartinha, qualquer coisa que esteja ao nosso alcance para ajudar o Iyawô, mas de verdade é para ajudar o Orixá que está nascendo e tudo isso retorna como Asé para casa, para o Iyawô e para nós, é um processo circular de movimentação de Asé”.

Observando as rodas de conversas que antecederam a iniciação, os irmãos mais velhos, brincavam muito com as Iyawô, enquanto elas falavam que estavam com arrepios e calafrios pelo que elas não sabiam que iam passar, cada um contava suas histórias, aumentando e diminuindo fatos, para provocar as iniciantes. Alguns realmente davam dicas interessantes, como o que levar para o Roncó, se dispunham a emprestar um livro de Asé (permitido pelo Babalorixá), mas a maioria naquela tarde estava disposta a assustar as iniciantes, contavam histórias sobre jogar a pessoa dentro do poço, ou acordar na madrugada para fazer ginástica, eles deram muitas risadas. Mas observando outras iniciações, quando está muito próximo, esses irmãos mais velhos mais brincalhões contam uma série de histórias de amedrontar e deixar qualquer iniciante confuso, perguntei qual o intuito dessas brincadeiras e um Iyawô de Omolu disse, “... pura maldade! (risos)”, mas o Iyawô de Ogum responde, “... é uma brincadeira de segredo, queremos confundir o futuro Iyawô como uma forma dele ver que a vida não é bicho de sete cabeças e tudo pode ser mais fácil quando temos tranquilidade, com certeza já fizeram conosco isso e reproduzimos de forma a brincar um pouco...”. Mesmo com todas essas brincadeiras, pude observar o profundo carinho com que elas foram tratadas nesses momentos antes de seu ingresso para iniciação, que seria no dia seguinte.

Antes delas entrarem para a iniciação conversei e confirmei com as duas sobre a possibilidade de acompanhá-las, durante toda a iniciação e elas prontamente confirmaram o aceite.

No dia da entrada para o “recolhimento”, quando elas chegaram eu já estava lá esperando, primeiro porque queria fazer as entrevistas e a descrição dessa chegada, mas também porque tenho uma função nesses momentos que é de pegar uma assinatura das pessoas que estão entrando no Roncó, a Casa possui um termo jurídico que a pessoa lê e assina dizendo que está de livre e espontânea vontade e que autoriza o Ilê a realizar os atos necessários para sua iniciação. Esse termo foi uma orientação jurídica que a Casa de Candomblé teve de advogados que cuidam de questões relacionadas a preconceito e Intolerância Religiosa, para salvaguardar o Ilê de alguma denúncia infundada, principalmente quanto aos crimes de cárcere privado ou de maus tratos.

Era domingo e as Iyawôs, chegaram separadas em horários diferentes, no começo da noite após o pôr do sol, cada uma foi trazida por algum membro de sua família biológica, cheias de sacolas, mala e cobertor.

Entrando no barracão com uma fisionomia um pouco assustada e com um sentimento de curiosidade, chega a Iyawô de Oxum acompanhada pelo seu marido e filha, ela é mãe de três filhos (dois meninos e uma menina), muito ligada a filha que é pequena, abraçava e beijava-a muito carinhosamente, sabendo que ficaria 16 dias longe de sua moradia e mais 28 de preceito, até voltar a sua vida normal, mas seu olhar era de doçura para o marido e a filha, observo que ela entrou bastante apreensiva, mas feliz.

Já a Iyawô de Osalufan chega um pouco depois, estava bem mais relaxada, conversando observo que ela estava bem tranquila e parecia que estava resignada e sabendo que passaria por diversos ritos, e que poderia vir o que tivesse que acontecer. Quase não se referia a família, pois todos são maiores a não ser sua neta, que era sua preocupação, pois ela é atriz e enquanto ela estivesse recolhida a neta iria estreiar um programa de televisão e a avó queria muito ver, pois era ela quem acompanhava a neta nas andanças nos sets de filmagens, nas fotos, etc. Para a Iyawô não estar nesse momento de estreia seria uma grande dificuldade e abnegação para o Orixá, pois dentro do Roncó, não é permitido aparelhos eletrônicos e nem aos iniciantes que tenham contato com o mundo exterior, isso de alguma forma mexia profundamente com ela.

Depois que as famílias foram embora, as lágrimas passaram, beijos de despedidas, e muita emoção, convidei cada uma delas separadamente para realizar a entrevista, depois de entrevistadas, fiz uma foto delas juntas na cozinha do Candomblé.

Apesar de ter colocado um pouco da primeira entrevista na apresentação dos entrevistados repetirei aqui para não perder o sentido dessa etnografia.

• **Iyawô de Osalufan – dia 06/03/2016**

Pergunta: Como o candomblé entrou na sua vida?

“Através da minha sobrinha, ela começou a frequentar o candomblé aí eu também fui... comecei a assistir, gostei e apesar que eu vinha a muito tempo da Umbanda, pois minha mãe sempre teve uma pessoa que cuidava dela e era da Umbanda, e eu só, até então eu só conhecia a Umbanda, mas não de ir no Centro, essa pessoa vinha de Minas para São Paulo, trazia os Búzios e jogava, eu não ia no centro. Eu nasci em São Paulo, e isso acontecia a mais ou menos uns vinte anos, fiquei mais de 20 anos na Umbanda sem ter ido a um candomblé e novamente minha sobrinha, levou e fui conhecer, aí eu comecei a participar das giras e me apegando ao Orixá. Demorou muito tempo para o Orixá vir, mas a partir daquele momento você começa a receber, a gostar e se identificar com ele, eu pensava... caramba ... eu sou desse Orixá, que coisa boa! E foi assim!

Passei por várias casas em São Paulo, sempre em São Paulo, passei por umas quatro ou cinco Casas até chegar aqui no Pai Francisco, quem me trouxe foi minha filha e meu genro, faz uns quatro ou cinco anos mais ou menos, nesse tempo eu estou nessa luta, vô num vô, marca iniciação não marca... Aí que dessa vez o Orixá me deu tudo... , me deu garfo, prato, foi o que falei quando saí de casa... o prato, o garfo, a comida, só falou... agora você come ! então é hora de vir, começar realmente a participar da Casa, pois eu joguei búzios ano passado e desde ano passado ... nunca dava... nunca deu... nunca deu... é agora né?

A preparação para esse período que vamos passar aqui é diferente, sabe...eu hoje, eu saí de casa com o coraçãozinho na mão, né?! Minha netinha chorando porque eu ia ficar muito tempo longe, sai escondida da minha mãe, pra ela não ver e não saber, porque ela não entende também, tem 96 anos e minha irmã, que ela é surda, deficiente, ela também não entende, para todos os efeitos eu fui viajar!

Mas minha neta sabe que estou aqui, ela acompanha, ela gosta do Candomblé, mas ela não entende porque eu tenho que ficar aqui, dezesseis dias, ela tem nove anos, mas eu falei para ela que a vovó vai recolher para pensar...!

Sabe, para receber o Santo, bonito... pra saber o que está fazendo alguma coisa pela vovó, porque a partir do momento que você recebe o Orixá, você começa a pensar mais em você, tem que se cuidar mais, porque está cuidando de uma coisa que você está recebendo... é uma criança nascendo né?! Então eu tenho que estar preparada pra receber então eu vim hoje preparada!

Minha filha, minha neta e meu marido me trouxeram, minha filha Iyawô de Oxum, mandou mil cumprimentos e disse que vai dar tudo certo! Meu marido acha que já faz muito

tempo que eu devia ter feito, a muito tempo, mas não adianta, se você vai fazer por fazer é melhor não fazer! Para fazer o santo, você tem que estar consciente que é o lugar onde o Orixá quer nascer, ele escolhe... não sou eu que escolho é o Orixá que escolhe, eu vim aqui pra essa casa a quatro anos atrás, a quatro anos, o pai tá falando que tem que deitar... tem que deitar... nunca dava e dessa vez deu! Então tem que ser feito. Ele escolheu a casa, desde que eu cheguei aqui ele falou que ra nessa casa, vai dar... aí me deu todas as coisas... aí é sinal que ele quer... nascer aqui!

A sensação que eu tive ao atravessar aquele portão lá embaixo é que você está entrando para algo novo, não é?! O desconhecido, você não sabe o que vem, você não sabe como é o ritual, você não sabe nada, eu vou aprender aqui e agora. Mesmo eu tendo uma filha e um genro na casa, eles nunca me disseram o que foi feito aqui... É o segredo!!! É o segredo, foi como entrar agora pro BBB (Big Brother Brasil reality show), é novo eu não sei, só não quero que me coloquem no paredão... (risos)! Mas o coraçãozinho fica apertado...apertado... porque antes você está deixando sua vida lá fora... você tem uma vida lá...fora... você tem dívidas, tem uma série de preocupações, a minha filha chega tarde, a outra que tá ali embaixo, então... é uma coisa que você tem que deixar, não tem como, não pode trazer, por exemplo se eu trazer os problemas pra dentro eu não consigo deixar meu Orixá nascer e do jeito que tem nascer... tem que nascer bem, por isso que a gente fala que entra com o coraçãozinho na mão, mas tem que deixar, tem que limpar o pé e deixar o problema lá no tapete e quando for sair pegar de novo...

A gente fica segura porque o Orixá nos passa segurança, porque se ele quiser nascer aqui ele sabe que eu tenho que confiar nele...

Eu já li muita coisa...já li... já li, mas a leitura só te dá o básico, a vivência é te ensina, você tem que viver, se não vive é só teoria... teoria é uma coisa a prática é outra, totalmente diferente, não é?!

A teoria eu sei mais ou menos, também, porque converso com as pessoas...percebo que não sei nada! A teoria te fala, mas você não sabe de verdade, tem que entrar e vivenciar para saber.”

Gravei um vídeo na saída das Iyawô e farei a transcrição a seguir das declarações da Iyawó de Osalufan.

Perguntei: Qual a sensação que você sente agora depois de iniciada?

“Ahhhh... renascimento!!! A gente começa tudo de novo, de uma nova maneira. De uma maneira mais segura, porque você teve um tempo para refletir e para descobrir!

É uma descoberta muito... muito...muito... não temos palavras, só quem fez é que vai saber! se você não fez, faça é muito lindo!!! Asé!!! Asé !!!!”

A Iyawô de Osalufan terminou o preceito, que foi o período de 28 dias que ela manteve a forma de agir como se estivesse dentro do roncó, ou seja, comer a mesma alimentação que é comida sem alho, ovos, carne de frango, peixe ou galinha d’angola, fazendo as “rezas de roncó”, sentando nos apotis (banquinhos baixos) ou esteira, dormir na esteira mesmo estando em casa, não beber nenhum tipo de bebida que não seja água e chás, comer com pouquíssimo sal, sem cigarro, não sair nas ruas em horas cheias (meio dia, seis da tarde, meia noite) proteger o Ori (centro da cabeça), usar branco e contra eguns. Esse também é um período considerado muito difícil de enfrentar pois, segundo o Ebomi de Ogum, “... *as coisas estão a sua mão e só depende de sua crença para você usar ou não... considero uma parte da iniciação mais complicada de ser vivenciada, é muito sofrimento ir a uma festa e não poder comer e beber e sem dúvida nenhuma vai acontecer uma festa para te testar* (risos).”

Entrevista realizada ao final da iniciação, com Iyawô de Osalufan em 13/04/2016.

Pergunta: Terminando sua iniciação, como foi a sua saída da Casa de Candomblé e chegada na sua moradia?

“(Suspiro...) Bom, a gente sai daqui um pouco ansiosa né?! Dezesseis dias longe de casa é complicado... é muito bom voltar para o lar, e se acostumar porque você não pode sentar na cadeira, continua comendo seu arrozinho e seu franguinho, o peito de frango viu gente? (risos) fazer seu ovinho...tudo acebolado... básico... chazinho de manhã... pãozinho sem manteiga e você vê seu pessoal comendo gostoso, aquela comida gostosa, cê fala... meu Deus !!!! mas tudo pelo seu Orixá, vale a pena e me senti feliz, eu estou feliz!

Minha família me recebeu com muitas saudades, saudades... embora pareça que dezesseis dias seja pouco tempo, mas não é, pra quem tá acostumado a ver todos os dias, diariamente e correndo, fazendo isso... fazendo aquilo, fazendo coisas para os filhos, para o marido ficar esses dias sozinho é complicado, foi muita... e minha neta, foi a que mais me abraçou...Foi um tempo de meditação, um tempo que eu me dediquei para mim, eu não tinha não... não pensava em nada, pensava em mim, fiz uma retrospectiva, a gente vai buscar lá no fundo as coisas e vai trazendo, fala ... ah... daqui pra frente eu vou mudar, eu espero que consiga ! (risos) ...Mas na hora que põe o pezinho para fora, fala Nossa!... aconteceu tudo isso? Eu não vi! Eu não sei! Porque realmente você se desliga, quando sai, sai na expectativa de ver um mundo melhor. O mundo tá o mesmo, do mesmo jeito ou piorando, mas vamos tocar a visa é assim. Você vai embalando isso aos poucos, embora você saia, eu saí num domingo e

ainda teve os dias de preceito, então não posso me agitar, não podia ficar nervosa, não posso ficar vendo notícias tristes, eu ainda estou crescendo, eu estou... sabe alimentando meu Orixá, então eu tô dando outra vida para ele e tenho que dar uma vida boa... uma vida gostosa, alegre, nada de notícia triste! Então realmente quando eu sair daqui queria ficar desligada do mundo.”

Pergunta: Na hora que terminou o preceito, qual a primeira coisa que você fez?

“Ahhh... não fumei não... comprei uma garrafa de Coca-Cola (risos) que delicia (risos)!!! Adoro... Coca-Cola, um bifeinho acebolado... meu deus que saudade e sal... porque ninguém vive sem sal (risos)!”

Pergunta: Se você fosse deixar uma mensagem para os que virão, qual seria?

“Olha eu já disse e repito, mesmo sendo repetitiva, mas é só quem passa é que sabe... é uma coisa são atos que você não tem noção do que vai acontecer... Você não sabe... é uma incógnita e volta assim deslumbrada com que aconteceu e você não pode sair falando para todo mundo... porque é momento seu! É o momento seu e do seu Orixá! Mas vale a pena é o seu encontro... o encontro com você mesma. É o encontro com o seu Deus, com sua Fé, com a sua crença!!! Asé... Asé!!! Obrigada!”

Depois de um ano, no dia 10/03/2017, entrevisto novamente a Iyawô de Osalufan.

Pergunta: O que mudou nesse um ano de feitura?

“... o que mudou ... eu estou mais calma, mais centrada, mais feliz, ah... olha é tanta coisa que mudou, muda que a gente nem sabe, você vai percebendo aos poucos que nossa... oque eu fazia antes... eu não faço agora! Eu estou mais calma mesmo, e como é bom, foi bom, o nascimento do meu Orixá... ele trouxe alguém sabe?! Que é muito importante para mim... ele é lindo... ele é lindo! Apaixonante! Me arre pia só de falar... é emoção pura! É muito bom... tudo de bom! Eu faria tudo de novo e do mesmo jeitinho, foram dezesseis dias maravilhosos, eu recomendo a quem não fez, que faça... é um encontro consigo mesmo! Eu me encontrei! Quanto a Casa de Candomblé. Não tem diferença, a casa você entra e eles te respeitam, sendo Abian ou Iyawó o respeito é o mesmo, não tem diferença, existe uma hierarquia como toda religião, a Igreja católica tem o papa e nós temos nosso Pai... o nosso Pai Maior, a nossa Mãe... A Nossa Mãe Maior, a Mãe Pequena, então existe uma hierarquia que a gente obedece, mas é uma coisa assim que não muda, ninguém chega para você e bate no peito... Oh... eu sou assim... você é mais ou é menos!!! Independente do cargo!!!”

Pergunta: E a sua amizade com a Iyawô de Oxum como foi conviver no mesmo barco?

“...Ahhh... ela é minha irmãzinha... irmãzinha... irmã de barco, nós nascemos juntinhas, somos siamesas, né muito (risos) gostoso... é muito gostoso! Apesar da gente ... eu falo pouco com a Iyawô de Oxum mas quando fala... sabe que a gente tem aquele amor, eu acho que não é preciso você estar com a pessoa constantemente, todos os dias ligando para a pessoa, o importante é estar no momento certo, na hora certa... é muito bom! Eu amo minha irmãzinha!”

3.2.2 Março/2016 - Iyawô de Oxum

Início a entrevista tentando deixar a Iyawô de Oxum bem tranquila, ela é muito risonha e falante e começo com a pergunta base de todas as entrevistas que realizei.

Pergunta: Como o candomblé entrou na sua vida?

“Foi assim, na verdade eu sempre soube que tinha mediunidade, minha mãe me contava muitas histórias sobre isso, alguns causos, aí o tempo foi passando e eu crescendo, quando tinha por volta de 13 anos, eu já trabalhava, aconteceu um acidente, estava indo para o trabalho e fazia o trajeto a pé, nesse trajeto eu conhecia algumas pessoas, mas em um determinado dia, um rapaz passou por mim e fez o sinal da cruz, não sabia o que estava acontecendo, pensei ... – Será que é um cachorro?, fui almoçar e voltei para o trabalho, na volta encontrei esse rapaz novamente em um outro trecho que novamente faz o sinal da cruz, se benzeu de novo, fui embora, mas na hora que eu estava indo, senti uma coisa me puxando, fui atravessar a rua e tinha alguma coisa me puxando, era uma avenida e vinha vindo uma moça de carro e ela estava buzinando e eu não saía da frente, e ela buzinando, a moça começou a frear e o carro bateu em mim, cai e minha chefe que estava passando por lá, me levou para minha casa e daquele dia em diante eu pensei que tinha alguma coisa errada, nunca mais vi o rapaz e continuei, minha mãe me levou num Centro de Umbanda e lá falaram que tinham feito trabalho pra mim, que era para eu ficar aleijada ou morrer, foi triste, todo mundo chorou, mas minha mãe continuou cuidando de mim naquele centro, até passar tudo, até depois de um tempo abandonei a Umbanda e não quis mais falar no assunto. O tempo foi passando e mais ou menos aos 26 anos conheci o pai dos dois filhos e a gente começou a namorar, quando conheci sua família, descobri que seus pais eram umbandistas, as coisas chegam até a gente, eu acredito que a mediunidade é hereditária e a gente vai herdando dos nossos, porque o meu irmão também é e também começou pequenininho, foi parar na Umbanda e se desenvolveu, aí ele conheceu o Candomblé e “fez o Santo” dele lá, tudo assim num período bem pertinho.

Quando percebi já estava envolvida, acabamos casando e conheci um amigo do meu irmão que era do Candomblé e “recebia” umas entidades que cuidavam de mim, o tempo

passou e engravidei, perdi o bebê e a gente descobriu que tinham “feito coisas” para gente, a gente as vezes fica sabendo o que não quer saber e as coisas vão acontecendo. Esse rapaz começou a cuidar da gente e um belo dia ele falou que eu tinha mediunidade e precisava desenvolver, mas eu não queria, tinha medo, não gostava, aí eu comecei a passar mal todas as vezes que eu chegava perto das entidades dele, a suar, passava muito mal, mas eu não queria desenvolver, queria sair de lá, mas ele falou que de jeito nenhum eu deveria sair porque eu tinha perdido um bebê, já tinha engravidado de novo e ele estava cuidando, eu consegui levar até o fim a gravidez e logo em seguida engravidei de novo, muito pertinho um do outro, aí ele falou, você tem dois filhos pequenos, agora precisa se cuidar! A mediunidade já vinha comigo, comecei a ver algumas coisas e a sentir outras, já que eu tenho que fazer vou para o Centro de Kardecismo, porque lá tudo é mais calmo, lá eu não vou ter medo, aí comecei, eu já estava fazendo curso, participando das mesas, desobsessão, das mesas de psicografia, já me deixavam participar de tudo, achando que era só aquele o meu limite, as coisas foram acontecendo. Meu casamento acabou e resolvemos terminar, quando nos separamos minha vida caiu e nela foi junto o Centro de Kardecismo, pois eu não conseguia mais entrar lá, um dia eu entrei, mas meu ex-marido que também frequentava, depois ele parou também. Comecei a ver coisas estranhas dentro de casa, vontade de me matar, nada dando certo na minha vida, perdi o emprego, perdi o carro, perdi minha casa, perdi tudo! Mas não perdi meus filhos, porque eu não conseguia sem dinheiro, sem nada ir até a casa da minha buscar eles e levar no dia seguinte, então eles começaram a dormir na casa dela, e aconteceu várias vezes de sair de casa para ver os meninos e meu ex-marido já ter passado e levado eles, era um sofrimento para mim, pois eu tinha deixado as visitas livres. Aí consegui falar com ele que me disse: “- Eles falaram que você ia ligar!” Ai eu pensei, esse centro que ele está indo deve ser bom!, Fui conhecer o Centro de Umbanda, era um “umbandomblé”, o rapaz meio que tocava Umbanda e Candomblé, soube que falaram muito mal de mim, para meu ex marido me esquecer, só que quando fui lá, fui bem acolhida, o pai de santo me levou para um lugar mais afastado e falou que sabiam a pessoa que eu era, me colocou lá em cima e aquela sensação de depressão foi melhorando, eu comecei a desenvolver a mediunidade, em questão de três meses eu já tava desenvolvida naquela casa, já tinham cindo todas as minhas entidades, até fiz um trabalho lá que tive que ficar dois dias dentro da casa, não sei se essa rapidez se deu pelo fato de já ter essa mediunidade, ou de precisar me defender. Mas devido a alguns fatos, eu acabei me decepcionando com casa, mas não desisti da religião, porque muita gente se decepciona e não mais saber de nada, eu entendi que o problema não era a religião e sim algumas pessoas que não estavam sabendo levar as coisas, separando o pessoal do religioso, eu sai daquela casa e

procurei outra, mas também não deu certo pois era muito longe, acabei indo para uma outra, também não deu certo.

O meu irmão sempre foi do Candomblé, lá traz já havia saído da Umbanda, já tinha feito o Santo e nós temos uma ligação muito forte, em todo lugar que ele estava eu ia e vice versa, sempre que tinha alguma coisa eu procurava estar presente, então a mãe de santo dele morreu e ele veio para cá, nessa Casa que estamos hoje, aí com a confusão da separação, eu vim aqui conhecer, joguei com o Pai Chico, gostei muito das coisas que ele falou na época, isso a mais ou menos uns treze anos atrás, mas a vida é um aprendizado, nada na minha vida aconteceu por acaso, e eu acabei vindo pra cá também, depois de ter saído de várias casas de Umbanda. Quando joguei o Pai falou que eu era de Oxum, mas nunca me forçou nada para fazer o santo, mas aí eu gostei e comecei a frequentar, comecei a participar o Xirê. Só que aí vieram outras coisas, conheci o pai da minha filha, engravidei e tive uma menina linda, me afastei por um bom tempo, com um relacionamento um pouco complicado que acho que era resquício daquela época ainda, e tudo demorou um pouco para se firmar. Acabei voltando e fui para o jogo novamente, o Pai reafirmou tudo e comecei a frequentar a casa, mas ficava faço o santo ou não faço?

Pensei que precisava de alguma coisa que me mostrasse se realmente precisava fazer a iniciação, porque eu não iria fazer se não precisasse, eu achava que já participava e tava bom assim. Um dia resolvi jogar de novo, pela terceira vez e o pai me disse que Oxum gostaria muito que eu fizesse o Santo. Então resolvi programar, iria sair de férias e recebi um bônus do serviço, jogamos pela quarta vez para acertar tudinho e ele me deu o segundo Santo que era Oxóssi, me emocionei muito, tinha uma forte ligação com a natureza e na Umbanda eu tinha uma Cabocla que me identificava muito com ela. Acabei perdendo o emprego e foi bom, porque tinha mais condições para fazer a iniciação e poderia ficar mais tranquila, queria dar tudo para eles, a muito tempo eu dizia assim: - Só vou fazer o santo um dia que eu puder comprar as coisas para ela, A Oxum vai ser toda de dourado, ela vai me dar essa condição, ela me deu essa condição! Também acredito que a hora que eu sair daqui um trabalho novo vai aparecer, tenho certeza que as portas vão se abrir e as coisas vão acontecer, agora tô aqui! Quando atravessei aquele portão e pus os pés aqui, foi uma sensação misturada, um pouco de felicidade, porque nesse tempo todo eu fui me apaixonando de tal forma pela Oxum, que você não consegue ter ideia, ela estava na minha cabeça todos os dias, é impressionante, não dá para explicar, foi criando um vínculo, eu acho que foi até bom esse tempo, porque existe esse amor mesmo, foi criando vínculo.

Eu sou muito mãezona, muito mesmo, então é um misto de felicidade e um aperto de coração porque eu nunca fiquei longe dos meus filhos por tantos dias. Foi muito bonitinho, quando perguntei se eles vinham me trazer, um deles falou: - Ah! Mãe lógico que não, daqui a pouco você volta... Um tem 16 anos, o outro 15 e a menina 7 anos, ela é meu chiclete, grudada comigo desde que nasceu, mamou até os 3 anos de idade, mesmo com as pessoa falando mal, ela falava: "- Mãe são muitos dias, mãe, deixa eu ir com você, eu fico lá recolhida, não me importo de raspar o cabelo!", não tem coração que aguenta, né? Sinto um misto de medo do desconhecido, embora eu já estou na casa, eu ajuda na limpeza geral, a limpar bicho, mas não sei nada na parte dos trabalhos, eu não sei... só vejo a parte bonita da festa, a parte de limpar, depenar galinha, Xirê, da outra parte eu não conheço nada não, então pra mim vai ser tudo novo!...Esse tempo todo aqui na Casa, o pessoal não contou nada de nada, segredo é segredo, a única coisa que eu sei, falei para os meninos, para o mais velho... ele perguntou "- Mãe o que vai acontecer? Como você está? Vai chegar careca?" respondo, pode ser que sim filho, é bem provável que a mãe vai tirar o cabelo, mas não como, nem que horas, se vão usar maquininha ou Gillette, não sei como acontece, mas vai ser novidade para mim também, sei que vai ter uns cortinhos aqui, porque todo mundo que é do candomblé tem uns cortinhos, fora disso eu não sei de nada, então é sinistro quando você entra por aquela porta ali, passa na sua cabeça que não tem volta, eu entrei, olhei e para falar a verdade disse; 'Estou aqui, a única coisa que pensei... eu estou aqui !!!' e subi carregando as coisas e correndo para arrumar até que sentamos aqui agora.

Hoje é só um dia para o corpo descansar, tudo ainda está tranquilo, não parei para pensar ainda, mas acho que na hora que eu for deitar, vou pensar... Ai meu Deus tô aqui e agora não tem volta!

A gente se entrega de corpo e alma, porque o amor que adquiri neles, Oxóssi faz pouco tempo... é recente, mas é como se ele fosse meu a vida inteira, eu não sei explicar, porque adoro tanto a natureza. Esse amor é um amor tão grande que você vem para cá e já sabe o que eles querem, vai dar tudo certo, tudo vai acontecer, mas o "medinho" fica, dá até dor de barriga. Estou feliz e ansiosa, muito feliz, chegou a hora! Como eu te falei... eu não conheço bem o Candomblé dentro do foco dele mesmo, eu nunca fui ficar pesquisando, tem gente que procura tudo na internet, e lá cada um posta o que quiser, o que eu conheci, as únicas coisas, foram das aulas que o Pai dava, foram as coisas que a gente aprendeu, mas você conhece uma casa pelas pessoas que estão dentro dela. Meu irmão está aqui, meu sangue, eu acho que jamais ele iria permitir que um coisa ruim acontecesse comigo, mesmo que a gente se desentenda, eu vejo que ele é muito feliz aqui, ela ama o Pai de Santo e isso as vezes deixa até minha mãe com um

pouco de ciúmes. Não é à toa esse amor, esse carinho, essa dedicação, não é a toa, então por isso que é uma Casa de confiança. A única coisa que eu sei é que uma coisa tão séria na minha vida! Mas eu sei que pra mim, para o meu eu, vai mudar tudo!!! Eu sinto isso dentro de mim e acho que não teria ido para outra Casa.”

Gravei um vídeo na saída das Iyawós e farei a transcrição a seguir das declarações da Iyawô de Oxum.

Perguntei: Qual a sensação que você sente agora depois de iniciada?

“Hoje eu tô me sentindo assim, completa, sabe é como se aquele grãozinho de energia que faltava, está aqui dentro de mim, eu tinha a certeza que no dia que eu entrasse para fazer o santo, entrasse no Roncó a minha vida inteira iria mudar, e é assim que eu me sinto hoje... Completa, maravilhada...! Asé!

Entrevista com Iyawô de Oxum em 13/04/2016, quando terminou o seu preceito, fui encontrá-la na Casa de Candomblé.

Pergunta: Terminando sua iniciação, como foi a sua saída da Casa de Candomblé e chegada na sua moradia?

“Bom vou começar pela hora que eu sai, a gente fica aqui os 16 dias e fica com saudades da família, saudades da casa, na hora que a descemos, o pai e a mãe foram nos levar para fora, eu senti um aperto no coração, era como se eu tivesse saindo e uma parte de mim estivesse ficando por aqui, na hora que eu olhei para eles e falei eu não quero ir, não quero ir...comecei a chorar, a mãe também começou, eu acho que não quero ir porque uma parte minha vai ficar, eu tinha plena certeza que no dia eu fizesse santo, a minha vida não ia mais ser a mesma, eu sabia disso. Aí fui pra casa... fiquei feliz, porque de alguma forma estava com eles, os Orixás, eu estava de contra Egum, estava de preceito e fazendo tudo certinho, a impressão é que estava mesmo com eles. Dormia na esteira, comia as comidas de Roncó, estava me resguardando para eles, era tudo para eles, quando ia tomar chá ou comer, fazia as rezas, mas chega a hora de tirar o contra Egum, e agora? Eles vão ficar e eu vou, como eu faço agora? A minha parte vai ficar na Casa de Candomblé de verdade, cortar o cordão umbilical. Mas em casa eu achei que fosse ser difícil fazer o preceito, por conta do marido, dos filhos, sou eu que cozinho em casa, eu tenho que trabalhar e... até que não foi! Nos últimos dias que foi um pouquinho mais complicado, porque eu já não estava mais aguentando a minha comida, mas acho que era o tempero mesmo. Nos dois primeiros dias, eu tive vontade de namorar, mas pedi: “– Mãe me ajuda... me ajuda me tira isso! Aí funcionou, acabou e não senti mais (risos).

Acho que de tudo o momento mais difícil é botar o pé na rua e na hora de tirar o contra Egum, mas de resto foi tranquilo. A família me ajudou bastante, lembrando que eu estava de preceito quando eu estava prestes a fazer algo que não deveria, coisa simples como sentar no sofá, eles me ajudaram muito, a minha filha aprendeu a rezar junto comigo, ela sabe todas as rezas que eu fazia em casa, porque a gente ia comer e eu rezava, eles abaixavam a cabeça e eu nem precisei pedir nada foi tudo por conta deles, então foi um momento mágico de interação da família e juntou a gente, todo mundo junto, muito bom!...Então, agora parece que eu me sinto mais preparada, é como se... eu estou desempregada ainda, mas na minha cabeça, tudo teve um acontecer pra fazer tudo direitinho, você sabe que tudo vai dar certo! Nós montamos a loja, uma semana antes de eu vir para cá, terminei de montar as coisas e vim direto para cá, então saí entro na loja todos os dias, agradeço e sei que minha mãe está comigo, os trabalhos estão chegando, então parece que a gente se sente mais protegida estando com eles.

Não tive medo, achei que as pessoas iam ter um pouco de diferença comigo, mas ninguém perguntou porque eu tinha raspado o cabelo, ninguém chegou perto de mim e falou: “-Você fez o Santo?”, aonde eu moro tem evangélicos e pessoas de outras religiões, ninguém perguntou, o máximo que aconteceu foi quando fui no Poupatempo com meu marido, e uma pessoa me perguntou se eu tinha medo de morrer, acho que ele pensou que eu estava doente...(risos), fora isso parece que as pessoas entenderam com naturalidade, ou eu agi com naturalidade e eles não tiveram coragem de perguntar, tanto que hoje o cabelo já cresceu e cobriu o Ori, então nem necessito mais de nada na cabeça, eu acho que assim está bom!

A minha mãe está muito feliz sabia? Esses dias eu tava sentindo uma dorzinha, bem aonde corta, tava dolorido, até perguntei para Mãe Camila se era normal e aí eu comentei com a minha mãe, e ela disse para eu correr e procurar o Pai de Santo, vai que acontece alguma coisa, ela achou que eu fiquei muito bonita careca e que eu devia usar aquele visual, ela queria de verdade que eu fizesse o santo, porque embora minha mãe não cultue a religião, ela sabe o quanto é importante pra gente, tanto para mim como para meu irmão, ela viu o quanto meu irmão foi fortalecido depois que fez o santo e o quanto a vida dele prosperou, é como se ele tivesse um escudo que o protegesse, ele faz que você enfrente a vida melhor, então ela teve vontade que eu fizesse.

Eu só tenho que agradecer, não tenho que falar de nada desagradável, de nada, absolutamente nada... falei pra minha mãe, que eu tenho umas amigas que são de outras casas, outros lugares e o quanto elas reclamavam porque não tinha comida, ficaram sem comer, não tomavam banho direito, porque as vezes as pessoas não preparavam o banho, mas eu não tenho o que falar, eu não posso, fui bem recebida por todos e a comida vinha toda hora, quentinha,

bem feita, podia ser só ovo... teve um dia que comemos pão com ovo, mas aquilo tava tão gostoso. Maravilhoso, e meu irmão brinca que tudo que chegava eu comia e falava: ”- Nossa que delícia!” realmente tava tudo ótimo, o banho na hora certa, o carinho da mãe e do pai, cuidado com as nossas roupas, sabe o pai com a fé dele, com uma reza ou qualquer ato, a fé dele que faz aquilo e faz você entender que qualquer momento é muito importante. Então eu acho que sou uma privilegiada, fui mesmo... eles escolheram a Casa, não é a gente que escolhe, as vezes eu acho que demorei um pouco, eu podia ter feito antes, mas as vezes, acho que foi na hora certa. Asé para nós!!!”

Depois de um ano, no dia 10/03/2017, entrevisto novamente a Iyawô de Oxum.

Pergunta: O que mudou neste um ano de feitura?

“Nossa, assim... desde quando eu entrei eu sabia que minha vida ia mudar, depois que eu fizesse santo, sabe... tinha a impressão que ia mudar e mudou... e...como eu vou explicar, acho que é mais ou menos o que escrevi hoje no Facebook, a gente sente que renasceu, que nasceu de novo, pra uma nova vida, sabe? É tudo diferente hoje, tudo diferente, é como se eu vivesse para meu Orixá e ele por mim, eu acordo de manhã agradecendo, eu vou dormir pensando neles, eu agradeço, eu tô trabalhando penso neles, existe uma conexão, que não tem explicação, mas eu sabia que isso ia acontecer, então é uma emoção, uma ligação muito forte...Eu faria tudo de novo do mesmo jeito e talvez me entregasse mais, um pouco mais, porque agora a gente já sabe tudo que aconteceu, mas na hora é tudo novidade, dá aquela ansiedade, aquele medinho, aquela coisa do desconhecido, acho que hoje eu só iria aproveitar mais, mas que faria tudo de novo faria !... Quando a gente vem para Casa, é totalmente inseguro, quando é Abian, tem medo de pôr a mão em alguma coisa, de fazer alguma coisa errada e depois que faz o santo, cria uma certa confiança, a gente aprende o que não pode ainda ser mexido, o que não poder fazer e faz com vontade, mais alegria naquilo que entendemos, fica uma relação mais forte. Primeiro estar aqui na Casa nesse ano eu praticamente vim todas as semanas para por uma vela, para conversar com o Pai ou ajudar numa função, a sua ligação fica muito mais forte com a Casa também.

Eu acho que agora é como se a gente realmente fosse irmãos de verdade, tem a mãozinha do mesmo pai, já aconteceram os atos, e a ligação fica mais forte, agora eu sinto isso, posso estar errada mas quando eu era Abian, eles me ensinavam a limpar um franguinho...a fazer uma coisinha, agora que eu sou Iyawô, eles querem me ensinar com muito mais vontade, com mais... isso você pode fazer aquilo, outra coisa você já não pode, ficou mais íntimo eu acho... como é bom poder ajudar, hoje já ensino a “bater cabeça”, limpar frango, o

que pode, o que não pode, já é natural, porque assim que você vê a pessoa entrar, você já agarra (risos), porque você passou por aquilo, sabe precisamos de alguém que te agarre e vai te conduzindo, vem aqui, faça isso, limpe aquilo, desse jeito você vai fazendo de forma natural... é natural!... Quanto a hierarquia, eu respeito muito, e até mais, ficou mais claro hoje essa hierarquia, mais nítido pra gente, é meio assim, meio confuso, meio embaraçado, você sabe que existe, mas não diferencia tão bem, o que é um Ebomi, o que é isso, o que é aquilo, qual a função de cada um nesse ano, você vai aprendendo, então a hierarquia vai ficando mais claro, vai clareando na sua cabeça, então você começa a respeitar as pessoas, lógico que tem que respeitar todo mundo, o respeito tem que caber em qualquer lugar, mas digo, você vai respeitando de acordo com a hierarquia de cada um.”

Pergunta: E quanto a sua relação com a Iyawô de Oxalufan?

“Ela se tornou uma pessoa muito querida, é um carinho diferente, por exemplo, eu tenho meu pai, minha mãe de santo, que nem se discute, a minha madrinha que é uma coisa muito carinhosa, a Ekede, aquela pessoa que está ali a todo momento, que “desvira” a gente, troca as nossas roupas, tá ali... tem um carinho diferente, só que a Iyawô de Oxalufan, ela não tem grau de hierarquia e ela praticamente foi feita na minha frente, mas é um carinho especial é todo diferente, penso... será que ela veio colocar a vela dela...como está a vidinha dela... uma preocupação, ficou mais gostoso, coisa de irmão mesmo, irmão de sangue.”

Pergunta: Se tivesse que mandar uma mensagem para os Abians que estão chegando, o que você falaria?

“Falaria que não tenham medo. Se entrega de coração! Hoje fui escrever um textinho e comecei a chorar, liguei para o meu irmão para perguntar se eu podia colocar no Facebook, eu não conseguia ler, só chorava. Isso acontece porque é uma emoção que não consigo descrever, não dá para explicar, é uma emoção muito forte, é um amor, acho que essa é a palavra, o sentimento, é um amor que a gente adquire depois que faz o santo porque antes você é do santo, você gosta mas não sente tanto, depois que você nasce pro seu Orixá é tudo diferente!”

Pergunta: Você consegue enxergar o seu Orixá no seu Ibá?

“Consigo, a essência, a energia, eu chego ali já sinto a energia, eu abraço meu Ibá, beijo (risos), será que só eu faço isso? Não sei, mas eu vou lá eu beijo, eu converso e ponho a mão, fico em casa e lembro que preciso acender uma vela, trocar a água da quartinha, não

posso deixar eles lá, é um filho, o contrário, eu sou a filha mas é como se eles fossem meus filhos. Muito Asé!”

Depois de quase dois anos da iniciação da Iyawô de Oxum, ela entra novamente na Casa de Candomblé, mas agora é para iniciação de sua filha a Iyawô de Osaguian, na época da iniciação ela já estava com nove anos e tive a oportunidade de gravar um depoimento da mãe, do pai e da Iyawô de Osaguian, mas esse era um “barco” muito grande com quatro iniciações e duas obrigações de sete anos, e devido ao volume de trabalho para o acompanhamento das pessoas que estavam “recolhidas”, eu não tive condições de fazer a pesquisa participante mais detalhada, acompanhei os Iyawô, fiz algumas observações e gravei depoimentos, dentre eles o da família da Iyawô de Oxum, que faço a transcrição a seguir.

- **Iyawô de Osaguian** - iniciação em 02/01/2018

Depoimento da Iyawô de Oxum, mãe da Iyawô de Osaguian

Pergunta: Qual é a emoção de trazer a sua filha para se iniciar no Candomblé?

“Aí... tem que falar sem chorar...! Como eu vou explicar... é como se fosse uma continuidade daquilo que acreditei, daquilo que eu vivenciei, daquilo que eu senti, que busquei, que eu acreditei, para mim, que eu descobri uma verdade, porque quando eu entrei aqui, não conhecia nada direito, era tudo muito misterioso, eu só tinha uma certeza de mim, era que depois que eu entrasse aqui, minha vida ia mudar, de alguma forma. Eu tinha certeza que minha vida ia mudar e mudou mesmo! Assim... não porque eu tenha ficado rica, mas uma coisa muda dentro da gente, eu acho que a fé ficou maior, tudo que eu vou fazer na minha vida é pensando nos Orixás, é com eles juntos de mim e aí de repente uma continuação minha, minha sementinha, ela veio por ela mesma... por livre e espontânea vontade, não fui eu que obriguei. Aliás, nunca obriguei nenhum dos meus filhos estar aqui e participar, ela vem porque quer... Ela virou para mim e falou: “-Eu quero, eu sinto vontade!”, foi uma emoção muito forte, ao mesmo tempo que fiquei feliz eu fiquei tranquila, porque sei que estou deixando em boas mãos, eu sei quem vai cuidar dela, é uma pessoa de confiança, nosso pai de Santo é uma pessoa que não se tem o que falar, a gente deposita nossa fé, nas mãos dele, tudo mais! Então estou muito... muito feliz!”

Depoimento da Iyawô de Osaguian – 02/01/2018

Pergunta: E você Iyawô de Osaguian, como teve a ideia de fazer sua iniciação?

“Ahamm... é porque eu vi minha mãe e eu sentia as vezes alguma coisa, e eu achava que era por causa disso e daí eu vi minha mãe e eu senti vontade...!”

Pergunta: Quantos anos você tem e como era essa vontade que você sentiu?

“Tenho 9 anos. É que eu sentia energias muito fortes dentro de mim, daí eu achava que era por causa dessa religião, eu comecei a falar com a minha mãe e ela me dava mais força.”

Pergunta: Você acha que seus coleguinhas acham a religião esquisita?

“Sim!”

Pergunta: Eles já falaram alguma coisa sobre isso?

“Não eu nem comento.”

Pergunta: Qual o seu Orixá?

“Eu sou de Osaguián, Yansã e Oxum.”

Depoimento do pai biológico da Iyawô de Osaguián – 02/01/2018

Pergunta: O que você sente sabendo que sua filha está vindo hoje para o Barracão de Candomblé, para fazer a iniciação?

“Eu não sou iniciado, mas assim sinto uma grande... como posso dizer...uma fé, com o pessoal daqui, com o Pai de Santo Chico, a Mãe Silvana e por ver minha esposa, todo o processo dela, eu vi que ela foi bem acolhida, ficou uma pessoa melhor, assim pelo que a gente sente, ela ficou uma pessoa melhor! Então só tenho que esperar que minha filha venha a ser uma pessoa melhor para o futuro dela, isso vai ser muito bom para ela, no aprendizado da vila dela, nas coisas que ela quiser fazer pra frente, e dá um caminho, um rumo, principalmente isso, um caminho para vida dela, então eu só tenho que agradecer e apoiar mesmo, eu tô aqui pra apoiar bastante!”

A Iyawô de Osaguián, foi iniciada em um “barco” com pessoas adultas e mais uma criança que estava se tornando Ebomi, passou pelos ritos desse momento, em alguns momentos ela teve medo, sentiu muito a falta da mãe que precisava trabalhar durante o dia, mas quando ela chegava ficava muito feliz, foi cuidada e mimada por todos na Casa de Candomblé e hoje já dança e ajuda a ensinar as outras crianças que estão ingressando na religião.

3.2.3 Retratos da etnografia de um rito

Fotografia 72 - Chegando para a iniciação – 06/03/2016

Fonte: A autora

Fotografia 73 - Iyawôs no Roncô, já estão em transe, esperando o momento para serem encaminhadas para o Barracão de Candomblé – 17/03/2016

Fonte: A autora

Fotografia 74 - Saída de Santo, Iyawôs no Barracão de Candomblé, elas estão batendo “paó”, palmas rítmicas que acompanham todos os rituais e são uma saudação para os Orixás – 17/03/2016

Fonte: A autora

Em algumas imagens, as Iyawôs estão em transe, e sendo preparadas para serem conduzidas ao Barracão de Candomblé para realizarem o rito do Orukó, que será a “saída do santo” e nele será dado seu nome que já foi designado pelo Orixá e escolhido pelo Pai de Santo, a partir da história, sonhos e coisas que aconteceram na iniciação, esse nome é em Iorubá, e depois de um pequeno rito em que o Babalorixá escolhe uma pessoa para ser madrinha ou padrinho do noviço, este passeia de braços dados com o Orixá recém chegado e pergunta o nome a ele, como o Orixá não se manifesta articulando palavras, o padrinho ou madrinha, pergunta a comunidade se eles ouviram o nome, todos respondem que não, ele pergunta novamente, e as pessoas respondem que não, na terceira vez, o próprio Orixá grita seu Orukó (nome ritual) e todos que são iniciados “viram no santo”, e o Pai de Santo retira o Adosú do Orixá e ele nasce para aquele Ilê. No detalhe, podemos observar o Ekodidé, Akodide ou Okodide como é chamado pelo povo do santo é uma pena vermelha, extraída da cauda de um tipo de papagaio africano, chamado no Brasil de (papagaio do Gabão) ou papagaio-cinzento), as pinturas rituais com o Efun, Oxum, Waji²⁴, que são pó rituais utilizados em vários momentos na iniciação e nas obrigações.

²⁴ Wáji, èlú ou aro (vegetal, negro- *Philenoptera cyanescens*. Tinta azul em forma de pó petrificado de origem vegetal o qual busca a representação do sangue negro, simbolizando a noite e a relação de ancestrais ligados à própria escuridão.

Osùn, é um pó, ossun como é chamado pelo povo do santo, são feitos de dois tipos de árvores a *Baphia nitida* que tem uma cor vermelha e *Pterocarpus Oxumw* que tem uma cor amarela.

Fotografia 75 - Oxalufan. Iyawô em transe ritual – 17/03/2016

Fonte: A autora

Fotografia 76 - Oxum, Iyawô em transe ritual – 17/03/2016

Fonte: A autora

Fotografia 77 - Osalufan, dança com seu paxorô – 17/03/2016

Fonte: A autora

Efun é um nome jeje-nago dado a vários tipos de pó, utilizados nos rituais afro-brasileiro. É muito mais conhecido pelos leigos e o povo da umbanda como pemba, nomeclatura utilizada pela nação Angola. É um potente giz branco empregado nas pinturas iniciáticas de todos os Orisa, principalmente os Orisa funfun. É considerado muito sagrado, traz o equilíbrio, tranquilidade, paz e paciência

Fotografia 78 - Oxum, momentos antes do Orukó, onde o nome será informado a comunidade – 17/03/2016

Fonte: A autora

Fotografia 79 – Oxum, depois de informado o nome à comunidade, é tirado o Odosú da iniciada, é colocada uma roupa ritual no Orixá e ele dança no Barracão de Candomblé – 13/03/2016

Fonte: A Autora

Fotografia 80 - Pai Francisco observa Oxalufan e o Paxorô, o Babalorixá é cuidadoso ao tratar os Orixás e se comunica com eles durante a Festa – 17/03/2016

Fonte: A autora

Fotografia 81 - Iyawôs de Osalufan e Oxum- Ensaio Fotográfico - 26/05/2017

Fonte: A autora

Fotografia 82 - Iyawô de Osaguian, pai e mãe, este momento é quando a Iyawô de Osaguian está ingressando na casa de Candomblé para começar sua iniciação - 02/01/2018

Fonte: A autora

Fotografia 83 - Iyawô de Osaguian e Ebomi de Oxum, saída da Iyawô de Osaguian, durante sua iniciação - 12/01/2018

Fonte: A autora

Fotografia 84 - Família de Santo e Biológica da Iyawô de Osaguian, ritual da saída de santo da Iyawô de Osaguian - 12/01/2018

Fonte: A autora

3.2.4 Algumas observações sobre as entrevistas

Existem particularidades próprias em cada trajetória descrita, pois caminhos diferentes levaram essas pessoas para a Casa de Candomblé, mas algumas coisas são recorrentes. A maioria das pessoas entrevistadas, praticamente todas passaram por outras religiões e principalmente pela Umbanda para chegar ao Candomblé, a pesquisa observou que quase a totalidade dos entrevistados que foram da Umbanda, tem uma relação de muito carinho com essa religiosidade e em alguns momentos citam que gostam de conversar com os “catiços” e os “pretos velhos”, em alguns casos eles mesmos recebiam essas entidades, mas que ao se iniciar no Candomblé, eles deixaram de dar consultas. As pessoas entrevistadas, poucas delas mantêm atendimento com essas entidades da Umbanda, mas quando o Pai Francisco realiza um “toque para caboclo, Exu ou Erê” alguns recebem suas entidades. Esse trânsito religioso acontece com alguma naturalidade, conforme as entrevistas realizadas, pois as pessoas entendem que esse é

um caminho natural para a trajetória vivenciada por eles, a pesquisa não observou estranhamentos em relação a sair da Umbanda e ingressar no Candomblé.

Também é comum nos relatos, as pessoas frequentarem muitas Casas de Candomblé antes de chegarem ao Ilê Asé Afeemojumó, sendo na maioria das vezes um percurso com problemas e em alguns casos eles denunciam a utilização da crença para benefícios financeiros de alguns dirigentes.

Ainda analisando os discursos, a maioria foi trazida para conhecer a Casa de Candomblé em uma Festa de Orixá, que representa a apresentação pública do Ilê, em seguida passou por um Jogo de Búzios e um Ebó, mas para chegar a essa festa, algum amigo ou familiar os trouxe para conhecer, existe sempre um convite pessoal, um estímulo de filhos da casa para que a pessoa conheça a Casa, o efeito desse adentrar aos portões para participar da festa aparece também em várias entrevistas com o poder de encantamento com a beleza e energia do momento vivido.

Sobre as pessoas que foram entrevistadas, todas levam suas vidas “lá fora” de maneira que sociedade “considera normal”, trabalham, estudam, cuidam das suas famílias, e vão para a Casa de Candomblé quando tem “função” (atividades), adentram o portão e ocupam seus lugares dentro da hierarquia do terreiro, apenas o Babalorixá destaca que a vida dele e de sua família são totalmente voltada para o Ilê, pois residem no mesmo espaço onde funciona a Casa, e atendem as pessoas com serviços mágicos, sejam eles um Jogo de Búzios ou um ebó, mas de certa forma eles tem a disponibilidade de atender a quem precisa em qualquer horário, além de zelar pelo espaço do Terreiro, isso nos faz pensar na dedicação que um “zelador ou zeladora de santo” deve ter para com seu Ilê, e em todas as entrevistas dos “filhos de santo” isso é reconhecido, pois o elo que se forma entre eles e os zeladores é muito forte, chegando a existir sentimentos de verdadeira filiação entre os envolvidos.

Para essa convivência também é importante o papel dos “Ebomis” (Irmãos mais velhos), pois eles ajudam a passar todas as formas de culto, hierarquia e vivência para os mais novos. Para os iniciados que vieram de outras Casas é necessário um período de adaptação, e fica nítido que possuem um pouco mais de dificuldades de aprender as novas formas de vivência da nova Casa, mas o que “são navalha do pai” (iniciados no Ilê), já conhecem as regras e formas de conviver então as relações são mais tranquilas.

A convivência entre as pessoas na Casa, começa através de um “namoro” (período de experiência), onde o Pai de Santo pede para aos futuros adeptos que venham conviver com a Família de Santo, antes de se iniciarem ou tomarem obrigações, porque assim evitam constrangimentos, falsas expectativas e fofocas, mas mesmo assim tudo é muito relativo, pois

aparecem nas entrevistas que as pessoas se agrupam a partir das afinidades e isso acaba juntando alguns grupos de pessoas, mas pelos relatos isso não traz problemas profundos para Casa de Candomblé, mas também não existe uma uniformidade entre os adeptos, a partir das falas, fica claro que alguns tem uma preocupação com o coletivo muito forte e procuram o bem estar geral, e alguns estão muito focados nos seus desejos e buscas individuais.

Existem alguns Filhos de Santo que se tornam muito próximos a “ Família Carnal” (Biológica) do Babalorixá e esses frequentam tanto os momentos de Asé no Terreiro e também os momentos familiares como nascimentos, casamentos, aniversários, festas em geral e até velórios da família do zelador, esses elos vão ficando cada vez mais fortes com o passar do tempo e podemos afirmar que as “Famílias” se interligam.

Uma outra observação que podemos fazer é quanto a Família do adepto, que na maioria dos casos, segundo as entrevistas, acabam se aproximando da Casa de Candomblé, acompanhando seus adeptos, mas a maioria não se inicia na religião, frequenta as festas, ajuda a fazer alguma arrumação ou limpeza, participa de diversas formas criando assim, um outro elo dentro dessas famílias. Segundo o Pai Francisco “... É comum uma mãe que não é adepta, vir conversar com o Babalorixá sobre seu filho ou filha, para ver o que ele pode ajudar nos problemas vividos...” e continua ele “... nossa casa deve estar aberta para receber todas as pessoas, em especial, as famílias de todos, imagina se a pessoa vem buscar alento para seus problemas e a gente não pode receber de forma digna, sem bagunça... temos que ter um lugar que possa receber todos e todas de forma afetuosa !”. As relações que são construídas no Terreiro, acabam sendo de intimidades, seja pela Família de Santo ou pela Família Biológica, observamos que é necessário estabelecer uma afinidade pessoal com o Babalorixá, e mesmo quando isso ainda não é possível, existem pessoas que fazem essa intermediação, introduzindo o “novato” ao grupo. A questão da religiosidade é considerada de foro íntimo, mesmo sendo um culto coletivo, mas que também tem seus momentos de culto individual, fica muito explícito que os sentimentos que cada entrevistado tem em relação ao momento quando ele adentra pelo portão para sua iniciação ou para sua obrigação, depende de cada um, mas o que é comum a todos é a sensação de felicidade e esperança na vinda de dias melhores a partir daquela vivência. Uma frase muito ouvida nas entrevistas é “fazer o Santo mudou minha vida!”.

Quando uma pessoa se introduzir nesse meio e nessas relações, convites são feitos para as pessoas conhecerem outros Terreiros, mas normalmente acompanhado pelo Babalorixá ou Ebomis, pois o iniciado recente, tem muito medo de “virar no Santo” em outra Casa e passar por momentos vexatórios...., aliás o Babalorixá não aconselha que os “Iyawô” novos saiam em

festas sem acompanhamento, pois esse “cuidar” é um valor fundamental dentro da Família de Asé.

Outro valor observado pela pesquisa, é que na Casa as portas estão abertas para aqueles que por algum motivo preferiram ir para outro Ilê, pois segundo as entrevistas, as pessoas entram com seus próprios pés e se sentem necessidade de irem embora, poderão ir com o maior respeito, não existindo coação para se frequentar o terreiro. Observa-se que a maioria dos entrevistados que vieram de outras Casas, tiveram problemas anteriores com Babalorixás ou Iyalorixás, e que ao entrar no novo Asé, precisaram tomar alguma das obrigações para ser considerado do Ilê e começar a viver as regras daquele local.

Muitas das vezes, eles precisaram adequar seu modo de cumprimentar, pedir benção, dançar, tocar, respeitar, dessa forma tiveram que trabalhar mente e corpo para essa adequação. Já os filhos nascidos no Ilê, já foram criados a partir dessas regras e jeito de ser e viver, ficam em uma posição mais cômoda e tudo o que fazem soa de uma forma natural para aquele lugar. Alguns ficam um tempo, mas não se adaptam e pegam seus pertences e vão embora, ficam com amizades na Casa, mas não serão mais considerados da Família de Santo.

Nas entrevistas também aparece a Família de Santo ampliada, que são os Ilês de irmãos de santo do Pai Francisco e dos filhos desses irmãos de santo, considerados Tios, Primos e irmãos de Asé. Todas essas relações formam redes que se comunicam entre si, e existe uma preocupação em manter o bom nome das Casas de Candomblé umas com as outras. O fator que liga essa rede são os grupos de Whatsapp e Facebook, tudo o que acontece e se torna público, agora são noticiados nas Redes Sociais, e isso é comentado nas entrevistas.

Esses depoimentos apontam a importância da ancestralidade para o Candomblé, pois ao pesquisar as origens do Ilê Asé Afeemojumó, observa-se como a linhagem familiar e hereditária se expressa, desde a fundação da primeira casa ancestral, fundada por um escravizado que fugiu de um Navio Negreiro as margens do Rio Capivari em São Felix, passa por Muritiba, depois pelo Asé Portão, todos no Recôncavo Baiano, tem ramificações no Terreiro do Gantois, em Salvador e chega à Cidade de São Paulo através de uma Iyalorixá da mesma linhagem familiar do primeiro terreiro ancestral. Depois na atualidade ligados a essa mesma ancestralidade aparecem lideranças sociais e políticas que representam a religião em frentes de resistência e parlamentares.

A pesquisa demonstra que apesar todas as dificuldades de manter a religião, todo preconceito, toda intolerância vivida, esse tronco de parentesco, se mantém e conserva sua história e sua ancestralidade e nos aguça a vontade de refletir como será o futuro dessa linhagem de parentesco? Como os elos dessa família de santo será mantido?

4 RECRIANDO ELOS - A FAMÍLIA DE SANTO

“Os elos criados no Candomblé, lembram uma corrente na qual um se liga ao outro a partir de uma irmandade fundada em ações que vão desde o primeiro acolhimento até sua partida deste mundo”, nos diz a Ebomi de Ogum, isso explica como a família é simbolizada e recriada nesse lugar, e como a iniciação de um adepto desenvolve esse vínculo, o mais velho tem responsabilidade pelo mais novo e quando esse mais novo se iniciar e se tornar Ebomi, também terá responsabilidade com os que virão, devido a essa forma de se pensar e se construir o conceito de família cabe bem ao Candomblé.

A ligação que passa a existir entre as pessoas está acima de valores meramente humanos, ela envolve o sagrado, pois de tudo que é vivido surge uma ou mais divindades que passam a conviver com esse grupo familiar, Iyawô de Oxum diz assim, *“... a minha Oxum é vaidosa, ama brilho, por isso tenho que fazer uma roupa bem bonita com muito dourado para ela ficar feliz... e meu irmão vai ajudar para comprar e costurar a roupa...”*, analisando falas como essa, podemos notar a materialização do Orixá, através de seus gostos que muito se baseiam nos mitos estudados e vivenciados e as relações de amizade e colaboração que acontecem entre as pessoas. Mais que uma forma de se expressar, esses são conceitos que reverberam dentro dessas comunidades, onde essas relações dão segurança para as pessoas. O contrário também é verdadeiro, quando existe muitas disputas, brigas, fofocas e todo tipo de maledicência, as relações se rompem e dificilmente se formam grupos familiares, os elos dessa corrente são quebrados e pode ser prejudicial para o coletivo, para os indivíduos e para o Asé.

Fotografia 85 - Festa da Aiabás (Orixás se preparando para entrar no Barracão) – 14/11/2015

Fonte: A autora

Existe dentro das Casas de Candomblé uma discussão quanto a fidelidade dos iniciados, pois *“...todos devem se dar ao respeito...”*, segundo uma das entrevistadas, mas novamente

podemos observar que o conceito de família aparece nessas relações, a pessoa pode ir e vir para onde quiser dentro de suas crenças, mas existe um certo orgulho daquele que foi iniciado e ainda frequenta a mesma casa, segundo a Ebomi de Ogum, “... *a única coisa na vida que eu não mudo é daquela casa...eles podem quebrar meus cacos...eu num vou deixar a casa dele ! Eu fico até na casinha de cachorro, mas lá é que eu vou ficar, no meu Orixá outra pessoa não vai pôr a mão não! Deixa eu lá!*”

Fotografia 86 - Orixá Ogum – 18/08/2018 – Saída de Ogã

Fonte: A autora

O vínculo iniciático estabelece relações de natureza familiar, mas podemos observar que os fundamentos principais que mantêm esses elos, são os laços de confiança mútua, quando o adepto cria uma aproximação com o Babalorixá ou Iyalorixá, transcendendo os compromissos e regras assumidos em caráter iniciático, pois não são como nas ordens monásticas com disciplina e seguindo ordens já estabelecidas, que o adepto se filia e muitas vezes saindo do lugar de culto, não estabelecem vínculos. No Candomblé, é comum que se um filho tem um problema, seja financeiro, social ou de saúde, todos no grupo acabam se envolvendo de alguma forma, os padrões são muito aproximados ao que vivemos nas relações familiares patriarcais no Brasil.

Lima (2003) fala dos laços familiares da seguinte forma:

Os laços familiares criados no candomblé através da iniciação no santo não são apenas uma série de compromissos aceitos dentro de uma regra mais ou menos estrita, como nas ordens monásticas e fraternidades laicas, iniciáticas ou não; são laços muito amplos no plano das obrigações recíprocas e muito mais densos no âmbito das emoções e do sentimento. São laços efetivamente familiares: de obediência e disciplina; de proteção e assistência; de gratidão e sanções; de tensões e atritos - tudo isto existe numa família, tudo isto existe no candomblé (LIMA, 2003, p. 160-161).

Nos conta a Ebomi de Oxóssi, “... *um dia, um filho de santo que estava atravessando uma séria dificuldade financeira, precisava dar obrigação para o Santo, mas não tinha de onde*

tirar dinheiro para comprar as coisas... todo mundo se juntou e comprou alguma coisinha... a gente precisava levantar ele!” Atitudes como essas, criam elos entre as pessoas que se ajudam mutuamente, um participa da iniciação do outro e quando o irmão realizar seus ritos, aquele que foi ajudado tem como obrigação moral, ajudar também. A própria iniciação estabelece uma relação de obrigação do iniciado para com a comunidade na prestação de serviços junto às atividades rituais, sobretudo porque essas atividades constituem-se numa parte do aprendizado iniciático (LODY, 2006).

Mas nem sempre essas relações são tranquilas, segundo a Iyawô de Oxum, “... *tem gente que só ajuda nas coisas dos Iyawô porque querem ter poder sobre ele, ficam caçando cabeças.*” Segundo ela, existe também elos de poderes que se estabelecem a partir da troca de favores, e são a partir de atitudes como essas que muitas Casas de Candomblé se esfacelam e acabam. Continua ela “... *as pessoas devem ajudar de coração e não querendo que depois os Iyawô fiquem dependentes delas, eu vi muito disso no meu antigo Ilê e por isso saí de lá.*”

Essa mobilidade existente no povo do santo, pode ser considerada também um fenômeno amplificado pelas relações existentes nas grandes cidades, nas quais existem uma enorme quantidade de lugares para se frequentar, existem pessoas que são iniciadas em um lugar e se iniciam novamente em outros, o peso do poder e do glamour atingem muitas pessoas como uma forma de ascensão social. Em outros casos, muitos mudam de família, devido ao falecimento do seu líder religioso, os elos são quebrados e principalmente as relações de confiança, diz um entrevistado “... *minha mãe” cofou” (morreu) e eu não ia entregar minha cabeça para filha dela... eu parei com tudo por mais de cinco anos até encontrar o pai, demorei mais uns dois anos conhecendo a casa para depois dar obrigação.*”

O processo de refiliações nos terreiros e famílias de santo, acontecem regularmente nas Casas de Candomblé, segundo Lima (1977), muitos são os motivos que levam um adepto a trocar a Casa de Candomblé. Reginaldo Prandi (1990) também cita esse assunto em seu texto sobre a Linhagem e a Legitimidade no Candomblé Paulista:

Esse processo de refiliações a terreiros e famílias-de-santo de maior reconhecimento pela sociedade exterior à religião, conta com fontes de ganho de prestígio que são definidas e oferecidas, muitas vezes, aos terreiros e aos adeptos, exatamente pela sociedade laica: o conhecimento acadêmico com suas fontes escritas e suas instituições de ensino culto, o mercado livreiro e discográfico, a formação de imagens públicas pela mídia eletrônica, além de mecanismos oficiais de atribuição de importância patrimonial a aspectos também da cultura popular, como os órgãos governamentais de tombamento e preservação compulsória. Para não falarmos da demanda pela religião e, especialmente no caso do candomblé, pela magia que põe em destaque este ou aquele pai ou mãe-de-santo, terreiro, nação, linhagem. E se este destaque, esta visibilidade, de um lado é o do feiticeiro para uma clientela ad hoc interessada apenas na solução de seus problemas pessoais, do outro é a do sacerdote para uma população de fiéis (PRANDI, 1990, p. 107).

A Casa de Candomblé estudada, teve um grande aumento da “família de santo” ao longo dos últimos 10 anos, a grande procura por serviços mágicos em especial o jogo de Búzios, fez com que muitas pessoas se aproximassem do Ilê. Normalmente essa aproximação aconteceu quando um amigo ou parente, traz uma pessoa para procurar ajuda e constatamos que ela, na maioria das vezes, se afeiçoa ao espaço e começa com uma curiosidade em conhecer um pouco mais, sendo o passo seguinte vir a uma festa para ter contato com os Orixás, aumentando assim a aproximação. Muitas vezes o próprio jogo de búzios indica que o consulente precisa de “ebós” de limpeza e da “feitura do santo”. Nesse momento quando a pessoa se propõe a trilhar esse caminho, rumo a uma possível iniciação, o pai de santo indica a ela que passe por um período de “namoro”, ou seja conheça o Candomblé, conheça a casa e as pessoas que já são iniciadas, porque através dessa importante vivência a pessoa será ou não aprovada a fazer parte da família e ela também terá oportunidade de verificar se aquele realmente é seu local. Esse processo de “namoro” é muito importante para o bom andamento da Casa, segundo o Babalorixá, porque serve de vivência para todo o grupo, adequando expectativas e funciona como um período de aprendizado.

Fotografia 87 - Jogo de Búzios. Localizado no Sabagi uma saleta que antecede o Roncó – 01/01/2018

(O Jogo de Búzios é algo muito respeitado no Ilê, e o Babalorixá tem um espaço especial que utiliza para realizar as consultas ao Oráculo. Uma observação interessante é que ele joga os Búzios e mantém atrás de sua mesa um quadro bem antigo de Jesus Cristo e na entrevista frisa que é devoto de Jesus).

Fonte: A autora

Para o Babalorixá da Casa, os Orixás “escolhem onde querem nascer”, ou seja, se realmente a pessoa tem uma história, uma ancestralidade e tem um Orixá, poderá trilhar esse caminho de iniciação, segundo ele, “... eu acredito que alguns são escolhidos, então o Orixá escolhe, eles te avisam te dão um sinal. O Orixá vai falar com você e tocar seu coração, sua vida, ele vai mostrar que realmente você nasceu para o Orixá, não queira ser uma coisa que não é, porque não conseguirá ser feliz.”

Fotografia 88 - Barco (Nome dado ao grupo de iniciação) – 12/01/2018

(Barco é nome dado para o grupo de pessoas que ingressam para serem iniciados e darem suas obrigações juntos, no caso da foto, foram iniciados uma Equede de Iemanjá, uma Iyawô de Osaguiã, Uma Iyawô de Oxum e um Iyawô de Oxóssi. Junto ocorreram duas obrigações de sete anos, Ebomi de Osalufan e Ebomi de Osaguiã (Mãe e filho).²⁵

Fonte: A autora

Para o Pai Francisco, muitas pessoas se encantam pela religião mas precisam saber se tem “tombo” (vocação e habilidade) para colocar aquela forma de viver na sua vida, porque é muito difícil o dia a dia dentro de um Barracão de Candomblé, em alguns casos ficam dias e dias trabalhando para ajudar nas obrigações dos irmãos de santo, em outros temos ajudam financeiramente para que uma iniciação aconteça ou que uma festa se realize. Dormir na madrugada e descansar o corpo por apenas algumas horas, pois as atividades continuam no dia seguinte, enfim, o aprendizado se dá todo o tempo na Casa e fora dela, pois comprar grãos, tecidos, fazer uma roupa e escolher todos os objetos que serão adquiridos para os rituais também fazem parte desse aprendizado.

²⁵ Barco de Iyawô é o conjunto de iniciados recolhidos e raspados numa mesma leva. Um barco de iaôs pode ter desde um noviço até vinte ou mais. Em São Paulo, dois ou três são considerados um bom número por muitos pais-de-santo. Um barco grande tem a vantagem de cotização das despesas da festa que encerra a feitura, mas exige instalações espaçosas no terreiro. Em cada barco estabelece-se uma hierarquia, na qual o primeiro a entrar no roncô (clausura) e a ser posteriormente raspado e apresentado ao público na "festa do nome" tem precedência ritual sobre o segundo, que tem precedência sobre o terceiro e assim por diante. Há nomes para os postos na hierarquia do barco. O primeiro é chamado dofono, o segundo, dofonitinho, o terceiro, forno, e, sucessivamente, fomutinho, gamo, gamotinho, domo, domutinha, vito e, o décimo, vitutinho. É comum alguém se referir a outro dizendo: "Ela é minha dofona; ele é o gamo do quarto barco de meu pai". Também é frequente a incorporação do nome da ordem de barco no nome do iniciado, como é o caso de Tata Fomutinho. O dofono do primeiro barco de uma casa é também chamado rombono (LIMA, 1984, p. 66-76).

Fotografia 89 - Limpeza do Barracão – 23/11/2017

Fonte: A autora

O Candomblé é uma religião de organização coletiva, mas também muito focada no individual, isso porque no momento de iniciação são os indivíduos que estão sendo trabalhados mas de uma forma coletiva, na qual a maioria dos membros que pertencem a aquele Ilê, participam, explica uma Ebomi, *“...às vezes ficamos mais de 20 dias dentro da Casa de Candomblé, a gente vem ajuda, vai trabalhar, volta, dorme, acorda, dá banho nos Iyawôs na madrugada e vai trabalhar de novo, passo em casa para ver como estão meu marido e meu cachorro, deixo comida para eles e volto para Candomblé, mas faço isso com muito amor.”* Quando os terreiros eram em lugares bem longe das cidades, muitos filhos de santo construía pequenas casinhas dentro da propriedade para que pudessem ficar lá o maior tempo possível quando tivessem atividades, mas com as características de uma casa de Candomblé na cidade de São Paulo, não existe espaço suficiente para que isso aconteça e o melhor que o Ilê Ásé Afemojumó pode fazer depois de uma grande reforma, foi pensar um espaço onde as pessoas que vão ajudar nas “obrigações” pudessem repousar, é ter uma sala na qual pudessem colocar colchões, ficassem protegidas do frio ou do calor e tivessem uma televisão para passar os momentos de descanso.

Essa forma de viver e entregar seu tempo as atividades do coletivo e de outras pessoas, não são muito entendidas dentro do ideário de nossa sociedade, e as vezes isso causa muitos problemas familiares aos adeptos, causando a incompreensão, foi comum ouvir nas entrevistas que esses familiares ou amigos, perguntavam *“... Nossa você não sai do Candomblé ?!”*, o próprio Babalorixá fala sobre essa questão, *“... muitos dizem, nossa, o pai e a mãe de santo ficam presos dentro da Casa de Candomblé, não saem pra nada quando tem “gente recolhida”... nós ficamos presos sim, mas muito felizes e com muita força, na Bahia onde eu acompanhei*

um pouco, todos eles viveram alegres, com bastante tempo de vida e rodeados de bons amigos. Veja a Mãe Menininha, teve grandes amigos como Jorge Amado, Caetano Veloso, fez grandes amizades e mesmo presa à uma cama, sempre tinha um filho de santo para levar um chá para ela, e com sorriso ela ensinava uma cantiga, uma reza, uma receita. As vezes não é que você fica preso, mas precisa ficar protegido e proteger os seus para que possa ensinar e viver essa religiosidade.

Na casa estudada, existem pessoas que saem com os futuros iniciados para orientar e ajudar durante todo esse processo, criando assim elos de irmandade entre os “filhos de santo”, elos esses que futuramente podem se tornar pontos de aproximação entre eles, pois durante o processo de iniciação, a neófito renasce para sua nova vida, depois de um processo de retirada deste mundo e um novo nascimento no santo. Na festa em que o iniciado é apresentado a Família oficialmente, é dado o nome iniciático, o Orukó e este é apresentado a comunidade por seu padrinho ou madrinha, criando assim mais laços de parentesco, esse apadrinhamento pode ser feito por uma pessoa física ou um Orixá.

Fotografia 90 - Orúko (Ato no qual o Orixá se apresenta ao Ilê, através do nome) – 21/10/2016

(Orúko ou Orunkó como também é conhecido, é um ritual que acontece na iniciação e envolve diretamente a cerimônia pública do Candomblé (conhecida como saídas de santo ou saída de Iyawó) é o anúncio do Orunkó do iniciado. Todo filho de santo iniciado, recebe um nome pelo qual será reconhecido pelos Orixás, e por todos os outros membros do seu egbé (comunidade religiosa). O Orunkó do iniciado é sempre anunciado em público no dia de sua "Saída de Santo". Se a pessoa for Iyawó, entrará em transe para pronunciar esse nome, mas se for Ekede ou Ogã, quem entra em transe é a pessoa que foi escolhida para padrinho ou madrinha, é considerada uma honra apadrinhar o iniciado).

Fonte: A autora

Fotografia 91 - Orukó (Ekede de Iemanjá e Padrinho Orixá Osaguian) – 12/01/2018

Fonte: A autora

Esse irmão mais velho irá cuidar o iniciado ao longo de sua trajetória dentro da casa de Candomblé e um respeito muito grande atinge essas relações, pois o iniciado sempre pedirá bênçãos ao Babalorixá, Iyalorixá, Mãe Pequena, Padrinhos, Irmãos mais velhos, Ekedes, Ogãs e trocando benção com os demais, processo esse que respeita a hierarquia desse grupo. No Ilê estudado, o Pai Francisco estimula as pessoas a trocarem bênçãos, como uma forma de respeitar as tradições e hierarquia e para aprofundar os laços entre a família de santo.

Como em qualquer agrupamento, explica uma das entrevistadas, encontramos grupo de pessoas com mais afinidades entre si, criando dentro da “família” núcleos de aproximações e isso as vezes coloca as relações internas em alguns atritos, conversas mal resolvidas e alguma “fofoca”, mas que ao longo do funcionamento do grupo, não abala as relações. Segundo o Babalorixá, ele precisa ficar muito atento ao que acontece nas “entrelinhas das atividades” para evitar mal-entendidos e problemas de relacionamento, sendo essa uma função essencial para o bom andamento da família.

Esse papel de arbitragem de conflitos é muito importante para que as relações não se deteriorem, segundo Pai Francisco, “... *Todas as famílias têm seus problemas, mas precisamos enfrenta-los e ser transparentes nas relações para manter o núcleo em harmonia.*”

Fotografia 92 - Conversa e ensinamentos durante rituais no Ilê – 17/12/2013

(Quando o Babalorixá está realizando algum ensinamento, dando algum conselho ou chamando a atenção de um indivíduo ou do grupo, as pessoas abaixam seus corpos, no caso dos Iyawô e os Ebomis, Equedes e Ogãs normalmente abaixam suas cabeças em respeito ao Babalorixá).

Fonte: A autora

Esse aprendizado de respeito a hierarquia e a educação, é realizado a partir da vivência e da oralidade e faz com que os padrões internos das relações sejam mantidos. Ao ingressar na Casa, os Abians começam a ser orientados, em entrevista com uma Ekede ela fala sobre o respeito “... *um dia uma Abians me encontrou em um lugar fora da Casa e era bem novinha, me beijou e cumprimentou normalmente, a segunda Abian que estava com ela, me pediu a benção e a primeira ficou super vermelha e disse... me desculpa eu pensei que tinha que pedir a benção, só dentro da Casa de Candomblé?! Eu respondi, você pode fazer isso sim, mas se seu coração pedir também pode pedir a benção aqui fora, essa benção não sou eu que lhe dou, e sim meu Orixá. O seu Orixá também pode me abençoar... ela ficou muito agradecida me deu um abraço e me pediu a benção.*”

Esses padrões relacionais começam a aparecer e reforçar o grupo, existem muitos abraços, beijos nas mãos e bênçãos, mas como explicar isso na atualidade, onde as pessoas mal se cumprimentam ou tiram os olhos dos aparelhos celulares? Talvez em uma cidade pequena, no interior esses valores ainda sejam mantidos, mas se falando em uma cidade como São Paulo, podemos pensar o que pode significar essas pequenas ilhas de afeto na vida das pessoas.

Fotografia 93 - Obrigação de sete anos – 14/01/2018

Fonte: A autora

(A Ebomi de Osaguiã estava dando sua obrigação e a Iyawô de Xangô foi cumprimentá-la por receber seu Decá).

Fotografia 94 - Saída de Santo Iyawô de Oxóssi – 12/01/2018

Fonte: A autora

(A mãe biológica abraça o filho o Iyawô de Oxóssi, que ficou “recolhido” por dezesseis dias na casa de Candomblé e ela não teve nenhum contato com ele, sendo o primeiro momento de afeto entre eles durante esses dias).

Fotografia 95 - Festa de Oxalá – 2015

Fonte: Facebook - Grupo Fechado da Família de Asé

(Expressões de carinho entre os irmãos, a Ebomi de Oxóssi e o Iyawô de Xango).

Fotografia 96 - Festa da Aiabás – 05/11/2016

(As pessoas ajudam umas às outras a se arrumarem para a Festa, trançam cabelos, ajudam a se vestirem e a se prepararem para sair no Barração).

Fonte: A autora

Essas manifestações de carinho vão muito além das poses para fotografia, fazem parte do cotidiano desses grupos familiares, sendo esses um dos pilares que mais pude observar nas relações, nas entrevistas, no falar e expressar das pessoas do Candomblé, esse é um fator preponderante de união entre eles. Observei também na pesquisa de campo que o grande fator de desunião do grupo é a “fofoca”²⁶, que muitas vezes aparece em forma de brincadeiras jocosas, disputas de poder, indiretas nas falas e utilização de redes sociais. Segundo um dos entrevistados, “... o que atrapalha muito na Casa é quando algumas pessoas elegem alguém para “tirar um barato”, se tornando inconvenientes, mas o Pai de Santo logo dá um jeito na situação”, assim as relações dentro da Família de Santo seguem seus caminhos, com alianças, afetos, brincadeiras e algumas discussões.

Para que os rituais e festas ocorram, existe uma grande mobilização de pessoas e recursos e isso atinge a Família de Santo diretamente, quando alguém irá “recolher” (fazer um rito de iniciação ou uma obrigação ritual) as pessoas começam a se mobilizar primeiro através da comunicação do calendário de atividades que geralmente é feita pela Iyá Egbé Mãe Silvana, antigamente era tudo marcado pessoalmente nas festas anteriores e depois confirmado por telefonemas, com o advento das redes sociais, a população que frequenta a Casa de Candomblé, participa do Grupo de WhatsApp e do Facebook, e as informações importantes são postadas nos dois. Depois que o próximo calendário é exposto, começa a mobilização dos filhos de santo, quem vai ajudar nas compras, quem vai buscar folhas, quem vem fazer uma limpeza, compra dos animais para sacrifício ritual, quem vem cozinhar as comidas rituais, etc.

Todo conjunto de objetos e pessoas são necessários e essenciais para que o momento ritual aconteça, segundo o Pai Francisco “... e nada pode ser deixado para traz, pois, esses

²⁶ Ver (BRAGA, 1988)

rituais são feitos de detalhes, e uma pedra ou folha esquecida pode fazer a diferença na vida de um Iyawô, Candomblé é feito de detalhes”.

Existem listas de produtos para a realização dos rituais, a preocupação com o adepto que irá “recolher”, a alimentação de todo grupo, as roupas dos iniciados e de seus Orixás, a preparação das comidas votivas dos Orixás. Normalmente a organização de toda essa logística, fica a cargo da Iyá Egbé Mãe Silvana, que escala alguns Ebomis para ajudá-la.

Fotografia 97 - Iyá Egbé Mãe Silvana - 18/07/2009

(Mãe Silvana trabalha muito, ela está à frente de todos os processos organizativos da Casa, brinca com um filho, cutuca uma filha, dá bronca quando necessário, mas está sempre presente em todos os atos realizados no Ilê).

Fonte: A autora

Depois de tudo comprado e organizado, é necessário discutir os custos de algumas coisas, como, água, luz, gás de cozinha e a Festa do Orixá, na qual haverá a “Saída do Iyawô” (momento ritual de apresentação do novo adepto à sociedade), ou então a “Saída da Obrigação” (quando o adepto passa pelos ritos de sete, catorze e vinte um anos e é reapresentado a sociedade realizando aquela etapa), esses custos adicionais normalmente é chamado de “pagamento de chão”, ou seja, um valor em dinheiro, que cobre esses custos, não há um valor fixo, pois depende do grupo de iniciados e o que será gasto para que os rituais possam acontecer, num grupo de iniciados, as pessoas podem pagar valores diferenciados, de acordo com as suas condições financeiras, ocorrendo até de alguns não contribuem com nada por não terem condições para ajudar, pois cada noviço tem uma origem social e quando alguém não pode contribuir, seus valores são diluídos no montante geral.

Esse tipo de iniciação recebe até um nome “feitura de misericórdia ou coletiva”, pois o iniciado precisa passar pelos ritos, não tem nenhuma condição financeira para realização de suas “obrigações” e a comunidade assume todos os custos para que ela consiga realizar, da parte

do iniciado fica a gratidão pela ajuda e o compromisso de ajudar nos rituais dos demais, um elo de ligação muito forte dentro da comunidade.

Já para a realização da Festa do Orixá do calendário ritual, é pedido uma colaboração para todos os Filhos da Casa e alguns visitantes e clientes também, pois além dos objetos rituais, comidas votivas, decoração para festa, às vezes, é necessário contratar o serviço de Ogãs, que vão tocar e cantar durante as festividades, como as energias das divindades são evocadas a partir do toque dos tambores e dos cânticos apropriados, existe grupos de pessoas que oferecem seus serviços para as Casas de Candomblé. Essa autossuficiência para realizar seus rituais é muito importante para a Casa de Candomblé, pois ocorre que em algumas Casas, é necessário a contratação dos Alabês (Ogãs) e de um Pai de Santo para “realizar” o Candomblé, devido a complexidade dos rituais, alguns não dominam a sequência de atos e de cantigas para sua realização.

O Ilê Asé Afeemojumó, vem formando seu grupo Ogãs para as atividades rituais e isso se intensificou nos últimos 10 anos, segundo uma das entrevistadas, “... lá por 2009, tínhamos só dois ogãs e agora a Casa já pode tocar um Candomblé sozinha sem precisar contratar irmãos de fora pra tocar...”.

Fotografia 98 - Festa das Aiabás - Ogãs – 05/11/2016

(Os Ogãs se preparam para tocar os tambores, cantar as cantigas, imolar os sacrifícios dos animais, são os braços da Casa de Candomblé, eles possuem um grupo próprio de whatsapp e se comunicam entre si, existe essas relações diferenciadas também entre eles e os Ogãs de outras Casas, quando se visitam entre si, um grupo recebe o outro, preparam mesas e espaços especiais para o acolhimento e isso faz parte da “etiqueta” e do modo de viver na religião).

Fonte: A autora

Fotografia 99 - Ogãs – Família de Asé – Junho/ 2018

(Os Ogãs se prepararam para irem a uma Festa de Oxóssi e criaram um figurino especial).

Fonte: Facebook – Grupo fechado Asé

Na atualidade eles participam de Candomblés em outras Casas, representando o Ilê. Também é comum nas Famílias de Santo, a visita a outras Casas e normalmente o Babalorixá vai acompanhado, por alguns Filhos de Santo, que por sua vez, participam, cantando e dançando para os Orixás. A chegada do “séquito” em uma Festa de Candomblé, realmente parece a visita de um Chefe de Estado à outro, porque quando os tambores e as cantigas estão sendo entoados, a partir da entrada do Babalorixá ou da Iyalorixá, os sons dos tambores mudam e tocam um tipo de marcha, os filhos de santo da casa batem palmas ritmadas e os que não são Ebomis, Ekedes e Ogãs, se ajoelham e esperam a comitiva passar, são momentos solenes que abrilhantam uma Festa.

As Festas de Candomblé são os momentos públicos, funcionam como um elemento organizativo, nas festas, também, que são travados alguns conhecimentos, onde são recrutados, muitas vezes, novos adeptos. Na maioria das entrevistas, isso se comprova, segundo uma Ebomi de Oxóssi “...queremos dar o melhor para nosso Santo, não acho isso ostentação, quando amamos alguém procuramos o melhor, com o Orixá é igual...”.

Mas as Festas são espaços para paquera, brincadeiras, conversas, fofocas, diversão e alimentação, são nesses momentos que a comunidade reúne os membros da sua Casa e de outras que se visitam, dançam, cantam e se alimentam juntos. São essas trocas que segundo eles aumentam o Asé desses espaços, a visão desse espaço comunitário que termina ao se dividir a alimentação.

Momentos de tristeza...

A Família de Santo, não vive apenas momentos bons, quando existe uma doença ou um falecimento também existe um sofrimento coletivo. Durante a pesquisa de campo, o Ilê Asé Afeemojumó viveu duas grandes perdas, primeiro foi o falecimento da Dona Rita, no mês de

junho de 2017, escrevi sobre ela no capítulo dois e depois no mês de dezembro o falecimento de um filho de Santo, um Ebomi de Ogum, que faleceu por ser acometido por uma Meningite. Foi um golpe muito doloroso na Família de Santo.

Durante a pesquisa, muitas notas foram escritas no Caderno de Campo, mas nenhuma tão triste quanto a que será transcrita agora, o texto foi escrito no dia do enterro do Ebomi de Ogum.

Esse filho entrou para o Ilê, através de um amigo e irmão o Ebomi de Osaguian. Ele não estava em Casa de Candomblé, atendia seus clientes na sua própria moradia e foi trazido para conhecer o Ilê, gostou e foi ficando conhecendo, trabalhando, fazendo amigos e “se preparando para dar obrigação”, conforme os dizeres do Candomblé. Já tinha passado por diversas doenças e se recuperava, mas da última vez não foi assim, precisou ser internado e se foi para o Orum. Foi uma mistura de dor e de observação de um momento difícil para a Família, mas eu precisava escrever sobre isso.

“No dia 27/12/2017, o luto entrou na Casa de Candomblé, nem só de alegrias vive uma família. No dia de ontem 26/12/2017, um dia após o natal, perdemos um filho de santo, ele partiu para o Orun. Por volta das 8h30 da manhã, depois de três paradas cardíacas, o Ebomi de Ogum, de 34 anos, filho de Ogum com Yansã, se foi com uma meningite, mas teve uma trajetória rápida, mas muito forte, muito forte nos corações de todos da Casa. Ele chegou numa feijoada beneficente, veio junto com seu companheiro o Ogã de Osaguian, estavam saindo da casa de uma mãe de santo de Diadema, chegou com seu jeito forte e doce e foi ficando. Jogou com o Pai e tinha o cabelo longo e tingido de loiro, foi quando o Pai de Santo orientou ele a mudar seu visual para conseguir um emprego, e ele o fez, ficou lindo! Chegou no Barração repaginado e todos elogiaram! Às vezes o Pai de Santo assume um papel de pai, amigo, coaching, psiquiatra, psicólogo e tem a confiança das pessoas que seguem seus conselhos.

O Ebomi de Ogum conseguiu o desejado emprego e se agarrou a aquela chance de melhorar de vida. Como o Orixá dele era lindo! Dançava como se estivesse voando! Ogunhê! Eparrei!! Ele “dava” caboclo desde os sete anos de vida, uma criança, mas vivia dentro da religião. Quando ele veio para o Ilê, ele já havia ficado doente algumas vezes, mas tratava e melhorava, mas naquela festa de Amigo Secreto, que antecedeu o Natal, ele estava quieto. Um irmão de Santo, o Ebomi do Logunedé, foi visitá-lo e enviou uma foto para o Pai de Santo, que viu que ele não estava bem e pediu para a família biológica leva-lo ao médico, também ligou para dois irmãos de santo mais próximos e disse que algo precisava ser feito para socorrer o Ebomi de Ogum, levaram ele para um hospital público, pois o convênio que possuía não aprovava a realização de exames específicos.

Vai para internação e logo em seguida para UTI, saiu o diagnóstico: meningite. Tínhamos a esperança dele dar a volta por cima, mas no dia 26 de dezembro veio a notícia do falecimento. Sabe, quando recebi a ligação, parecia que meus pés saíram do chão, sabia que era necessário fazer a preparação dos ritos funerários e fui imediatamente para Casa de Candomblé para começar os preparativos dos atos. Eu nunca tinha vivido essa experiência dentro da religião, e não queria viver também, mas era inevitável.

A família biológica não autorizou realizarmos os ritos funerários e em respeito a decisão deles não os fizemos. Ele tinha vivido sua vida dentro do Candomblé e dos preceitos da religião, mas mantivemos o respeito a família.

Chegando ao cemitério para o velório e o enterro, todo o pessoal “do santo” estava de branco, sim, pois a cor do luto no Candomblé é o branco. As mulheres vão de saia e de “roupa de razão” (roupas simples rituais). Levamos o Ebô (canjica) para se possível, fazer um ato naquele momento. A Família de Santo foi chegando aos poucos, mas quase todos chegaram juntos, como se tivessem combinado, tínhamos a sintonia de laços de fé e o propósito de louvar aquela vida que foi muito importante nas nossas!

A família biológica começou a rezar o terço e ao final nos juntamos a eles, nos olhamos, choramos e sentimos juntos aquela dor, foi quando o Pai de Santo pediu licença e começou a cantar uma cantiga de Candomblé... Os Orixás começaram a chegar, estavam vindo ao Ayê, primeiro veio Nanã, depois Yansã e Omolu... o Pai continua a cantar e já é hora de fechar o caixão e ir para a última caminhada. Sai o cortejo atrás do carro da funerária, esse cortejo é todo feito a pé, pois o lugar onde seria enterrado o Ebomi era no alto de uma colina, não muito perto do espaço do velório. Os Orixás vão caminhando com seus pés no chão, atrás do carro, eles dão seus ilás e o pai de Santo continua cantando e seus filhos respondendo, pessoas de outras de Casa de Asé também acompanhavam e respondiam as cantigas. Era uma grande subida e lá seguia o cortejo.

Chegamos ao alto e lá começamos a entrar no Campo Santo, a pisar na terra entre os túmulos. O Pai de Santo altera as cantigas, Ogunhê! Chega Oxum, inclusive a Orixá da irmã do falecido, outras pessoas também “viram” e só se ouviam os ilás, choro, uma mistura com cantigas e todos sentindo aquele momento de dor e de tristeza, mas os Orixás traziam a esperança pelo acolhimento daquele filho! Salve Ebomi de Ogum!

Casa de Santo fechada por sete dias, sem velas, sem Osé (limpeza), sem abrir os quartos de santo... depois iríamos realizar os ritos de Axexê²⁷. Que venha 2018! Que venha com a esperança de dias melhores, mais amor, paz e tranquilidade!”

Ainda hoje, leio esse relato e tenho uma sensação incômoda, a falta do Ebomi, vejo os retratos para serem selecionados para a dissertação e em muitos deles ele aparece, por tudo isso, de todos os relatos que tenho no Caderno de Campo selecionei este texto e a foto que segue, pois é a imagem que guardo no coração.

Fotografia 100 - Iansã – 14/11/2015

Fonte: A autora

Quando a Família de Santo cresce...

Nos últimos dez anos a família cresceu em números de pessoas, e algumas crianças começaram a ser iniciadas. Cada uma delas veio por algum motivo e hoje o Ilê Asé Afeemojumó tem 07 crianças iniciadas e algumas outras que frequentam a Casa, tudo se torna diferente com a presença delas, segundo a Ebomi de Ogum “... *com as crianças temos ensinar mas também proteger, pois a nossa sociedade não entende direito nossos ritos, a gente tem segredo, mas também tem que se esconder de vez e quando e para as crianças, tomamos cuidado quando fazemos os Orôs, para que elas não participem diretamente, também quando são pequenas*

²⁷ O Axexê é um rito de passagem que é realizado quando alguém do santo falece, esse rito é realizado em um período de sete dias consecutivos. No entanto, se um membro da casa se oferece para fazer as obrigações durante sete anos, a cerimônia pode se realizar em apenas três dias. Todos os participantes, devidamente vestidos de branco, simbolizando luto, devem usar contra Eguns (palha da costa trançadas e amarradas ao corpo. Para iniciar a cerimônia, os participantes se dirigiram ao barracão, em ordem hierárquica. Na entrada todos lavaram as mãos em uma bacia com água com folhas maceradas, ficam descalços e se inicia o ritual.

vamos ensinando quem é o Orixá, contamos as histórias deles, para elas é como se fossem um super herói, e isso vai crescendo e com o tempo elas passam a entender de um tudo!”.

Outro filho de santo, o Iyawô de Oxóssi, relata o seguinte, “... *a molecada brinca de candomblé, aprende brincando*”, em observação de campo isso fica explícito, quando podemos observar eles tentando tocar os atabaques, brincando fazendo movimentos relacionados aos Orixás e alguns brincam que são Iyalorixás. Na última Festa de Oxóssi em setembro de 2018, as crianças se juntaram e ao final da festa começaram a limpar o barracão de Candomblé e juntar as folhas que estavam no chão, ninguém pediu para eles fazerem esse serviço, mas tomaram a decisão e deixaram tudo limpo, perguntei para um dos Iyawô mirim e ela respondeu, “... *todo mundo está fazendo alguma coisa... é gostoso juntar as folhinhas*”, acredito que ao ver as pessoas sempre fazendo algum trabalho, elas acabaram estimuladas a ajudar, mesmo observando que era muito divertido para elas, existe aí valores que estão sendo desenvolvidos na geração que está crescendo dentro do Ilê.

Em algumas bibliografias e documentários, aparecem como as crianças foram e são criadas dentro das roças de Candomblé, mas segundo o Pai Francisco, isso não acontecia no Ilê, segundo ele, “...*desde que meus filhos eram pequenos, como a religião sempre foi muito discriminada, muitos pais e mães não traziam as crianças com tanta frequência na Casa de Candomblé, eram todos mais jovens e não tinham filhos, agora, a grande parte dos filhos de Santo tem filhos e netos e eu tenho meus netos que estão sempre por aqui, aí fica uma ‘energia boa de Erê’ e eles sempre estão juntos brincando, temos algumas crianças iniciadas e será deles o futuro*”.

Fotografia 101 - Crianças recolhem as Folhas de Oxóssi. 22/09/2018

Fonte: A autora

Uma grande preocupação com as crianças é protegê-las, o tempo todo o coletivo está cuidando delas, as vezes oferecem comida, água, falam para não subirem em determinado local, pedem para eles levarem algum objeto a alguma outra parte da Casa, mas o que a pesquisa pode observar é que as crianças são inseridas nesse cotidiano de forma participante, mas o tempo todo monitoradas pelos mais velhos e com a liberdade de brincar.

Fotografia 102 - Crianças Brincando – 22/09/2018

(O Ebomi de Osalufan brinca com a neta do Pai Francisco, mesmo ela não sendo iniciada, acha divertido tocar os tambores, e o Ebomi dança imitando um Orixá).

Fonte: A autora

Fotografia 103 - Festa de Xangô. 23/07/2016

(Durante a Festa louvam-se todos os Orixás, na foto aparece o Ebomi de Osalufan e a Ebomi de Osaguian (mãe biológica) e a Assistência cantando e dançando. Ele apesar de ser criança, participa normalmente desses momentos, sempre com o acompanhamento do pai e da mãe biológicos).

Fonte: A autora

Fotografia 104 - Ebomi de Osalufan, Ebomi de Osaguian e Ogã. Festa de Oxalá 2018 – 14/01/2018

(A Família procurou o Candomblé para tratar os problemas de saúde do Ebomi de Osalufan e hoje, todos são iniciados e participam do Ilê).

Fonte: A autora

Durante a pesquisa de campo, muitas histórias foram aparecendo, uma das que mais chama a atenção e que pudemos acompanhar de forma participante foi do Ebomi de Osalufan, hoje com a idade de doze anos (2018), foi iniciado aos cinco anos de idade e deu um depoimento para esta dissertação no dia 11 de outubro de 2016, quando foi recolhido para dar obrigação de cinco anos (no Ilê Asé Afeemojumó não existe o hábito de fazer obrigação de cinco anos, mas nesse caso específico devido a necessidade de saúde foi realizada), mas ao invés de fazer uma entrevista, deixei ele pegar o gravador e falar o que estava pensando com apenas uma orientação, falar sobre como o Candomblé entrou na vida dele.

“Eu...eu comecei no Candomblé por causa da minha mãe e do meu pai, que são do candomblé e por causa da minha saúde. Eu fiz o santo quando tinha cinco anos. Quando eu tinha cinco anos, agora no momento estou com dez e ano que vem eu vou fazer sete anos de santo, vou ser Ebomi. É bem legal, porque sou a única criança da casa que é de santo. Meu santo é Oxalá, meu santo é Oxalá e vem de vez em quando. Só que não é toda vez. Porque eu sou criança e às vezes eu posso assustar com isso, aí não vem com tanta frequência. Eu gostei da Casa, aqui é legal.... eu não sei mais o que falar!!!! Eu tô aprendendo coisas sobre o Candomblé. Hoje na casa a gente recebeu duas pessoas novas aqui na casa, acho que eu nem devia falar disso, devia falar mais de mim. Então, acho que é isso que eu tenho pra falar do Candomblé.”

Pergunta: Fala um pouquinho sobre a escola, como é ser do santo na escola?

“Na minha escola...sobre ser do santo... quando eu tô de preceito, eu não conto nada...eu vou... manga curta com os contra Eguns. Ninguém pergunta, nunca perguntaram. Só quando raspei a cabeça, só que aí perguntaram, eu inventei um negócio que nem lembro, aí acreditaram...”

Pergunta: E se você falasse que é do Candomblé? Você acha que o pessoal vai te discriminar ou vai te aceitar de boa?

“Eu acho que eles vão aceitar de boa e minha professora também, eu acho que ela também.”

Em janeiro de 2017, o Ebomi de Osalufan, novamente vai dar obrigação só que agora são os sete anos, ele se tornará Ebomi, irmão mais velho e novamente fornece um depoimento.

Pergunta: Você vai se tornar Ebomi, qual sua sensação?

“Felicidade...! depois de tanto tempo é um Uhuuuu!”

Pergunta: Você faria tudo de novo?

“Ah... não! É cansativo ficar sem meus joguinhos, meu sofá, meu celular...”

Pergunta: Você trouxe algum joguinho?

“Não eu trouxe um livro sobre o Candomblé, mas acho que é mais difícil ficar sem joguinho... beleza, a gente fica dormindo o dia inteiro, eu gosto de dar “osé”, é da hora. O que eu menos gostei é de ficar careca, se eu não tivesse cortado eu teria cabelo cacheado ainda. Gosto de ficar eu e minha mãe. Eu vou poder comer um docinho no Bori, pelo menos dá para me divertir.”

O Ilê Asé Afeemojumó, já tinha duas crianças iniciadas, mas que por um tempo ficaram afastadas, pois sua mãe ficou distante da Casa, mas no ano de 2017, os três regressaram para o Ilê.

Fotografia 105 - Orixá Osaguian (Padrinho) carrega o Iyawô de Osalufan na Sáida dos Iyawô - 26/01/2009

Fonte: Melissa Breves

Fotografia 106 - Iyawô de Iansã (mãe) e filhos Iyawô de Osalufan e Iyawô de Osaguian - 06/01/2018

(As crianças iniciadas vieram com sua mãe a Iyawô de Iansã, que estava dando obrigação de um ano, foram iniciados os dois filhos o Ogã de Osalufan e o Iyawô de Osaguian, mas na época não poderia saber se seriam Ogã ou Iyawô, isso vem se confirmando na atualidade, eles cresceram e com a volta da mãe para o Ilê, voltaram juntos. Um fator interessante é que o Ogã de Osalufan, faz curso para aprender a tocar atabaque, e o Iyawô de Osaguian, nos diz que quer aprender muito para se tornar um Babalorixá).

Fonte: A autora

Em janeiro de 2018, ocorreu a iniciação da Iyawô de Osaguian, filha da Iyawô de Oxum, em entrevista ela sobre sua iniciação, “...é porque eu vi minha mãe e eu sentia as vezes alguma coisa, e eu achava que era por causa disso e daí eu vi minha mãe e eu senti vontade...! Tenho 9 anos. É que eu sentia energias muito fortes dentro de mim, daí eu achava que era por causa dessa religião, eu comecei a falar com a minha mãe e ela me dava mais força.”

Fotografia 107 - Iyawô de Osaguian com sua família, avó, irmão e o tio o Ebomi de Osaguian - 12/01/2018.

(Saída de Santo da Iyawô de Osaguian, depois de 16 dias recolhida para sua iniciação, ela se encontra com a sua família).

Fonte: A autora

No mês de agosto mais três iniciações aconteceram, a do Ogã de Osaguian, da Iyawô de Oxum (1) e a Iyawô de Oxum (2).

Fotografia 108 - Ogã de Osaguian, Iyawô Oxum (1), Iyawô Oxum (2) - Saída de Santo 17/08/2018

(As crianças ficaram recolhidas por 16 dias, durante seu período de férias escolares, foram iniciadas conforme os ritos do Candomblé, não raspam a cabeça justamente por estarem frequentando a escola e para não sofrerem nenhum tipo de preconceito ao regressar, mas sabem que quando realizarem suas obrigações deverão passar por esta etapa do rito, e deverá ser uma escolha deles passar ou não por essas obrigações. Eles estavam bem felizes em ser iniciados e poderem participar ativamente de todos os momentos vividos no Ilê).

Fonte: A autora

Não tenho o depoimento das crianças, porque eles são muito pequenos e percebi que ficavam muito tímidos para falar sendo gravados, além de respeitar o momento tão diverso que estavam vivendo, mas durante a iniciação realizei conversas com eles e fiz observações em meu caderno de campo que transcrevo aqui.

“Hoje é 15 de agosto de 2018 e nesta semana, começamos uma nova iniciação, ou melhor 3 novas, sendo que dois deles são herdeiros do Ilê Asé Afeemojumó. São crianças de seis e cinco anos, que já se sentem integrados no cotidiano do Barracão, pois os dois pais são iniciados. A terceira criança, tem sete e sua mãe também é iniciada na Casa.

Os dois primeiros sentem o bater dos tambores, desde o começo das suas vidas, na barriga da sua mãe eles já participavam, desde bebezinhos participam das festas dos Orixás,

me lembro quando a mãe deles, colocava algodão nos ouvidos dos bebês para diminuir o impacto do som. As crianças acabam naturalizando as formas de culto e as vezes brincam de Candomblé.

Eles são muito espirituosos, a Iyawô de Oxum (1), tem uma personalidade forte e conforme vai falando as coisas, temos a impressão que o Candomblé nasceu junto com ela, o Ogã de Osaguian, é muito centrado e quer ser aprender a ser Ogã. A Iyawô de Oxum (2) é um pouco maior e filha da Iyawô de Iansã que se iniciou em 2017, e desde então as duas e o irmão frequentam a Casa de Candomblé.”

Fotografia 109 - Iyawô de Oxum(2) . festa da Aiabás 2017. 25/11/2017

Fonte: A autora

Esse aprendizado das crianças é muito interessante, porque para eles tudo é uma grande brincadeira, mesmo porque de alguma forma, já estão convivendo com aquela forma de viver. Quando eles brincam de Candomblé, eles cantam, dançam, tocam e imitam os mais velhos. Ao mesmo tempo, jogam, luta, correm, brincam com lindas bonecas negras, é lindo de observar! A iniciação é realizada conforme os ritos do Candomblé, mas em alguns momentos é necessário lembrar que são crianças e não podem ver tudo, então as mães da casa, Ebomis e Ekedes, dão seu colo e seu afeto e protegem as crianças da visão de alguns ritos.

A Iyawô de Oxum (1) desde pequena tem se mostrado muito atenta aos ritos e logo que aprendeu a falar, aprendeu junto uma cantiga de Oxalá... Epa Babá! E hoje, ela repete muitas expressões que escuta dentro da casa, sobre o que se deve ou não fazer, parece que ela sempre viveu nessa cultura. E assim eles vão construindo suas posturas perante a vida.

Fotografia 110 - Iyawô de Oxum (1), participando da Festa de Erê - 27/09/2015

Fonte: A autora

O Ogã de Osaguiã, desde pequeno gosta de tocar os tambores, fica observando o pai que também é Ogã da casa e sua mãe que é Iyá Kekerê. Seu pai assume a função de coordenador dos tambores e do canto, além de ser zelador de Oxalá, tudo isso é uma grande construção na comunidade e na hierarquia do Ilê, que calcado na ancestralidade precisam de pessoas que assumam na integralidade as formas de agir e de pensar do Candomblé.

Fotografia 111 - Ogã de Osaguiã observando o Candomblé, ainda não era iniciado - 17/03/2016

Fonte: A autora

Foi emocionante o dia da “Saída de Santo” deles, a comunidade inteira, presente e feliz por ver essas crianças dando continuidade aos ensinamentos e a história de tantos e tantos africanos que foram escravizados e trazidos para o Brasil, é esse o sentimento forte que tomou

conta de todos, a felicidade!”. E assim a família foi crescendo e com ela cresce também essas crianças vivenciando ritos e aprendendo mitos.

Fotografia 112 - Ogã de Osaguian e Iyawô de Oxum (1). Festa de Xangô - 17/08/2018

Fonte: A autora

Fotografia 113 - Iyawô de Oxum (2). Festa de Xangô - 17/08/2018

Fonte: A autora

Fotografia 114 - Ogã de Osaguian e Iyawô de Oxum (1)- Saída de Santo - 17/08/2018

(Apresentação dos iniciados a comunidade, mesmo para as crianças os ritos são seguidos como para os demais iniciados, a única diferença foi não raspar totalmente as cabeças, para protege-los de problemas de preconceito e discriminação na escola, a iniciação foi realizada em período de férias escolares e segundo a Iyá Kekerê e mãe biológica deles, “ hoje temos que adaptar muitas coisas do Candomblé para o modo de viver da nossa sociedade, porque senão não conseguiremos manter o Asé e a nossa vida é muito corrida, temos que fazer nosso melhor!”).

Fonte: A autora

Alguns retratos da Família de Santo...

Muitos momentos são vividos dentro do Ilê e fora dele, mas a pesquisa pode observar que se vive de forma coletiva, são festas, aniversários, almoços e jantares, atividades culturais, manifestações, nas quais a Família de Santo se une para participar, solidificando os elos que foram criados a partir das relações descritas anteriormente, na maioria desses momentos são feitos convites coletivos, para que adesão seja a partir da disponibilidade e interesse de cada pessoa. As crianças costumam frequentar todos esses momentos, pois acompanham seus pais, sendo que o chama atenção, é que com o crescimento deles, juntos, já estão montando um novo núcleo no Ilê no qual querem se encontrar para brincar e sabem que quando ocorrem as festas de candomblé e as gerais, eles podem se divertir juntos. Portanto esses são outros elos que estão crescendo no Ilê e junto com as crianças, aumentando os laços de solidariedade entre todos.

Fotografia 115 - Amigo secreto - 29/11/2015

(Todo final de ano a Família de Santo organiza uma Festa na qual comemoram mais um ano de convivência e realizam um amigo secreto e o “inimigo oculto” para descontrair o ambiente).

Fonte: A autora

Fotografia 116 - Apresentação de um Grupo de Dança do Ventre – 03/08/2014

(Feijoada beneficente para arrecadação de fundos para reforma do Ilê).

Fonte: Luciana Braga

Fotografia 117 - Ato contra a intolerância religiosa, entrega de abaixo assinado na Polícia Federal de São Paulo, ao fundo Ialorixás e Babalorixás de várias Casas da Cidade de São Paulo, em destaque Pai Francisco - 23/03/2015

Fonte: A autora

Fotografia 118 - Ato contra intolerância religiosa na Câmara de Vereadores da Cidade de São Paulo

Fonte: Gerson Nunes (Whatsapp- Ilê Asé Afeemojumó)

Fotografia 119 - Almoço coletivo no Ilê Asé Afeemojumó - 16/01/2015

Fonte: A autora

Fotografia 120 - Momentos de descontração, a Família de Santo se reúne para conversar e se divertir - 26/03/2017

Fonte: A autora

Fotografia 121 - Aniversário no Babalorixá - 01/05/2015

(As comemorações dos Aniversários acontecem para todos os participantes do Ilê, principalmente quando estão em atividades, eles fazem bolos e se reúnem para “cantar parabéns”, segundo o Pai Francisco, “a Vida é para ser comemorada enquanto ela existir”, ele e a Mãe Silvana estimulam muito essas comemorações, quando não estão em função, os aniversários são lembrados nos Grupos das Redes Sociais).

Fonte: Thais Chiarelli

Olhares, sorrisos e expressões!

Fotografia 122 - As Selfies entram na nossa vida e no espaço do Ilê também. Pai Francisco tira uma selfie com Mãe Cacho em visita à Casa de Candomblé.

Fonte: A autora

Fotografia 123 - Retratos. O cuidado com a aparência e os símbolos do Asé - 26/05/2017

Fonte: A autora

Fotografia 124 - Retratos- O sorriso sereno de quem sabe onde está pisando - 26/05/2017

Fonte: A autora

Fotografia 125 - Mãe Camila, a Iyá Kekerê da Casa - 18/07/2009

Fonte: Salvador Cordaro Filho

Fotografia 126 - Retratos. O Olhar questionador do Rapper Marcelo Gugu - 26/05/2017

Fonte: A autora

Além dos retratos.... o sagrado!

O Sagrado pode ser captado pelas de lentes de várias formas, no dia de uma Festa de Candomblé, não se é permitido fotografar e gravar, somente as pessoas autorizadas pelo Babalorixá fazem isso, ao longo do tempo que ocorreu a pesquisa alguns episódios aconteceram, o Pai de Santo chegou a parar o Candomblé para pedir que as pessoas que estivessem na assistência não fotografassem, com a argumentação que muitas imagens são usadas para fins que não seja o crescimento da religião. Nessa lógica, mesmo para os Filhos de Santo, é proibido postar fotos de pessoas em transe nas Redes Sociais, ficando os registros apenas para o grupo secreto, essa regra é explicada a todas as pessoas que entram dentro do Barracão de Candomblé, e se é percebido que alguém está realizando imagens e gravações, uma Equele, Ogã ou Ebomi tem a permissão de se aproximar da pessoa para solicitar que aquilo não ocorra. Ainda citando Sylvia Caiuby (2015, p. 17). “A vivência da fé e do sagrado podem ser esferas de difícil apreensão e expressão”. Representar esse sagrados, no caso do Candomblé está no visível, mas principalmente nos detalhes, afirma Caiuby, “... Se a fotografia é capaz de representar aquilo que não é imediatamente visível seria ela igualmente eficaz para representar o real representável, um real sem referente algum, ou mesmo a condição transitória e circunstancial do indivíduo na contemporaneidade.”

Essas fotos que coloco a seguir, são expressões de transe, detalhes de partes que compõe o dia a dia de uma Casa de Candomblé.

Fotografia 127 - Pessoa carregando dois Quelês, um de Oxalá e outro de Iemanjá - 14/01/2007

(Quelê ou Kelê é uma aliança que tem a finalidade de unir o sagrado com o iniciado, num simbolismo de casamento perfeito com o seu Orixá, usando restritamente no pescoço, na iniciação e nas obrigações. Confeccionado com "miçangas" fio de conta, intercalado com firmas de porcelana, pedras tipo ágata e cristal, terra cota, búzios e até mesmo sementes. Sua cor varia de acordo com o Orixá de cada iniciado na feitura de santo).

Fonte: A autora

Fotografia 128 - Mãe Silvana dança com Orixá Ogum. A dança revive os mitos que contam as histórias de cada Orixá - 24/05/2008

Fonte: Salvador Cordaro Filho

Fotografia 129 - Iyawô de Oxóssi é conduzido no ritual de iniciação por Ebomi, o Orixá está nascendo e o Iyawô também, todo cuidado ao conduzir as pessoas para esse nascimento ritual - 12/01/2018

Fonte: A autora

Fotografia 130 - Ewá, dança e se manifesta, conta sua história através de gestos - 14/11/2012

Fonte: A autora

Fotografia 131 - Omolu – Saída de Santo do Iyawô de Omolu, na dança ele demonstra suas chagas e demonstra que é o Senhor da Terra - 15/01/2015

Fonte: A autora

Fotografia 132 - Transe. Oxóssi se manifesta em seu filho Iyawô, que dança no Barracão de Candomblé - 23/07/2016

Fonte: A autora

Fotografia 133 - Oxum dança levemente como se estivesse flutuando sobre as águas - 22/09/2018

Fonte: A autora

5 DO LADO DE FORA DO ILÊ - O CAOS DA INTOLERÂNCIA

A intolerância religiosa aparece como um único som em vários momentos da vida de quem pertence ao Candomblé e as religiões de matriz africana, afirmação essa que a pesquisa pode observar na maioria das entrevistas, conversas, depoimentos, nas redes sociais, em jornais, programas de rádio e televisão, na rua, em casa... como é notório e escancarada esses atos de intolerância e ao mesmo tempo, como eles acabam ficando impunes e as vezes naturalizados pelas pessoas.

Podemos falar de tolerância, que segundo Norberto Bobbio, no texto *A Era dos Direitos*, escreve que a tolerância se refere ao problema da convivência entre confissões religiosas diversas, controvérsia suscitada pela ruptura do cristianismo católico com as cismas protestantes (BOBBIO, 2004, p. 203), para entender que a intolerância se dá no processo quando grupos ou pessoas acreditam que possuem a verdade absoluta e que suas verdades devem ser impostas aos demais, os limites entre uma e outra são frágeis e relativos e a dificuldade de distingui-los também. No momento que vivemos uma reflexão feita no ambiente escolar chamou a atenção, com a Lei 10.639, passamos a ensinar História da África e falar em cultura afro brasileira, mas a dificuldade de se implantar essa discussão no ambiente escolar foi muito grande, os movimentos cobraram a implantação da lei, por um período o governo também cobrou das instituições, mas a resistência foi muito grande, chegou-se a ter grupos de educadores e alunos evangélicos que se recusaram a fazer determinados estudos e atividades e em muitos casos os educadores e escolas fingiam que não eram com eles a obrigação de introdução desses estudos no curriculum. Ocorreram casos de tolerância, onde a pessoa pode até discordar, mas aceita por determinados efeitos, houve casos de boicote explícito e luta contra a implantação dessas diretrizes e ainda casos de discriminação, onde alunos e professores que são de determinada religião, em especial de religiões de matriz africana que sofrerem discriminação dos colegas e professores, enfim, um terreno minado, cheio de reentrâncias que podemos ter dúvidas e colocar muitas aspas, mas creio que o principal seja discutir a liberdade religiosa²⁸.

Realizei uma enquete sobre o Candomblé no Ile Asé Affemojumó, a pesquisa foi realizada no ano de 2016 e foi desenvolvido um Formulário Google com um questionário no qual eles poderiam responder algumas perguntas abertas, sem necessidade de identificação e para as pessoas que não tinham acesso a internet entreguei um formulário escrito. Recebi o retorno de 23 pesquisas de um universo de 47 pessoas (número aproximado de pessoas no Ilê),

²⁸ Ver (MARIANO, 1999).

contando a enquete virtual pelo formulário Google e algumas que foram impressas para as pessoas que não dominavam a tecnologia, mas um detalhe me chamou a atenção quanto a enquete, as pessoas não gostam de escrever e creio ser esse um dos motivos que não recebi um número maior de adesões, e as que responderam, foram bastante sucintas em cada questionamento.

Em relação ao tema intolerância religiosa, existiam duas questões específicas na qual era perguntado se a pessoa havia sofrido algum problema referente a intolerância religiosa e outra se ela conhecia ou sabia de fatos que aconteceram com outras pessoas. Uma pessoa da casa de candomblé afirma, *“Não me sinto à vontade de expor livremente a religião que sigo. Percebo muito preconceito e falta de informação das pessoas em conversas informais.”*, o receio de ser discriminado ou sofrer algum ataque é uma constante nas entrevistas, como expõem uma outra informante *“Recentemente, fui abordada num ponto de ônibus por um evangélico que aos gritos, disse algumas palavras da Bíblia referindo-se a mim. Neste dia, eu estava com turbante e vestida de branco”*.

São relatos como esses que nos remetem às raízes desse tipo de atitude e no Brasil, podemos dizer que remontam do período colonial, mantendo uma relação direta entre poder político e econômico. No Brasil Colônia e Império, a religião oficial era a Católica e esta era garantida pelas leis daquele período, todo culto e propaganda religiosa que não fosse da Igreja Católica, ou seja, da religião Oficial do Reino, poderia ser punida se fosse professada, atos esses que atingiam em cheio os negros, escravizados, livres ou libertos, impondo a cultura ocidental e buscando desconstruir as referências culturais africanas. Mesmo com toda essa imposição os negros escravizados mantiveram suas manifestações culturais de muitas formas, principalmente no tocante a religiosidade, preservando a conduta, a cultura e a forma de ver o mundo, mas fazendo uma transformação para que pudessem professá-la. Segundo Roger Bastide (2001), mesmo existindo essa resistência da cultura africana, as religiões de matriz africana sofreram impactos do contato com outras culturas, sendo recriadas no Novo Mundo, tendo de se posicionar de diferentes formas de acordo com a região e de se adaptar aos diferentes contextos, acarretando no sincretismo com outras religiões.

O discurso de laicidade do estado vem com a República em 1889, quando escrevem que existe uma separação formal entre Estado e Igreja, na construção de uma outra relação na sociedade, mas isso foi um discurso para justificar uma ordem que não era nova e seguia os modelos europeus de criação de um Estado-Nação e de Era Moderna. Pilares como a moralidade, a ética, entre outras, onde apesar do discurso de uma sociedade laica, existe sempre a presença das estruturas religiosas no mundo do poder.

A Constituição de 1891, aboliu formalmente o conceito de religião oficial do Estado, mas na prática isso não aconteceu, pois, as religiões que tinham caráter diferenciado da Igreja Católica, continuavam a sofrer perseguições, discriminações e preconceitos. Sofreram mais ataques aquelas de possessão e de origem afro-brasileira, a farsa da liberdade religiosa concedida pelo Estado Republicano.

O Estado usa seus aparatos jurídicos e policiais, o controle sanitarista e “científico” para empreender ações repressivas contra as manifestações de origem africana. Teorias calcadas nas explicações raciais, eram usadas para fundamentar as ações racistas de perseguições. No código Penal vigente de 1890-1942, era previsto a punição ao crime de espiritismo Art. 157), ao crime de curandeirismo (art. 158) ao crime de vadiagem (art. 399) e ao crime de capoeiragem (art. 402), todos vinculados a discussão do que era proibido, ou seja, praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs, cartomancias, para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, fascinar e subjugar a credibilidade pública. A maioria das ações eram voltadas ao “controle” do curandeirismo, conforme aparece nos registros policiais, então a religião era caso de polícia? Sim era, principalmente o que para eles era considerado a “prática ilegal de medicina”, encontradas no candomblé, segundo Lima (2009)”

Na “macumba”, na “magia negra”, em todas as práticas relacionadas a população afro brasileira seja na religiosidade ou em expressões culturais como a capoeira. Esse controle social a partir do direito e das ações coercitivas trazem no seu bojo um julgamento moral que acusam as práticas diferentes da ordem estabelecida de maléfica” (LIMA, 2009, p. 9).

O contexto jurídico- policial, não é um acaso, mas uma intrincada rede de relações de poder usadas para manter sob “controle” todas as expressões que se afastam do poder vigente. São expressões brancas, masculinas e ligadas ao poder econômico, nos quais a cultura e a religiosidade afro brasileira representam um questionamento a lógica moral e a aplicação de vivências ligadas as forças da natureza e ao coletivo, contrariando a ordem por eles estabelecida e criando um espaço com uma memória cultural que quebra com essa ordem.

Segundo Muniz Sodré (1988):

O patrimônio simbólico do negro brasileiro (a memória cultural da África) afirmou-se aqui como território político-mítico-religioso, para a sua transmissão e preservação. Perdida a antiga dimensão do poder guerreiro, ficou para os membros de uma civilização desprovida de território físico a possibilidade de se “reterritorializar” na diáspora através de um patrimônio simbólico consubstanciado no saber vinculado ao culto dos muitos deuses, à institucionalização das festas, das dramatizações dançadas e das formas musicais. É o egbé, a comunidade litúrgica, o terreiro, que aparece na primeira metade do século dezenove (...) como a base físico-cultural dessa patrimonialização. (...) Os terreiros podem dizer-se de candomblé, Xangô, pajelança, jurema catimbó, tambor de mina, umbanda ou qualquer que seja o nome assumido

pelos cultos negros em sua distribuição pelo espaço físico brasileiro (SODRÉ, 1988, p. 50-51).

A cultura afro-brasileira sobrevive à perseguições e segue fortalecendo seu patrimônio simbólico e cultural, e os terreiros e locais de culto fazem parte dessa resistência, que de forma sincrética ou não, reforçam nesses espaços as formações e trocas culturais assumindo uma posição de lugar que oferece uma concreta organização de grupos, que cultuam, vivenciam e oferecem espaço para essa cultura sobreviver e isso incomoda a ordem e o poder vigente. Sobre isso Sodré (1988) argumenta que:

Fatos dessa ordem são importantes para a compreensão da cultura negro-brasileira, porque demonstram que os Orixás ou os voduns ou os inquices (Bantos) não são entidades apenas religiosas, mas principalmente suportes simbólicos – isto é, condutores de regras de trocas sociais – para a continuidade de um grupo determinado. “Zelar” por um Orixá, ou seja, cultuá-lo nos termos da tradição, implica aderir a um sistema de pensamento, uma filosofia, capaz de responder a questões essenciais sobre o sentido da existência do grupo (SODRÉ, 1988, p. 55).

Atualmente, os grupos que formam esses polos de resistência e fortalecimento da cultura, continuam sofrendo represálias e perseguições devido a preconceitos.

Leis que no papel consagram a liberdade de crença e de culto, na prática o embate é real, a Constituição de 1988, na qual é reiterado a laicidade do Estado, que é assegurado o direito de liberdade a qualquer culto ou religião. No artigo 5º, VI, dos direitos e garantias fundamentais, a lei consagra a liberdade de crença, a liberdade de culto e das organizações religiosas, outras leis fortaleceram a ideia de respeito e liberdade de culto, e tudo isso foi conquistado com muitas lutas ao longo da história com a mobilização de vários movimentos e organizações que depois de séculos de escravidão, exigiam a reparação e o reconhecimento do papel do negro na formação da sociedade brasileira. Contudo, a intolerância persiste, principalmente em relação as religiões de matriz africana.

O jurista Hédio da Silva Junior, advogado de várias instituições de religiosidade e cultura afro brasileira, aponta que essas organizações não conseguem a aplicação de leis que já existem e são utilizadas por diversas organizações religiosas católicas, neopentecostais e outras, pois a documentação e burocratização, não faz parte da cultura tradicional de matriz africana que é baseada em tradição oral e também, quando se refere a processos de espaços de culto afro-brasileiros a ordem estabelecida e o arcabouço burocrático emperra a maioria dos processos, Silva Junior (2002) afirma “na cidade de São Paulo ainda hoje nenhum templo de candomblé tem assegurada a imunidade tributária”, fato comum aos templos de outras religiões. Segundo o Pai Francisco, o Ilê Asé Afeemojumó está a um ano fazendo o pedido da imunidade tributária junto a Prefeitura do Município de São Paulo, mas a cada momento é um problema novo que a Secretaria da Fazenda do Município apresenta e a Casa tem que responder. Existem

ainda uma série de questões previstas em leis que na prática não funcionam, a seguir poderemos ler algumas dessas leis e verificar que com todo esse aparato jurídico, os casos de intolerância acontecem e mesmo quando são denunciados, não existe o devido acompanhamento para a apuração e punição dos culpados.

Para discutir a intolerância religiosa vivida pelos membros do Ilê e conseguir depoimentos quanto a isso, no ano de 2017, criei um formulário com um questionário para ser respondido pelas pessoas do Ilê Asé Afeemojumó, mas a adesão não foi o que eu esperava, tive a resposta de 23 pessoas, em um universo de 47 na época. Mesmo com o incentivo do Pai Francisco, as pessoas se mostraram bem resistentes a responder o questionário via internet. Era um questionário bem pequeno, com apenas três questões e alguns dados pessoais (APÊNDICE A).

Eu não tinha experiência em usar esses formulários eletrônicos, fiz todo um trabalho de convidar as pessoas a participarem, mas alguns alegavam que não gostavam de escrever, outros que não sabiam como fazer e alguns poucos disseram que não tinham tempo.

Mantive a mesma pergunta geradora das entrevistas e as demais perguntas eram sobre intolerância religiosa.

5.1 PERFIL DO GRUPO QUE RESPONDEU AO FORMULÁRIO

Um total de 18 pessoas, dentre elas oito mulheres e 10 homens. Em relação à pergunta sobre o tempo de iniciado, o local de nascimento e a etnia, as respostas podem ser vistas nas Figura 2, 3 e 4.

Figura 2 - Respostas sobre o tempo de iniciado

Fonte: Google Formulários. Pesquisa sobre intolerância religiosa - 2017

Figura 3 - Respostas sobre o local de nascimento

Fonte: Google Formulários. Pesquisa sobre intolerância religiosa - 2017

Figura 4 - Respostas sobre a etnia

Fonte: Google Formulários. Pesquisa sobre intolerância religiosa - 2017

Quanto aos demais cinco questionários, eles foram respondidos eram mulheres, sendo uma se auto declarou negra e quatro que se auto declararam brancas, uma nasceu na Bahia e as outras quatro em São Paulo, e tempo de iniciadas eram mais de 15 anos para todas elas.

As perguntas do formulário respondidas pelos adeptos do Candomblé, afirmações como a que temos a seguir são comuns, “*constantemente vemos casos e episódios relacionados à intolerância e ódio gratuito relacionados a religião. As religiões de matrizes africanas são alvos constantes de preconceitos e pré-julgamentos, fazendo com que as pessoas tenham ideias errôneas e propaguem informações erradas. Acredito que quanto mais informação as pessoas tiverem, mais esclarecidas serão e isso é fundamental para que o candomblé seja entendido cada vez mais.*”

A maioria das respostas afirma que existe a intolerância religiosa, que conhece alguém que sofreu algum tipo de ataque, mas quanto a eles próprios, poucos episódios foram relatados

e a maioria deles, não anda caracterizado com roupas da religião e não explicitam sua fé, existe um cuidado ao se expor publicamente, para não sofrer algum tipo de represália. Mas todos citam os ataques sofridos pelo Ilê Asé Afeemojumó, como se fosse um ataque pessoal. Segue alguns relatos, “... *Recentemente, fui abordada num ponto de ônibus por um evangélico que aos gritos, disse algumas palavras da Bíblia referindo-se a mim. Neste dia, eu estava com turbante e vestida de branco.*”, outra resposta diz o seguinte, “...*Não me sinto à vontade de expor livremente a religião que sigo. Percebo muito preconceito e falta de informação das pessoas em conversas informais.*”

Nos últimos anos, no Brasil e principalmente nas duas últimas décadas, observa-se o aumento de pessoas filiadas aos cultos neopentecostais principalmente aqueles que pregam uma “guerra santa” contra as religiões de matriz africana, que atacam no sentido de uma investida de fazer investidas públicas contra o outro, apesar de alguns casos de violência de fato terem acontecido em alguns terreiros. O “povo do santo”, como se auto intitulam algumas das pessoas que responderam a enquete, destacam que houve o acirramento da intolerância devido a uma forte pregação desses cultos, dizem eles, “*depois que mais de oito igrejas evangélicas foram abertas na rua onde moro, quando saio de roupa branca sou apontado na rua como filho do demônio...*”, conforme afirma Silva (2007, p. 10), “os casos de intolerância, antes apenas episódios e sem grandes repercussões, hoje se avolumam e saíram da esfera das relações cotidianas menos visíveis para ganhar visibilidade pública, conforme atestam as frequentes notícias de jornais que os registram em inúmeros pontos do Brasil.”

Muitos sacerdotes, sacerdotisas e adeptos das religiões de matriz africana, se sentem ou foram alvo de atrocidades cometidas por serem do Candomblé, da Umbanda, da Jurema, entre outras, um clima de inquietude cresce nesses meios e ao mesmo tempo uma necessidade de autodefesa.

Podemos pensar na justificativa para essa intolerância, pois os cultos neopentecostais que mais atacam as religiões de matriz africana, estão baseadas em argumentos com elementos separatistas, xenófobos que remontam o discurso que vem do sistema colonial brasileiro e do sistema escravagista, maneiras de ver “o outro” que foram usadas na construção da sociedade brasileira baseada na discriminação. O discurso da demonização dos cultos afro-brasileiros é uma das bases que dão sustentação as construções teóricas e práticas dos neopentecostais, segundo Macedo (2016):

O diabo, confundindo as pessoas, age com muito misticismo em rituais com as oferendas que exige. Costuma usar o número sete, usado por Deus na Bíblia, em uma flagrante imitação e desrespeito ao Senhor, Criador de todas as coisas... Na umbanda, há uma preferência muito grande por sangue, enquanto no Candomblé as ervas ocupam a preferência dos demônios. Diz-se que existem vinte e uma ervas principais, com as quais fazem os mais diversos trabalhos, misturadas com aves, peixes, caramujos, etc. Acredita-se que o segredo do candomblé está nas ervas. Na prática, devido à grande mistura, é quase impossível descobrir dentre os terreiros espalhados por aí quais são os de Candomblé, Umbanda ou Quimbanda. Misturam as práticas, as cerimônias e as oferendas. O que acontece, na realidade, é que os demônios fazem o que bem entendem no meio das pessoas que os consultam ou delas se tornam adeptas (MACEDO, 2016, p. 139-141).

Um fato desolador é que o Bispo Macedo, escreveu e divulga seu Livro Orixás, Caboclos e Guias, Deuses ou Demônios, esse livro foi motivo de processo judicial e depois liberada sua venda por liminar judicial, no ano de 1988, sua vendagem já havia chegado a três milhões de exemplares, segundo Vagner da Silva esse livro, é vendido dentro de suas Igrejas, mas consegui um exemplar com os fiéis do Templo de Salomão, sede da Igreja que funciona no Bairro do Brás, pois o mesmo estava sendo distribuído nas ruas do entorno, era uma quantidade imensa de livros e fiéis fazendo a distribuição gratuita e gritando contra os “demônios que estão na Umbanda e no Candomblé”, foi uma cena apavorante. Esse discurso do ódio ao outro acaba se entranhando na sociedade de uma forma que não temos controle, depois desse episódio fui visitar uma Igreja Neopentecostal da Universal do Reino de Deus perto de casa, e a demonização acontecia da mesma forma, chequei a ir várias vezes, mas em todas sempre o principal alvo era esse demônio que se materializa através dos Orixás e Guias, principalmente os Esús e “Pombagiras”. Macedo (2016) argumenta que:

Essas facções do espiritismo colocam sobre seus adeptos os mais pesados fardos, e receitam as mais estranhas “obrigações” para aqueles que procuram seus favores. Tais obrigações têm as mais diversas finalidades: matar, destruir casamentos, prejudicar a vida financeira, etc. Empregos, encontros amorosos, morte aos inimigos e coisas desse tipo são conseguidos em consultas com os exus ou pretos-velhos (MACEDO, 2016, p. 135-136).

Uma observação feita por Silva (2007) destaca que o desenvolvimento do neopentecostalismo que, distanciando-se do pentecostalismo clássico e aproximando-se da umbanda e de outras religiões afro-brasileiras, ainda que seja para nega-las, passou a produzir para seu próprio sistema o *ethos* da manipulação mágica e pessoal, mas agora sob nova direção.

Colocando o “direito” no lugar do “favor”. A base sociológica comum entre os pentecostais e umbandistas, que propiciava a “dupla resposta à aflição”, opostas e distintas, conforme apontada por Fry e Howe, muito provavelmente possibilitou o surgimento desta “terceira resposta à aflição”, que se apropria a seu modo das duas anteriores. Ou seja, o neopentecostalismo, ao “abrandar” o ascetismo, suavizando o estereótipo do “crente” do protestantismo histórico, passou a valorizar os prazeres terrenos e estimular o consumo de bens materiais como sinais de salvação (SILVA, 2007, p. 206).

Só que esses “prazeres” são uma dádiva de Deus e não do demônio, aquele que eles insistem em clamar para que saiam dos corpos das pessoas em seus rituais. Em uma das entrevistas a Ião de Iansã reflete o seguinte, “... *cheguei a ir numa dessas igrejas de crente, mas fui tão maltratada, me jogaram, me viraram, falaram muita coisa no meu ouvido, dizendo que iriam tirar o demônio que estava comigo, me senti um lixo.*”

Silva (2007, p. 226) ainda fala sobre os ritos de “expulsão dos demônios”, “... Os ritos de expulsão do demônio e cura (e muitos outros que veremos adiante) representam o retorno ao ritual mágico como uma dimensão crucial da prática da fé e dos mecanismos da salvação ou obtenção da graça.” Mas todo esse discurso e modo de processar esses rituais mágicos, suscitam o despertar que o outro não deve conviver, ele deve ser eliminado de todos os lugares, essa forma ajuda a criar condições para aflorar essa intolerância e preconceito e tem se tornado frequente, principalmente na periferia das grandes cidades, e São Paulo não é diferente.

A Iyawô de Iansã continua, “... *Moro em uma rua extensa na periferia da cidade e fui contar quantas igrejas funcionam nesse perímetro e tinha 18, só empatavam com a quantidade de bares, porque de resto, era a diversão da galera.*” Essa quantidade grande de novas igrejas abre um espaço para a participação da população mais carente em algum grupo ou coletivo e isso aparece como um grande fenômeno nessas regiões.

A Ebomi de Ogum, tem um exemplo interessante, quando faz o seguinte relato, “...*terminou a função na Casa de Candomblé e fui para minha moradia, vestida de branco e com a saia de ração, encontrei na rua um grupo de evangélicos que começaram a gritar para que o Senhor Jesus tira-se o demônio da rua, eu comecei a andar atrás deles e eles correram de medo.*” Essa ideologia do terror e do medo faz com que as pessoas se desrespeitem na rua, nos condomínios e em todos os lugares.

Ainda segundo Macedo (2016), em outra passagem de seu livro quando fala dos adeptos do Candomblé,

Acompanhada por seu marido, foi aconselhada a ficar sozinha para ‘fazer a cabeça’”, a fim de ficar livre do problema. Depois de vender seu apartamento, para pagar a “obrigação”, ficou recolhida no mesmo terreiro de Candomblé por mais de sessenta dias, Ali fez o Bori: precisou raspar a cabeça, tomar banho de sangue de animais e ficar dentro de um cômodo (roncô), dormindo em uma esteira, coberta de moscas, baratas, ratos etc. Na verdade, enquanto aquela senhora “fazia a cabeça”, estava se submetendo à escravidão de Satanás; dando lugar para que os exus, caboclos, pretos-velhos e toda sorte de demônios pudessem se apossar do seu corpo, para usá-lo como bem entendessem (MACEDO, 2016, p. 137).

Parte da interpretação do discurso defendido por eles é analisado por Ricardo Mariano (1999):

A perspectiva dualista, a interpretação bíblica que hipertrofia a relação agonística entre Deus e diabo e a defesa contumaz do resgate e da difusão de crenças e práticas do cristianismo primitivo, em especial das práticas mágicas e taumatúrgicas identificadas com o ministério terreno de Cristo, constituem as principais razões e justificativas pentecostais para: 1) disseminar a crença na ação e no poder maléficos do diabo e dos demônios sobre a humanidade; 2) realizar rituais exorcistas; 3) evangelizar tendo como foco a missão concomitantemente conversionista e salvacionista e de combate às forças demoníacas e a seus agentes e representantes terrenos. Em suas doutrinas, tais missões são indissociáveis (MARIANO. 1999, p. 129-130).

Esses argumentos trazem as justificativas que oferecem sentido aos ataques efetuados a adeptos e templos das religiões de matriz africana, segundo Silva (2007) a “...teologia assentada na ideia de que a causa de grande parte dos males deste mundo pode ser atribuída à presença do demônio, que geralmente é associado aos deuses de outras denominações religiosas (...) o panteão afro-brasileiro é especialmente alvo deste ataque (SILVA, 2007, p. 11).

Com a disseminação de discursos que precisavam de culpados para as mazelas vividas, nada como “requentar” uma fórmula utilizada em outros tempos em nossa sociedade, como o ódio ao diferente, são teorias de fácil assimilação pelos fiéis frequentadores das igrejas e locais de culto, são esses resquícios do discurso colonial e escravagista que assume a lógica do preconceito, do racismo, do machismo e que coloca o outro em uma condição não humana, ou pelo menos não mesmo patamar de humanidade que os fiéis da igreja e com a assimilação que poderiam dar a esses “outros” um tratamento inferiorizado e subalterno. Esse discurso de certa forma, foi naturalizado e como foi feito com o escravizado e depois com o liberto, o tratamento como subalterno e inferior foi marcante no discurso construído para justificar essa intolerância. O ethos cultural afro-brasileiro, com seu ritmo, sua dança, seu corpo, sua espiritualidade está entre as raízes da sociedade brasileira devido a toda nossa herança e ao mesmo tempo um contraponto com um padrão branco que coloca as religiões de matriz africana como “primitivas, bárbaras e atrasadas”, e principalmente o desconhecido que gera o medo do outro, o medo daquele eu não conheço. É muito comum convidar alguém para uma festa de Candomblé e a pessoa dizer que tem curiosidade, mas também tem medo de ir, uma das respostas do formulário, afirma, “*eu já tinha ouvido falar em Candomblé, mas tinha medo, muito medo de ir a uma atividade e não poder sair mais de lá, minha tia falava que ali morava o demônio que se chamava Exu e ele era muito perigoso, ela era evangélica e não entendia nada do que estava falando, mas por muito tempo isso ficou na minha cabeça...*”, depoimentos como esse são comuns no dia a dia dos adeptos de Candomblé, pois esse imaginário social e cultural está arraigado nos discursos para justificar essa intolerância.

Mas quando a expressão cultural afro-brasileira transpõe os muros do terreiro, através do carnaval, das telenovelas, das comidas, das músicas e percussões, muitas vezes passam

desapercebidas e outras devido a esse crescimento do discurso neopentecostal, começam a ser combatidas. Exemplo disso, são as tentativas de tentar descaracterizar a cultura afro descendente, criaram a “capoeira de Jesus” ou tentaram transformar o Acarajé em “bolinho de Jesus” e outras ações que procuram manter a ação e desvincular da matriz africana.

A partir dos anos 2000 muitas ações foram realizadas para a diminuição do racismo e inclusão de negros e negras na sociedade brasileira, foram processos de organização social, cultural e político, que tinham como principal foco valorizar a discussão pelos direitos e reconhecimento étnico raciais, construindo uma agenda nacional para diversos estágios da sociedade brasileira onde a discussão e, principalmente as ações, voltadas para a inclusão do negro na sociedade brasileira avançaram ou retrocederam. No contexto atual a sociedade brasileira é convidada a travar um sério debate a respeito das relações étnico -raciais, colocando-as na agenda nacional, muito embora setores conservadores da sociedade brasileira não queiram enfrentá-lo. Este debate poderia ajudar para que se possa pensar a inclusão de políticas públicas em todos os quadrantes da vida ativa de seus cidadãos e cidadãs. Este debate vem sendo travado com alguma dificuldade.

A pesquisa observou que no pequeno universo de um Ilê, medidas são tomadas para amenizar os problemas envolvendo a intolerância religiosa, como no nosso Estudo de Caso, além de toda reforma no Ilê Asé Afeemojumó, buscando maior proteção e sigilo para as atividades da Casa, a necessidade de formalizar a instituição se fez necessário, pois a avaliação feita era que se a documentação existisse e estivesse tudo de acordo com a leis que regem as ONGs, qualquer tipo de denúncia ou abordagem policial poderia ser rebatida através dessa organização institucionalizada. Segundo o Pai Francisco, *“...hoje em dia, a gente precisa ter uma organização jurídica, precisa de respaldo de apoio, antes não precisava de tudo isso, era mais fácil. Dependendo do bairro, quanto mais longe, mais tranquilo, menos problemas para tudo, para dar banho, para fazer ebó. Mas mesmo assim as vezes ocorria da polícia invadir a Casa, levavam ou furavam os atabaques e ainda levavam todo mundo para delegacia de roupa de santo e tudo...mas eu não cheguei a pegar essa época, peguei só um pedacinho.”* Perguntei como foi a criação da ONG, ele responde, *“...conversamos na Casa que tinha essa necessidade e fomos procurar informações para ver como era, através de uma filha da Mãe Juju que é Deputada Estadual, tivemos o auxílio para fazer a formalização, o escritório dela dá assistência aos terreiros que precisam, escrevemos o estatuto, a ata e compreendemos a importância de ter uma Casa regulamentada, se você não tem uma documentação, não tem CNPJ é muito perigoso, porque pode responder por charlatanismo, hoje por exemplo, estou*

apto a fazer casamentos, batizados, celebrações com legalidade civil, não é só religioso, a casa pode receber doações”.

Mas a problematização quanto a isso é outra, pois independente de criação de ONG ou de ter um Estatuto, está previsto na Constituição Federal de 1988, que o Estado é laico e que existe a liberdade de culto, mas em alguns casos como o pesquisado esses mecanismos ficam em “xeque”, pois apesar de existir juridicamente a liberdade de culto, na prática, os Terreiros precisam de outros aparatos para sobreviverem e se protegerem. Mesmo quando as leis não eram tão explícitas quanto a liberdade de culto, existia o direito costumeiro que na ordem jurídica era visível, já que o costume, era praticamente a única forma de expressão do Direito como um reflexo de condutas sociais.

O Ilê Asé Afeemojumó, além de criar a instituição jurídica, passou a tomar mais precauções, para realizar as iniciações e obrigações, precisam fazer o “recolhimento” dos adeptos, ou seja, realizando sua iniciação e para isso tendo que ficar em torno de 16 dias reclusa no Ilê, fez com que “termos de responsabilidade” fossem desenvolvidos e para passar por qualquer ato de iniciação ou confirmação de ritos, elas devem assinar esses termos, que tem como objeto principal, certificar que a pessoa está lá de livre e espontânea vontade, essa orientação foi feita por um importante jurista que visitou a Casa, o Doutor Hédio Silva, conforme nos conta o Pai Francisco, “...o Dr. Hédio veio num toque de Orixá aqui no Ilê e nos orientou fazer as declarações para as pessoas que vem “fazer o santo”, porque se alguém passa mal, ou a família faz algum tipo de denúncia, a Casa tem um documento falando que a pessoa está aqui de livre e espontânea vontade, alguns terreiros foram denunciados por maus tratos, formação de quadrilha e não tinham como se proteger”.

No caso de crianças, as coisas são um pouco mais complicadas, pois pede-se a assinatura de pais e mães declarando a intenção de iniciação da criança e o Babalorixá só “recolherá” a iniciante criança, se um dos responsáveis se recolher junto.

Uma reflexão feita em vários momentos nas conversas informais, é que se fosse na cultura africana, esse tipo de burocracia não seria necessário e que a sociedade estaria completamente envolvida nesses momentos individuais, mas que pertencem ao coletivo e com a configuração que se deu essa organização no Brasil, acaba sendo algo que de certa forma, só pode acontecer por detrás dos muros, escondido dos olhares, a margem dessa sociedade. Para Mãe Camila, “...o Candomblé é uma religião de sofre muito preconceito, então você “ toca o tambor” e as pessoas já falam que é “macumba”, você acaba sendo obrigada a “tocar” em um certo horário para não dar problemas com a polícia” , você é obrigada a esconder os bichos para não dar problemas com as pessoas que não sabem o que está acontecendo, criam

problemas porque não querem entender e aceitar nossos costumes, porque temos que fazer as coisas escondidas?”

Como travar um debate étnico-racial em lugares onde não se pode andar com os fios de conta, não se pode aparecer com a cabeça raspada, não se pode falar que professa o Candomblé como religião.

Nas conversas informais, isso aparece diversas vezes, as pessoas preferem falar que são espíritas para não sofrerem olhares de reprovação, falam até que são católicas para preencherem uma ficha de emprego ou de curso, conforme relata uma filha de santo, *“fui fazer um curso de corte costura e havia uma pergunta sobre qual era minha religião, por um segundo parei e pensei... ora veja se isso é algo que deve ser perguntado... no outro momento pensei em falar católica ou espírita, mas na real escrevi candomblé e fiquei olhando a cara do entrevistador... para ver se ele arregalava o olho, ele parou deu olhadinha no papel e outra em mim, não imagino o que passou pela sua cabeça... mas não falou nada, mas era como se eu lesse o que sua mente estava pensando através de seu olhar, são momentos como esse que eu aprendi a reafirmar minha ancestralidade!”*

Esse tipo de atitude, parece acontecer sempre na vida de um adepto de Candomblé, pois na maioria das conversas aparecem certos embaraços, perguntas preconceituosas ou olhares de reprovação.

A intolerância está no dia a dia das pessoas, mas a partir da massificação das redes sociais, muitos casos foram amplificados, seja para uma denúncia ou para processos discriminatórios. O movimento negro vem colocando muitas matérias, posts e denúncias sobre como se dá esse preconceito, mas também, encontramos o contrário, em páginas e grupos muitas piadas discriminatórias que “viralizam” nas Redes Sociais e as vezes as pessoas acham graça, mesmo sendo piadas com conteúdo machistas, racistas, discriminatórios e voltados para todo tipo de intolerância. A naturalização dessas ideias acaba reforçando esses estereótipos. Observa-se que mesmo dentro da Casa de Candomblé existe a reprodução desses valores, quando iniciamos a pesquisa os adeptos que frequentavam a casa tinham um perfil mais voltado para classe média, na sua maioria brancos em alguma conversa ou brincadeira, aparecia algum conteúdo discriminatório, ao longo de três anos de pesquisa, esse perfil começou a mudar, mais negros se iniciaram e pessoas com algum tipo de militância social ou cultural, isso traz ao perfil dos integrantes da Casa, uma nova conformação, onde acontece a diminuição de piadinhas, a exigência de mais engajamento em atividades contra o preconceito e intolerância, uma entrevistada diz o seguinte, *“às vezes eu fico incomodada com algumas piadinhas machistas e*

preconceituosas, costumo responder na hora, mas eu acabo virando a chata, a que não aceita brincadeiras, mas de verdade, não aceito mesmo brincadeiras desse tipo.”

O Candomblé já foi considerado uma religião étnica, de pessoas pobres e negras, possuindo grupo social bem definido, conforme afirma Reginaldo Prandi (1999, p. 92 e 93), ele mesmo cita que hoje a religião é considerada Universal, pois é aberta a todos, independentemente de cor ou situação econômica. Para Pierucci (2006) a partir da década de 1960, a classe média, principalmente a intelectualizada começa a chegar nos terreiros.

Mais que adeptos, o Candomblé traz no seu funcionamento os clientes, que são pessoas que procuram o terreiro para uma consulta com o jogo de búzios, um banho ou um ebó (limpeza), que são considerados serviços mágicos, mas essas pessoas na muitas vezes não se expõe no grupo, elas são atendidas com hora marcada e de preferência sem muito contato com os demais clientes. Em muitos casos, apesar dessa manipulação mágica procurada, a relação é normalmente esporádica e voltada para a busca de soluções para seus problemas individuais imediatos, considerando o terreiro como um espaço para solução de conflitos e uma ação efetiva. Nas respostas que obtive, é comum as pessoas traçarem o caminho dentro do Candomblé através da relação que tem com alguém que frequenta ou é filho de santo do terreiro, que o leva para resolver seus problemas em busca de alívio imediato das suas aflições através de serviços mágicos e que com o passar do tempo acaba se aprofundando na relação com a religião, inclusive chegando a iniciação. Algumas dessas pessoas falam que ao se filiar ao Candomblé, tiveram que dar satisfação a família e a pessoas próximas que não entendiam como ela “poderia viver dessa forma”, a busca por serviços mágicos, até pode ser tolerada, mas fazer parte como adepto é diferente na visão de parentes, amigos e vizinhos, que por vezes questionam a dedicação de tempo ao Terreiro.

A pesquisa pode perceber que alguns fazem sua iniciação nas férias, ou em algum período de desemprego, para estarem com seus cabelos um pouco maiores para o regresso ao mundo do trabalho ou escola e evitarem os olhares de censura. Em outros casos, quando ainda estão de “preceito” e comem com colher de pau, dormem na esteira e usam roupas brancas, também são questionados pelas pessoas os observam, o Iyawó do Oxóssi conta o seguinte episódio, *“minha sobrinha no interior, achou estranho eu sentar no chão, em uma esteira para comer, com um prato branco e uma colher de pau, ainda tinha que cantar antes de começar a comer ao término, aquilo para ela foi super pitoresco, e ao final do preceito, ela já estava cantando comigo, os adultos achavam aquilo um tanto absurdo, um Tio me falou que ninguém estava vendo que eu viesse para mesa para comer junto com eles, eu respondi, eh... Orixá*

sabe!”. Alguns iniciados dizem que essas observações não passam de curiosidade e outros afirmam que são reações preconceituosas em relação à religião.

Uma série de movimentos sociais contra a intolerância religiosa, vem se articulando nos últimos 10 ou 12 anos, as pessoas que professam as religiões de Matriz Africana, começaram a sair às ruas para reivindicar o espaço dentro da sociedade, mas também ocorreram movimentos contrários como pôr exemplo a Marcha para Jesus que reúne milhões de pessoas.

Um movimento começou a articular os povos de terreiros para o combate a intolerância e ao preconceito foi o Águas de São Paulo, cujo os representantes do Ilê Asé Afeemojumó participaram do primeiro, que foi a lavagem da Estátua da Mãe Preta no Largo do Paissandu, como forma de “colocar a limpo” todo passado de escravidão, esse movimento foi capitaneado Iyalorixá Edélzuita de Oxaguiã , com o objetivo de “promover a cultura de paz, liberdade religiosa e preservação das tradições africanas, além de denunciar atos de preconceito e de vilipêndio a laicidade garantida na Constituição Federal. Aglutinando as comunidades tradicionais de matriz africana da cidade de São Paulo, o movimento começou a promover uma série de atividades culturais com a finalidade de visibilizar a cultura afro e sua ancestralidade”, segundo o site: <http://www.aguasdesaopaulo.org.br/associacao>, da própria Associação.

Segundo o Pai Francisco, “... *fomos no primeiro e quando o evento fez 16 anos estamos de volta, para lutar pela liberdade de cultuar nossos Orixás...*”

Fotografia 134 - Atividade Águas de São Paulo- 16 anos de luta - 08/10/2016

Fonte: A autora

No ano de 2018, os Filhos de Santo do Ilê também foram marchar contra a intolerância, apesar de todos os anos alguns irem isoladamente, neste ano ocorreu uma organização coletiva para essa participação. Segundo a Iaô de Iansã, foi muito importante estar no movimento com os meus irmãos mais velhos e mais novos, isso dá mais força para a religião.

Fotografia 135 - Marcha contra intolerância religiosa, ogãs, equedes, ebomis, iyawôs, abians, lutando pelo seu Asé - 08/08/2018

Fonte: A autora

Podemos concluir que a intolerância de natureza religiosa e racial, é uma das faces que o racismo aparece em nossa sociedade, e esse arcabouço de conceitos se vale do judiciário para se legitimar. Os programas televisivos que adentram dia e noite a casa de milhões de brasileiros, ridiculariza, satanizam e desqualificam as religiões afro brasileiras.

Um dos grandes ataques sofridos por essas religiões é quanto ao sacrifício de animais, mas esse é um elemento central dos cultos de muitas religiões, inclusive das afro brasileiras, mas também são encontradas no judaísmo e no islamismo. A alimentação ritual e coletiva é um dos pilares do culto religioso. Mas a pesquisa pôde observar que esse questionamento recai sobre as religiões de matriz africana e as pessoas que professam essas religiões, pouco querem comentar o que acontece dentro dos terreiros, pois além de tudo fazem parte dos segredos rituais, não interessando ao público externo, mas com a judicialização da sociedade, as denúncias de maus tratos, acontecem comumente em todos os lugares do Brasil.

6 CONCLUSÃO

Quando comecei a pensar os caminhos que essa dissertação poderia percorrer, imaginei o que poderia e não poderia ser escrito, pois um dos pilares do Candomblé são os segredos, por diversas vezes ele é citado no cotidiano dos entrevistados e faz parte do Asé, pois movimentava essa parte dinâmica da religião, o segredo é força. Eles vão se descortinando ao longo da trajetória do adepto dentro da Casa de Candomblé e dentro da hierarquia ocupada por ele. Segundo o antropólogo Vagner Gonçalves da Silva em seu texto Segredos do escrever o Escrever dos segredos. Reflexões sobre a escrita etnográfica nas religiões afro-brasileiras:

Os pesquisadores das religiões afro-brasileiras enfrentam dilemas específicos, além das dificuldades gerais de transposição da experiência de campo para o texto, pois ao observar rituais ou obter informações através de entrevistas, formais ou informais, inevitavelmente, esbarram em parcelas de um conhecimento considerado, em algum nível secreto. Entretanto, o segredo dessas religiões é menos uma questão de “conteúdo” de informações específicas e mais de controle de acesso dos religiosos aos fragmentos dos conhecimentos litúrgicos com os quais se pode sistematizar o corpus religioso de uma forma legítima. Ou seja, o segredo opera como uma estrutura de termos de significação variável que se definem por oposição e contraste, em meio às relações de poder e concorrência existentes entre os membros dos grupos religiosos e destes entre si. Por isso, o conhecimento nessas religiões enfatiza sobretudo os contextos performáticos da fala: quem fala, para quem fala, o que, quando e onde se fala etc. E utilizar os discursos dos religiosos (que contém “segredos”) na produção das etnografias desconsiderando as complexas relações contextuais em que foram produzidos pode levar o etnógrafo a produzir reificações dos conteúdos desses discursos (SILVA, 2015c, p. 274)

Li e reli esse texto, pensando em como fazer a etnografia dos ritos sem atravessar a fronteira do segredo, pois dentro da hierarquia do Candomblé ocupo uma função que é de Equede e Mãe Guardadora dos Segredos (um cargo no Ilê), mas no início imaginava como respeitar os segredos e fazer a etnografia. Apesar de muito se achar escrito em livros e basta dar uma olhada nas Redes Sociais para ver diversas informações, mas essa interdição era minha, em respeito ao Ilê ao qual faço parte, aos Orixás que carrego e ao meu Pai de Santo que tanta confiança deposita em mim.

Comecei a pensar que muito se escreve sobre os ritos, mas pelo que pude notar na literatura voltada para o Candomblé, pouco encontrei sobre os sentimentos das pessoas que passam pelos ritos, como é entregar seu corpo e sua mente para algo que possui tantos segredos? Quais as sensações de entrar pela casa de Candomblé e saber que de alguma forma você irá sair diferente, nem que seja apenas por um cabelo raspado?

Fiquei pensando como seriam os sentimentos das pessoas quando se preparam e começam a realizar seus caminhos para iniciação, não queria falar como eram feitos os atos, os movimentos, as rezas, mas falar de como aqueles seres humanos vivenciam esses ritos, e foi

nesse momento que acreditei que poderia fazer essa a forma de descrever essas sensações. A próxima dificuldade era conversar com o Babalorixá e receber uma autorização para que eu pudesse dentro desse turbilhão de vivências, relatar algumas coisas, entrevistar as pessoas dentro do Ilê, filmar, fotografar e fazer algumas análises sem que isso passasse necessariamente pelo seu olhar, porque queria a liberdade da pesquisa, o que depois do projeto exposto ele aceitou e me disse que confiava em minha habilidade para não expor a Casa. O outro desafio seria conversar com algumas das pessoas que estariam se iniciando, para que me autorizassem acompanhá-las, e por sorte tivemos um barco pequeno com duas iniciadas que permitiram o acompanhamento dessa vivência através de observação, entrevistas, fotos, filmes. Acompanhei os preparativos, entrevistei elas na chegada a Casa de Candomblé para a iniciação, fiz uma entrevista no dia que elas chegaram para a iniciação, durante todo processo pude ficar como observadora e ao final do processo após a saída novamente me proporcionaram uma entrevista. Depois existe um período de preceito que acontece depois da saída da casa que no caso delas foi de 28 dias, e ao final desses dias o Iyawô vem até o Ilê e através de outro rito é liberado para retomar sua vida normal, também realizei uma entrevista nesse momento e outra quando elas completaram um ano de iniciação.

No caso a Iyawô de Oxum, fiz mais uma entrevista quando ela levou sua filha de 9 anos para se iniciar e colhi depoimento de seu companheiro que não é iniciado. Muitas foram as entrevistas, retratos, observações participantes, e tenho muita dificuldade para expressar nesta etnografia, pela quantidade imensa de dados. Às vezes eu tinha um sentimento que estava invadindo um espaço que não era para eu estar observando e sim vivenciando, mas ao longo da pesquisa experimentei estar nos dois lugares, o da Equede e da pesquisadora. Me lembro de alguns momentos que estava fotografando ou filmando e alguém “virava no santo”, largava a máquina e saía correndo para cuidar do Orixá, foram tantas experiências que acho interessante relatar aqui esses sentimentos. Mas depois fazendo um balanço, a Equede sempre se sobrepôs a pesquisadora, pois se por um segundo eu pudesse escolher como atuar no momento, eu nunca deixaria um Orixá ou um Filho de Santo precisando de ajuda.

Nesses estudos as imagens foram preponderantes para sua realização, e o acervo colhido se tornou imenso, mas não poderia colocá-lo completo, devido a isso, selecionei algumas fotografias para serem apreciadas e que carregassem informações para o estudo, segundo a professora Sylvia Cayubi Novaes (2015, p. 14) “...Além de técnica de registro de dados mais especificamente visuais, da cultura material e do comportamento, posteriormente a fotografia que passou a ser muito utilizada por antropólogos como elemento de troca na pesquisa, ou como modo de dar visibilidade às pessoas que nossa sociedade insiste em tornar visíveis.” Foi um

pouco isso que aconteceu ao longo da pesquisa, realizei um Ensaio Fotográfico, no qual as pessoas que estavam arrumadas para a Festa de Candomblé, entraram num pequeno cenário e posaram, com seus olhares, sorrisos, brincadeiras, inclusive com sua timidez, mas todas que quiseram se sentiram participantes, e para elas devolvi essas imagens como forma de álbum na Rede Social do grupo, algumas dessas fotos estão nos retratos contidos na dissertação. Muitos registros realizei ao longo das Festas de Orixás, e alguns dentro de espaços mais privados, acompanhando alguns ritos.

Foram nas Festas, onde o canto, o toque, as rezas, os objetos liberam essa força mítica, que mais registros pude realizar, o Candomblé pode ser festa, pode ser espaço de encontro, pode ser religião e religiosidade, mas na visão de mundo do “povo do santo” é o momento onde tudo acontece.

As histórias se confundem em alguns momentos, a minha com a dos membros do Ilê, algumas vezes terminamos as entrevistas chorando, outras nos abraçando, mas sempre com muito carinho, sendo esse afeto que aparece nas linhas e palavras escritas e nos registros fotográficos.

Nossa sociedade descende dessa matriz africana, mas existe um preconceito muito grande em relação a ela e quando falamos do “povo do santo”, estamos falando de microcosmos recriado que possui características importantes e representam o centro dinâmico no processo civilizatório negro no nosso país, são comunidades que mantiveram vivas várias referências da cultura vinda do território africano e mesmo que as pessoas que vieram trazidas pela diáspora, tenham perdido sua referência direta com a ancestralidade africana, o Terreiro, passa a ser esse lugar de recriação e transmissão de valores.

Tomando como base os grandes centros urbanos, nessa recriação perde-se a ligação ancestral que as etnias tinham no Continente Africano e as filiações passam a ser desenvolvidas a partir de ritos, oralidade e vivências, coisas que não necessariamente aconteciam originalmente, mas que se tornaram primordiais para a construção desse sagrado como foi conhecido na pesquisa, para o professor Reginaldo Prandi, a religião deixa de ser uma expressão étnica e passa a ser de todos. Um aspecto de relevância é a universalização dos mitos e dos ritos e sua estética atravessa os muros do terreiro, com sua alimentação, dança, música e forma de viver, são os “pedacinhos afro descendente”, que são mantidos pela tradição oral, mas com diversas influências tecnológicas e de escrita.

A Casa de Candomblé, também chamada de Ilê, de Roça, de Terreiro, são comunidades religiosas com vida social, atividades sócio econômicas, políticas e culturais, que na maioria das vezes, estão nas periferias e localizados à margem dos centros urbanos.

A pesquisa acontece a partir de um estudo de caso em uma Casa de Candomblé denominado Ilê Asé Afeemojumó, o Ilê que fui iniciada. Uma casa ligada a nação Keto, que fica na cidade de São Paulo, próxima ao centro expandido da cidade, em uma região considerada de classe média, com um imenso crescimento imobiliário, na qual vários edifícios foram construídos nos últimos 15 anos, perto de três estações de metrô, sendo que essa configuração da cidade expulsa o diferente de seu espaço, não se pode tocar tambores, não se pode cultivar elementos da natureza, não se pode fazer sacrifícios, não se pode ser criança ligada a religião, todos esses “nãos” aparecem nas entrevistas que foram realizadas com membros do Ilê, chegando ao ponto de jogarem ovos, tomates, pedras e de deixarem bilhetes na caixa do correio fazendo ameaças. Com toda essa reação, a Casa de Candomblé e as pessoas, precisavam ser protegida, pois até seus segredos estavam ameaçados, pois a proximidade dos edifícios fazia com que o quintal onde eram realizados vários ritos, pudessem ser observados, filmados e atacados.

Os membros do Ilê avaliaram e acharam como uma possível solução, realizar uma grande reforma onde a Casa de Candomblé deveria ir para a rua de trás, mais escondida, menos visível em todos os sentidos, inclusive seria criado um espaço para o Barracão, onde nada pudesse ser observado “pelos de fora”, e isso realmente aconteceu a partir de 2013, a cidade e seu crescimento impunham mudanças para que ocorresse a salvaguarda do segredo e da intimidade. Todo o lugar foi mudado, e a pesquisa pode acompanhar como isso se realizou através das imagens e dos relatos do “povo do santo” daquela Casa. As pessoas questionaram que esse tipo de atitude só foi necessário devido ao preconceito e intolerância, porque o Ilê já existia quando os prédios foram construídos, mas mesmo assim quem teve que mudar seus hábitos e espaço físico foram eles. As pessoas também frisam que a casa ficou mais aconchegante, mais preparada para as recepções e festas e que espaço é disponível para as “coisas do Candomblé”, mas também para as festas particulares, para palestras, cursos, entretenimentos, espaço para os mais variados encontros. O espaço tem como missão, acolher os encontros das mais variadas formas.

No caso das atividades ligadas à religião, procuram fazer as festas até no máximo as 23:00 horas para não receberem denúncias sobre perturbação da ordem e proteger o Ilê, mas quando a festa é particular não importa o horário, pois não atinge o Candomblé e são atividades de foro íntimo, não tem como a polícia tentar invadir sem um mandato, essa diferença de atitude se baseia na forma com que as Casas de Candomblé podem ser tratadas, a partir de atitudes discriminatórias e preconceituosas. Na mesma rua, existe uma Loja Maçônica e ao final dela existe uma Igreja Católica, que inclusive no mês de junho, fecha a rua para fazer sua festa

junina, com som, dança, comidas típicas e jogos, mas não existe o questionamento dos prédios sobre a festa da Igreja, ou sobre a quantidade de carros que fecham a travessa. O único questionamento e ameaças acontecem ao Terreiro de Candomblé.

Na travessa onde está a entrada do Ilê na atualidade, acontecem trânsitos entre as três expressões religiosas citadas anteriormente, eles se juntaram para resolver um problema de enchente que acontecia devido a uma galeria de águas, indo na prefeitura e fazendo abaixo assinados para buscar a solução. Mais trânsitos acontecem em rituais de casamentos, batizados e até falecimentos. A pesquisa pode observar que esses trânsitos vão além da territorialidade, também várias pessoas de outras religiões procuram o Jogo de Búzios e os serviços mágicos para seu atendimento individual, o caso mais interessante que nos foi contado, se refere à iniciação de um padre que passou por todos os ritos, mas não deixou a Igreja Católica, o pessoal do Ilê avalia que ele tinha interesse em conhecer os segredos e por isso se submeteu aos ritos. Em relação a Casa de Candomblé, esse trânsito é tranquilo porque essa iniciação não impõe a saída dele da outra, é uma questão de foro íntimo.

O caminho das passagens e trânsitos que o estudo observou, pensando como o Candomblé entrou na vida das pessoas podem ser descritos da seguinte forma:

- a) Catolicismo ____ Espiritismo ____ Candomblé
- b) Catolicismo ____ Umbanda ____ Candomblé
- c) Catolicismo Rural ____ Candomblé
- d) Catolicismo Urbano ____ Candomblé
- e) Umbanda ____ Candomblé
- f) Kardecismo ____ Candomblé
- g) Outras ____ Candomblé
- h) Candomblé ____ Igrejas Neopentecostais

Nas entrevistas, a passagem mais constante e explícita, foi a Umbanda, quase a totalidade das pessoas entrevistadas tinham uma vivência contundente dentro da Umbanda e consideravam que estar no Candomblé era um caminho natural para quem frequentou a Umbanda. As relações entre as duas religiões de matriz africana, aparece de maneira tranquila, onde alguns iniciados no Candomblé pontualmente vão a um Terreiro de Umbanda e “passam” por um caboclo ou preto velho, e o contrário também é verdadeiro, muitas pessoas que professam a Umbanda frequentam as festas de Candomblé sem serem iniciados ou terem a vontade de se iniciar. Em outros casos, algumas pessoas citam que às vezes frequentam a missa

de uma Igreja Católica, sem o menor problema por ser do Candomblé. A conclusão que a pesquisa pôde chegar, foi que quando esses trânsitos ocorrem, existe uma verdade para o adepto, que o Orixá está com ele e que não existe interdito quanto a participação em outras religiões, essa mistura que existe no Brasil, se reforça na convivência social e cultural.

O espaço do Terreiro, vai muito além do sagrado/religioso, também é um importante polo de resistência cultural e um espaço coletivo para as mais diversas manifestações e festas. No Ilê estudado, foi encontrado festas de todos os tipos e todos os membros que quiserem utilizar o espaço podem fazê-lo, reuniões de estudo, ensaios de grupos de teatro, espaço para ginástica, ensaios musicais, aniversários, batizados, bingos, shows, campeonatos, enfim todas as formas de aglutinação de pessoas, é um lugar onde o coletivo é incentivado e utilizado democraticamente por quem precisa, segundo o Pai Francisco, “... o Barracão está aí e é para ser usado para oque precisar e quem precisar!”, essa forma de pensar e agir, faz com que a Casa de Candomblé, seja frequentada por pessoas que vão além dos iniciados e clientes, chegando ao ponto dele emprestar o espaço para seus filhos de santo atenderem seus próprios clientes.

O Ilê passou pela legitimação jurídica no ano de 19/05/2016, com a criação da ONG Associação Religiosa, Beneficente e Cultural Ilê Asé Afeemojumó, que foi uma forma de proteger o lugar e as pessoas que estão frequentando esse espaço. Oque chama atenção, são as alterações trazidas por essa “legitimação”, os Ilês são obrigados a criação de uma instituição jurídica e diminuindo a eficácia da própria argumentação de leis maiores e do direito costumeiro, mas também é um sonho de empreender novas formas organizativas ao grupo, a vontade de trazer novos conhecimentos através de cursos, hortas comunitárias, ensino de percussão.

Lá é um lugar do aprender, e isso acontece desde que a pessoa começa a frequentar aquele espaço, a educação para as práticas se dá através de vivência, repetição, observação, oralidade, corporeidade, onde o sagrado e o profano se encontram de maneira natural na vida daquelas pessoas e dentro daquele lugar, na construção do “Asé” daquela Casa. Esses conceitos não são separados dentro do Ilê e nem precisam ser, pois no mesmo local aonde acabou de acontecer uma Festa de Orixá, acontece um Samba de Roda e podem ser as mesmas pessoas a participarem dos dois eventos e sempre é permitido agregar mais gente, segundo o Babalorixá. O sagrado fica guardado nos pequenos detalhes, em uma árvore, um quarto, uma quartinha, é encontrado no individual e no coletivo; é transmitido oralmente e através das vivências; atinge principalmente os iniciados, mas também chega aos não iniciados que frequentam a Casa.

Algumas relações que a pesquisa pode observar não são tão explícitas, como a questão da etnia e da homossexualidade, observando fotos nos últimos 10 anos, pudemos observar que

o número de pessoas afrodescendentes que passaram a frequentar o Ilê e se iniciaram, aumentou e isso faz com que esse assunto apareça de alguma forma na fala e nas atitudes das pessoas, deixando de acontecer algumas piadinhas e brincadeiras que antes aconteciam, segundo o depoimento de uma Ebomi.

Um outro fator que chamou a atenção é a quantidade de homossexuais que frequentam e são iniciados no Ilê, fator esse que não apareceu nas entrevistas nem nos depoimentos, como as perguntas eram abertas e voltadas para a questão de como o Candomblé entrou na vida delas, não existia direcionamento para essa problemática, o intuito era verificar se mesmo não levantando o tema se ele apareceria e não teve nenhuma citação. Por serem muitos homossexuais e alguns casais que frequentam o Ilê, pode-se concluir que este é um espaço onde é aceito a convivência e eles e elas procuram dentro dessa religiosidade um espaço onde não exista o preconceito, mas acredito que a partir dessa conclusão este tema tenha que ser estudado com mais profundidade em um próximo trabalho.

As crianças exercem um papel muito interessante no Ilê, a cerca de 10 anos, elas eram poucas e raras, mas com o aumento da família, os casamentos internos e o nascimento de muitas delas, no último período houve a iniciação de quatro novos adeptos, e já existiam três iniciados, cujo dois deles ficaram muito tempo sem frequentar o lugar. Hoje, elas brincam de Candomblé, aprendem e ensinam “coisas do santo”, seguem seus pais e mães, mas também mantem um núcleo dentro do Ilê que pertence apenas a eles, quando se juntam em uma sala e começam a conversar e brincar. É muito interessante observar como essas atitudes mudam a forma com que os adultos ficam no Ilê, eles sempre estão preocupados se as crianças estão bem, se comeram, se não estão em lugares onde existe algum interdito e como nas roças de candomblé tradicionais, eles são responsabilidades de todos e todas.

A pesquisa observou também que as tecnologias fazem parte desse cotidiano no Ilê, na primeira folga que alguém tem durante uma “função” (atividade), ele corre para o celular para dar uma olhada nas mensagens de *WhatsApp* ou *Facebook*, e as crianças quando estão concentradas, estão jogando na internet. Essa forma de se relacionar com o espaço sagrado e a tecnologia vem mudando muito as atitudes dentro do Terreiro, onde antes os ensinamentos e vivências eram apenas orais, agora já possuem muito a imagética como forma de expressão. As pessoas da Casa de Candomblé se relacionam diariamente pelas Redes Sociais, e todos os recados, calendários e informações para o coletivo são multiplicados através desses meios. É interessante observar que um dos grandes problemas para o recolhimento é a não utilização do telefone celular para ver as redes Sociais, um Ogã chegou a contar que ele colocou nas Redes Sociais, que ficaria ausente por alguns dias e muitas pessoas queriam questionar porque, poucas

sabiam que ele iria realizar uma iniciação no Candomblé, mas o fato dele se ausentar da rede, chamou a atenção de amigos e da própria família biológica. Casos como esse se tornam cada dia mais comuns com a utilização das Redes e para alguns é uma coisa inusitada uma pessoa nos dias atuais ficar sem a utilização de aparelhos eletrônicos por diversos dias. O Ilê estudado segue os preceitos tradicionais e todas as interdições ocorrem a partir de princípios fundantes da religião, portanto a alimentação, a forma de acolhimento, de dormir e o cotidiano de alguém que entre para fazer uma iniciação ou dar uma obrigação seguem esses preceitos, sem tecnologias, sem contato com o mundo exterior, comendo as comidas votivas e preparadas dentro dos rituais necessários.

Quanto as entrevistas e depoimentos, a pesquisa procurou trazer as palavras das pessoas para se auto apresentarem, como uma forma de eliminar um pouco as interpretações e filtros, mas sabemos que no campo, a seleção é feita pelo pesquisador e isso traz em si uma visão de mundo. Não ocorreu preocupação com a etnia, faixa etária e gênero, mas sim com as posições das pessoas dentro do Ilê, a proposta era ter representantes de todas as posições hierárquicas, dentro do Ilê e fora dele com os Terreiros ancestrais.

Para que fossem procurados era necessário terem passado pelo processo de feitura ou de obrigação no período que foi realizada a pesquisa (2016-2018), os casos que estão fora desse critério estão ligados ao tema intolerância religiosa, mas todos e todas são ligados a ancestralidade do Ilê Àsé Afeemojumó, aos Terreiros ancestrais e a cidade de São Paulo.

Ao acompanhar um barco de iniciação por dois anos, observa-se que as pessoas saem de uma posição insegura de não saber como posicionar dentro do Ilê e com o passar do ano, elas assumem uma postura mais despojada, ensinando os mais novos e solidificando mais certezas, isso aparecem nas entrevistas que acontecem depois do primeiro ano de iniciação e demonstra que a pedagogia utilizada precisa desse caminho para que “os que virão”, consigam ingressar e manter a força dinâmica que sustenta o Ilê. Existe nos momentos de ritos individuais e outros que precisam do coletivo, mas segundo o Pai Francisco, todos eles contribuem para o crescimento do Asé como força vital da Casa de Candomblé. Esse momento é individual e coletivo, para quem passa pela iniciação no Candomblé é um momento único, que não poderá mais ser vivido, é coletivo também porque se tem o “barco”, no qual as pessoas vivenciam juntos a experiência de ficar “recolhida” juntas no Roncó, e esse coletivo se expande, quando todos no Ilê, participam dessa iniciação, trabalhando, cuidando, doando, contando histórias, vivenciando a iniciação do outro.

O estudo de caso no Ilê Àsé Afeemojumó, aferiu um caminho utilizado para uma pessoa se iniciar na religião, existe primeiramente um despertar, e na maioria das entrevistas isso

aconteceu quando elas foram assistir uma Festa de Orixá, normalmente levada por um amigo ou parente próximo. Depois de se encantar, acontecia o Jogo de Búzios, um Ebó (limpeza) e antes dela chegar ao estágio da iniciação, é pedido que frequente a Casa em momentos diferentes da Festa para verificar se realmente é isso que ela quer para sua vida, ela passa pela fase de “namoro”, citada pelo Babalorixá, na qual ajuda a depenar uma galinha, limpa um chão ou um banheiro, lava uma louça e começa a viver os momentos junto da família de santo.

Para que toda essa pedagogia funcione, é necessário seguir a hierarquia, onde cada Ilê tem seu Babalorixá ou Iyalorixá, sendo independente uns dos outros, mas com um fio condutor entre eles que são as redes familiares formadas em torno das casas ancestrais. No acompanhamento do Ilê, observou-se que os ritos são seguidos a partir da Casa de Pai Nezinho, que hoje é liderada por Mãe Cacho, além de ter ramificações com o Terreiro do Gantois, tem também com a casa de Mãe Juju em São Paulo. O papel exercido por ogãs, equedes e ebomis, também é relevante dentro dessa hierarquia, para que os “mais novos” possam ir entendendo a religiosidade e a cultura vivida dentro dos portões de uma Casa de Candomblé.

As famílias biológicas também são acolhidas no Ilê, pois ao ingressar um novo Iyawô de certa forma, uma nova família começa a fazer parte da Casa de Candomblé, porque em vários momentos coletivos elas podem adentrar ao lugar e serão recebidas como parte desse grande conjunto que é a Família de Santo. Pode-se destacar uma fala da Ebomi de Ogum, “...Os elos criados no Candomblé, lembram uma corrente na qual um se liga ao outro a partir de uma irmandade fundada em ações que vão desde o primeiro acolhimento até sua partida deste mundo”, isso explica como a família é simbolizada e recriada nesse lugar, e como a iniciação de um adepto desenvolve esse vínculo, o mais velho tem responsabilidade pelo mais novo e quando esse mais novo se iniciar e se tornar Ebomi, também terá responsabilidade com os que virão, devido a essa forma de se pensar e se construir o conceito de família cabe bem ao Candomblé.

Observou-se que alguns filhos de santo acabam tendo mais proximidade à família do Babalorixá e chegam a até a integrar esse coletivo com a consideração de ser filho postigo, são as relações que encontramos no interior do Ilê. Mas nem sempre essas relações são só harmoniosas, como em qualquer família, aparecem problemas, fofocas, algumas discussões, mas segundo o Pai Francisco, “... *somos igual a qualquer família, nos abraçamos, choramos, brigamos, mas estamos juntos para tudo que precisar, cada um tem sua individualidade que não deve se sobrepor ao coletivo.*”

Alguns filhos de santo, ficam um tempo no Ilê, mas não se adaptam e pegam seus pertences e vão embora, ficam com amizades na Casa, mas não serão mais considerados da

Família de Santo, o vínculo iniciático estabelece relações de natureza familiar, mas podemos observar que os fundamentos principais que mantêm esses elos, são os laços de confiança mútua, quando o adepto cria uma aproximação com o Babalorixá ou Iyalorixá e com o Ilê, transcendendo os compromissos e regras assumidos em caráter iniciático e assumindo o caráter social e coletivo desse núcleo.

A mobilidade entre as famílias de santo acontece por vários motivos, um deles é quando a liderança do terreiro falece, e existe incompatibilidade de seguimento naquele lugar, outra é, o peso do poder e do glamour que atingem muitas pessoas como uma forma de ascensão social, onde as pessoas precisam ascender socialmente no grupo para continuar frequentando. Essa mobilidade, pode ser considerada também um fenômeno amplificado pelas relações existentes nas grandes cidades, nas quais existem uma enorme quantidade de lugares para se frequentar, as vezes criando um mercado vasto para ser desbravado, mas segundo alguns entrevistados, isso não acontece na Casa de Candomblé estudada, pois trata-se de um núcleo religioso mais contido e familiar, que não disputa espaço no mercado de serviços mágicos na cidade de São Paulo.

Quanto a imagética, observa-se que as imagens sempre exerceram forte fascínio entre as pessoas do Candomblé, pois como explica o Babalorixá, “... *antigamente para saber se uma pessoa “feita”, a única prova eram as fotos tiradas na sua saída de santo, não é como agora que temos livros de filiações, você precisava guardar uma foto para provar e só. Hoje temos muitas fotos, mas precisamos guardar nossos Orixás, foto de Orixá só para consumo interno, não deixo as pessoas da plateia, filmar e ficar fotografando os atos e os Orixás para não cair na mão de pessoas errôneas e elas usarem na internet, a gente tem que se proteger.*” Essa preocupação do mau uso de imagens é uma constante no povo do santo, apesar de qualquer pessoa encontrar vídeos com Orixás, festas e até rituais em muitos sites.

Pude fotografar muitas manifestações de carinho em momentos diversos no Ilê, muitas vezes as pessoas nem percebiam que estavam sendo fotografadas, só depois eu pedia autorização, porque acredito que eram momentos espontâneos que precisavam ser registrados. Momentos de tristeza também foram vividos pelo coletivo ao longo da pesquisa, mas limitei a escrever a sobre eles e como eram os sentimentos que eles provocam nos filhos de santo.

Os “retratos” percorreram muitos momentos que são vividos dentro do Ilê e fora dele, mas a pesquisa pode observar que se vive de forma coletiva, são festas, aniversários, almoços e jantares, atividades culturais, manifestações, nas quais a Família de Santo se une para participar, solidificando os elos que foram criados a partir das relações descritas anteriormente, na maioria desses momentos são feitos convites coletivos, para que adesão seja a partir da

disponibilidade e interesse de cada pessoa. As crianças costumam frequentar todos esses momentos, pois acompanham seus pais, sendo que o chama atenção, é que com o crescimento deles, juntos, já estão montando um novo núcleo no Ilê no qual querem se encontrar para brincar e sabem que quando ocorrem as festas de candomblé e as gerais, eles podem se divertir juntos. Portanto esses são outros elos que estão crescendo no Ilê e junto com as crianças, aumentando os laços de solidariedade entre todos.

Nas entrevistas e nas observações, muitas falas relacionadas a intolerância religiosa, foram detectadas, até em relação às crianças que estão começando a vivenciar seus caminhos dentro do Asé, ficou claro que não comentam na escola que são do Candomblé, para não sofrerem represálias dos amiguinhos e professores, escondem seus contra-eguns (fio de palha ritual que serve para proteção individual) para que ninguém veja e pergunte o que é aquilo. Os mais velhos também fazem as mesmas coisas, podem se defenderem um pouco mais, mas quando chegam na vizinhança com os cabelos raspados, todos vestidos de branco, todos alegam que sofrem estranhamento por parte das pessoas.

Nesse contexto a intolerância aparece com atitudes, olhares e até discriminação, seja na vizinhança ou nos locais de trabalho, a pesquisa pode observar na maioria das entrevistas, conversas, depoimentos, nas redes sociais, em jornais, programas de rádio e televisão, na rua, em casa... como é notório e escancarada esses atos de intolerância e ao mesmo tempo, como eles acabam ficando impunes e as vezes naturalizados pelas pessoas, sendo essa impunidade um dos motivos para o aumento dessas situações.

Foram vários relatos que nos remetem às raízes desse tipo de atitude e no Brasil, podemos dizer que remontam do período colonial, mantendo uma relação direta entre poder político e econômico. A cultura afro brasileira sobrevive à perseguições e segue fortalecendo seu patrimônio simbólico e cultural, e os terreiros e locais de culto fazem parte dessa resistência, que de forma sincrética ou não, reforçam nesses espaços as formações e trocas culturais assumindo uma posição de lugar que oferece uma concreta organização de grupos, que cultuam, vivenciam e oferecem espaço para essa cultura sobreviver e isso incomoda a ordem e o poder vigente.

A disseminação de discursos, principalmente os realizados por vertentes de Igrejas Neopentecostais, ajudam a “requentar” uma fórmula utilizada em outros tempos em nossa sociedade, como o ódio ao diferente, são teorias de fácil assimilação pelos fiéis frequentadores das igrejas e locais de culto, são esses resquícios do discurso colonial e escravagista que assume a lógica do preconceito, do racismo, do machismo e que coloca o outro em uma condição não

humana, ou pelo menos não mesmo patamar de humanidade que os fiéis da igreja e com a assimilação que poderiam dar a esses “outros” um tratamento inferiorizado e subalterno.

Podemos concluir que a intolerância de natureza religiosa, é uma das faces com que o racismo aparece em nossa sociedade, e esse arcabouço de conceitos se vale do judiciário para se legitimar e das mídias (sociais e televisivas) para se multiplicar. O *ethos* cultural afro brasileiro, com seu ritmo, sua dança, seu corpo, sua espiritualidade está entre as raízes da sociedade brasileira devido a toda nossa herança, mas é negado por muitos pelo mesmo motivo. A pesquisa observou que no pequeno universo de um Ilê, medidas são tomadas para amenizar os problemas envolvendo a intolerância religiosa, além de toda reforma no Ilê Asé Afeemojumó, buscando maior proteção e sigilo para as atividades da Casa, a questão do horário das Festas de Orixás, de não expor as pessoas em transe em fotos que não seja para consumo próprio, cuidar para as crianças não possam vir discriminadas na escolar participação em atos políticos, faz com que a cultura de paz seja plantada dentro daquele espaço, sem esquecer que é lá também que acontece a resistência contra a Intolerância Religiosa.

Finalizo esta dissertação, entendendo que “retratar” essa Casa de Candomblé, foi um grande desafio, no qual foi me ensinado que como pesquisadora eu também posso vivenciar os momentos junto com as pessoas e também fazer sua etnografia, somando esses olhares com as entrevistas, depoimentos, observações participantes ou não, fotos e vídeos, podemos ter um rico acervo de vivências que podem ajudar a entender quais são os sentimentos das pessoas que trilham esse caminho do Asé.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFLALO, Fred. **Candomblé uma visão do Mundo**. São Paulo: Mandarin, 1996.
- AMARAL, Rita. **Xirê! O modo de crê e de viver no Candomblé**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 2. ed. São Paulo. EDUSP, 1983.
- AUGRAS, Monique. **O duplo e a metamorfose: identidade mítica em comunidades nagô**. 2. ed. – Petrópolis/ RJ: Vozes, 2008.
- AZEVEDO, Thales de. **O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social**. Salvador-BA: EDUFBA, 2002.
- BABHA, Homik. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BARBARA, Rosamaria Susanna. **A dança das Aiabás-dança, corpo e cotidiano das mulheres no candomblé**. 2001. 200 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- BARRETTI FILHO, Aulo. **Dos Yorubá ao Candomblé Ketu**. São Paulo: 2010
- BARRETO, José de Jesus. **Candomblé da Bahia-resistência identidade de um povo de fé**. Salvador-BA: Solisluna Editora, 2009.
- BARTH, Frederick. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. Teorias da Etnicidade. São Paulo: UNESP, 1998.
- BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia: rito nagô**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BENISTE, José. **Jogo de Búzios-um encontro com o desconhecido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- _____. **Mitos Yorubás – o outro lado do conhecimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- _____. **Orun Aiyé, o encontro de dois mundos – O sistema de relacionamento Nagô Yorubá entre o Céu e a Terra**. 4. ed. - Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2004.
- _____. **As águas de Oxalá-àwon Omi Osala**. 6. ed. Rio de Janeiro, 2010.
- _____. **Dicionário Yorubá-Português**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas-magia e técnica, arte e política**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- BRAGA, Júlio. **Fuxico no Candomblé**. Estudos Afro-Brasileiros. Feira de Santana-BA UEFS.1988.
- BOAS, Franz. **A mente do ser humano primitivo**. 2. ed. – Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2010.

_____. **Arte primitiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Tradução Carlos Nelson Coutinho; apresentação de Celso Lafer. Nova ed. 7. reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. Whatmakes a social class? On the theoretical and practical existence of groups. **Berkeley Journal Sociology**. United States, n. 32, p. 1-49, 1987.

_____. **O poder do simbólico**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. **Os usos sociais da ciência**. Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP. 2004.

BRAGA, Júlio. **Fuxico no candomblé**. Feira de Santana-BA: UEFS, 1998.

BRANDÃO, Gersonice Equede Sinha. Equede: a mãe de todos – Terreiro da Casa Branca. Org. Alexandre Lyrio e Dadá Jacques. Salvador: Barabô, 2015.

CABRERA, Lydia. **Iemanjá e Oxum**. São Paulo: EDUSP, 2004.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34/EDUSP, 2003.

CAMARGO, Denise. **Imagética do candomblé**, uma criação no espaço mítico-ritual. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

CAPONE, Stefania. **Os Yorubá do novo mundo**. Religião, Etnicidade e nacionalismo negro nos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos terreiros**. Rio de Janeiro, Pallas, 2012.

CARROL, Henry. **Leia isto se quer tirar fotos incríveis de gente**. 3. reimpressão. São Paulo: Gustavo Gilli, 2015.

CASTILHO, Lisa Earl. **Entre a oralidade e a escrita, a etnografia nos candomblés da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2010.

CHADA, Sônia. **A música dos caboclos nos candomblés baianos**. Salvador, EDUFBA, 2006.

CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COSSARD, Gisele **Omindarewá Awô** – o Mistério dos Orixás. 2. ed., 1. reimpressão. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

COSTA, Emília Viotti. **A abolição**. 9. ed., 1. reimpressão. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

DaMATTA, Roberto. **A Casa e a rua, espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. – Rio de Janeiro. Rocco, 1997.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. **Ancestrais, uma introdução a história da África Atlântica**. 3. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. 2. ed. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

FERRETI, Sérgio. **Repensando o sincretismo**. 2. ed. – São Paulo: EDUSP, Arché Editora, 2013.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

HERSKOVTTIS, Melville J. "The Southermost Outpost of the New World Africanisms". **American Anthropologist**. United States, v. 45, n. 4, p. 495-590, 1943.

HEYWOOD, Linda M. **Diáspora negra no Brasil**. São Paulo. Contexto, 2008.

LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

LEVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo. Difel, 1962.

LIMA, Vivaldo da Costa. **Encontro de nações de Candomblé**. Salvador-BA: Ed. Ianamá, 1984.

_____. **A família de santo nos candomblés Jejes-Nagôs da Bahia: um estudo das relações intragrupais**- 2. ed. Salvador-BA: Corrupio, 2003.

_____. **Encontro de nações de candomblé**. Salvador, CEAO / UFBA e Ianamá, 1984.

_____. **Lessé Orixá nos pés do santo**. Salvador-BA: Corrupio, 2010.

LODY, Raul. **O povo do santo: religião, história e cultura dos Orixás, voduns, inquices e caboclos**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2006.

_____. **Santo também come**. 2. ed., 1. reimpressão. Rio de Janeiro, 2012.

LUHNING, Ângela. **Música: o coração do candomblé**. **Revista USP**, São Paulo, n. 7, P. 115-24, 1990.

LUZ, Marco Aurélio. **Cultura Negra e ideologia do recalque**. 3. ed., Salvador-BA: EDUFBA, 2011.

_____. **Do tronco ao Opa Exim - Memória e Dinâmica da tradição afro-brasileira**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

MACEDO, Bispo. **Orixás, Caboclos e guias: deuses ou demônios**. Rio de Janeiro: Unipro, 2016.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. 2. ed., 2. reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. **Sobre o sacrifício**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MEDEIROS, José. **Candomblé**. São Paulo: IMS, 2009.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom e HOLLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**- 2. ed. São Paulo, 2011.

MOTTA, Roberto. Catimbós, xangôs e umbandas na região do Recife. In: MOTTA, Roberto. (Coord.). **Os afro-brasileiros**. Anais do III congresso afro-brasileiro. Recife: Massangana, 1985, p. 109-123.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **As senhoras do pássaro da noite**. São Paulo: EDUSP, 1994.

_____. **Culto aos Orixás** - voduns e ancestrais nas religiões afro-brasileiras. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

MOURA, Margarida Maria. **Nascimento da antropologia cultural**. São Paulo: HUCITEC, 2004.

MUNANGA, Kabengele. **Cem anos e mais de bibliografia do negro no Brasil**. São Paulo: Universidade de São Paulo-USP, Fundação Cultural Palmares, 2002.

NOVAES, Sylvia Caiuby. **Entre a arte e a ciência** - a fotografia na antropologia. São Paulo: EDUSP, 2015.

OMINARÉ, Babalorixá. **Candomblé de Keto (Alaketo)**. 6. ed., 4. reimpressão. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

OPIPARI, Carmem. **O Candomblé, imagens e movimento São Paulo-Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2009.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro Negro**. Petrópolis, Vozes, 1978.

_____. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.

OXALÁ, Adilson. **Igbadu, a cabaça da existência** - Mitos Nagôs revelados. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

PEREIRA, José Carlos. **Sincretismo religioso e ritos sacrificiais** - Influências das religiões afro no catolicismo popular brasileiro. São Paulo: Zouk, 2004.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciências sociais e religião: a religião como ruptura**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil**. São Paulo, Hucitec, 1996.

_____. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999.

POLI, Ivan da Silva. **Paidéia Negra, a nova pedagogia dos Orixás**. São Paulo: Terceira Margem, 2016.

PRANDI, Reginaldo. **Herdeiras do Axé: sociologia das religiões afro-brasileiras**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. Linhagem e legitimidade no Candomblé paulista. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, n. 14, p. 18-31, 1990.

_____. **Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova**. São Paulo: Hucitec, 1991.

_____. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização: in CAROSO, Carlos; CACELAR, Jeferson (Orgs.). *Faces da tradição afro-brasileira*. Rio de Janeiro, Pallas, 1999. pp. 93-112.

_____. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

_____. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. **Civitas**. Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 15-33, jun. 2003.

_____. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 18, n. 52, p. 223-238, set./dez. 2004.

_____. **Segredos guardados: Orixás na alma brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RABELO, Miriam C. M. **Enredos, feitura e modos de cuidado, dimensões da vida e da convivência no candomblé**. Salvador-BA: EDUFBA, 2014.

REBOUÇAS FILHO, Diógenes. **Pai Agenor**. Salvador-BA: Corrupio, 1998.

RICARDO, Mariano. **Neopentecostais - sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ROCHA, Agenor Miranda. **As nações ketu, origens ritos e crenças – os candomblés antigos do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

_____. **Caminhos de Odu**. 3. ed. Rio de Janeiro, Pallas, 2001.

RODRIGUES, Maria ds Graças de Santana. **Orí Àpéré Ò – O Ritual das águas de Oxalá**. São Paulo: Summus, 2001.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **O animismo fetichista dos negros bahianos**. São Paulo, Civilização Brasileira, 1935.

SANTOS, Edmar Ferreira. **O poder dos candomblés, perseguição e resistência no recôncavo da Bahia**. Salvador-BA: EDUFBA, 2009.

SANTOS, Jocélio Teles dos. **Discutindo etnicidades. Alimentação, afro-religiosidade, percursos intelectuais negros, política linguística e adornos corporais indígenas**. Salvador-BA: UFBA, 2014.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a morte: padé, asèsè e o culto Égun na Bahia**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1986.

SANTOS, Deoscoredes M.; LUZ, Mauro Aurélio. **O Rei nasce aqui Oba Bayi, a educação pluricultural africano-brasileira**. Salvador-BA: Fala Nagô, 2007.

SANTOS, Deoscoredes M. **Contos negros da Bahia e contos de Nagô**. Salvador-BA: Corrupio, 2003.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Mauricio. **Memória D'África – a temática Africana em sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

SILVA JR, Hédio. **A Liberdade de crença como limite da regulamentação do ensino religioso**. 2002. Tese (Doutorado em Direito Constitucional). Programa de Estudos Pós-Graduados em Direito, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2002.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira**. 5. ed. Brasília-DF: Selo Negro Edições, 2005.

_____. **Exu - o guardião da casa do futuro**. São Paulo: EDUSP, 2015a.

_____. **Intolerância religiosa – Impactos do Neopentecostalismo no campo religioso afro brasileiro**. 1. reimpressão. São Paulo: EDUSP, 2015b.

SILVA, Vagner Gonçalves et al. **Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007

_____. **O Antropólogo e sua magia – Trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras**. 1. ed., 2. reimpressão. São Paulo: EDUSP, 2015c.

SODRÈ, Muniz; LIMA, Luís Filipe de. **Um vento sagrado - história de vida de um adivinho da tradição Nagô - Keto brasileira**. 2. ed. - Rio de Janeiro: MAUAD, 1996.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1988), 96 p.

SOUTY, Jeromê. **Pierre Fatumbi Verger: do olhar livre ao conhecimento iniciático**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

T'ÒGÚM, Altair. **Elégun - iniciação no Candomblé, feitura de Ìyawó, Ogán e Ekéji**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas. 2009.

TACCA, Fernando. **Imagens do Sagrado – entre Paris Match e o cruzeiro**. Campinas/SP: Editora UNICAMP/Imprensa Oficial do Estado SP, 2009.

VALLADO, Armando. **Iemanjá, a grande mãe africana no Brasil**. Rio de Janeiro, Pallas, 2002.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Lendas Africanas**. 4. ed. – Salvador-BA: Corrupio, 1997.

_____. **Orixás: Deuses iorubás na África e no novo mundo**. 6. ed. Salvador-BA: Corrupio, 2002.

VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antônio da Silva; BARROS, José Flávio Pessoa de. **A galinha d'Angola: iniciação e identidade na cultura afro-brasileira**. 3. ed. 3. reimpressão. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José C. de. **Formação do Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1994.

APÊNDICE A – Exemplo das perguntas elaboradas para o formulário do Google

Formulário Google

- a) Apresentação – Nome da pesquisa e foto da Casa de Candomblé
- b) Nome
- c) Tempo de Iniciado
- d) Local de Nascimento
- e) Etnia- Como você se auto declara?
 - () Negro
 - () Branco
 - () Pardo
 - () Outros
- f) Como o Candomblé entrou na sua vida?
- g) Pessoalmente, você sente problemas relativos a intolerância religiosa?
- h) Você conhece pessoas ou fatos que estejam ligados a intolerância religiosa?